

Lúcia Cristina Gomes Paiva

2º Ciclo de Estudos em História, Relações Internacionais e Cooperação

Questões Essenciais Para Uma Análise Global do Fenómeno do Volunturismo:  
Estudo de Caso

2014

Orientadora: Professora Doutora Natália Maria Azevedo Casqueira

Classificação: Ciclo de estudos:

Dissertação/relatório/ Projeto/IPP:



## **Resumo**

O volunturismo tem tido um interesse crescente em todo o mundo, em que cada vez mais um maior número de pessoas troca as suas férias de lazer por um contributo mais pessoal, mais íntimo e por um turismo mais consciente e sustentável ao se voluntariarem fora do seu país.

Este trabalho pretende averiguar de onde surgiu o volunturismo, em que moldes se encontra e as diferentes perspetivas daqueles que observam o volunturismo mais de próximo, assim como analisar as críticas feitas ao volunturismo por investigadores e pelos meios de comunicação social.

A pesquisa empírica oferece um olhar de dentro daqueles que se voluntariam nas suas diversas formas, desde vários pontos de partida a variados destinos.

**Palavras-chave:** volunturismo; turismo de voluntariado; turismo solidário; turismo sustentável; imersão cultural; intercâmbio cultural; globalização

## **Abstract**

Voluntourism has been getting a growing interest worldwide, in which, more and more people exchange their leisure holiday plans for a more personal, more intimate contribution and for a more conscious and sustainable tourism by volunteering abroad.

This project aims at finding out where voluntourism has emerged from, in which forms can be found and the different perspective of those who observe it closely, as well as analyzing the criticism made to voluntourism by researchers and social media.

The empirical research offers a look inside the world of those who volunteer in different ways, from several departure points to various destinations.

**Keywords:** voluntourism; volunteer tourism; volunteer vacation; sustainable tourism; cultural immersion; cultural interchange; globalization

## **Résumé**

Le volontourisme a eu un intérêt croissant dans le monde entier, où de plus en plus de gens échangent leurs vacances de loisirs pour une contribution plus personnelle, intime et un tourisme plus conscient et durable au bénévolat à l'étranger.

Ce projet vise à trouver où volontourisme a émergé, dont les formes peuvent être trouvés et le point de vue différent de ceux qui l'observent plus proche, ainsi que d'analyser les critiques de volontourisme par les chercheurs et les médias sociaux.

La recherche empirique offre un regard à l'intérieur de ceux monde qui se portent volontaires de différentes façons, à partir de plusieurs départs vers des destinations diverses.

**Mots-clés:** volontourisme; tourisme équitable; vacances humanitaire; tourisme solidaire; tourisme durable; immersion culturelle; mondialisation



## Agradecimentos

Ao olhar no tempo, desde o início deste projeto até este momento, vejo um percurso de golf, com muito terreno e dunas de areia e lagos e arbustos quase que impenetráveis e é de uma satisfação imensa chegar a este ponto em que a 18.<sup>a</sup> bandeirinha verde acena um olá reconfortante...

Este percurso não poderia ser percorrido sem o apoio da Prof.<sup>a</sup> Natália Azevedo que sempre mostrou prontidão em ajudar, oferecendo-me uma visão clara e direta dos caminhos possíveis e o que seria o resultado final. Estou imensamente grata pelos momentos Eureka! resultantes das contribuições feitas pela Professora.

Um agradecimento muito especial a todos os entrevistados que me deram um bocado do seu tempo e me coloriram as horas com histórias de aventura, de vida e de coragem, espero vos representar bem neste trabalho que também vos pertence.

À minha filha, a quem roubei horas de dedicação, espero que este projeto de desenvolvimento pessoal se reflita em ti e no relacionamento que temos. Se me esforço por empurrar além dos meus limites pessoais é para tu veres que os teus próprios limites não são aqueles que vês, mas aqueles que estão muito além daquilo que te está agora disponível ver...

Gostaria de agradecer também à minha família e amigos que de uma maneira ou outra deram um pouco da sua paciência e apoio para a concretização deste projeto.

Aos meus colegas de curso mais próximos, pelas horas de discussão que tivemos, as partilhas de frustração e o intercâmbio de informação e técnicas.

Aos meus professores que me proporcionaram horas de inspiração.

À Faculdade de Letras e a sua incrível biblioteca, assim como todos os assistentes, muito obrigada!





## **Índice**

Índice de Tabelas	10
Introdução	11
I – Do volunturismo: quadro conceptual do fenómeno	13
1.1 – Enquadramento temporal do volunturismo - a origem	13
1.2 – Breve análise conceptual do volunturismo	16
1.3 – Quadro crítico do fenómeno do volunturismo	18
1.4 – Contextualização do crescimento do volunturismo observado nas últimas décadas	21
II – O fenómeno global do volunturismo: enquadramento do problema científico e procedimentos metodológicos	24
2.1 – Questões, objetivos e pertinência do objeto de estudo	24
2.2 – Procedimentos metodológicos	25
III – O volunturismo em estudo de caso	31
3.1 – Caracterização Sociodemográfica dos Entrevistados	31
3.2 – Experiências sociais de volunturismo	34
Considerações Finais	58
Referências Bibliográficas	63
<b>Anexos</b>	70
Anexo I – Mensagem do Anúncio de Pedido de Participação no Estudo	71
Anexo II – Lista de Entrevistados Previstos	72
Anexo III – Lista de Datas das Entrevistas	73
Anexo IV - Guião de Base das Entrevistas aos Voluntários Internacionais (em Português)	74
Anexo V – Guião de Base das Entrevistas aos Voluntários Internacionais	

(em Inglês)	75
Anexo VI – Testemunhos dos Entrevistados	76
Anexo VII – Transcrição da Entrevista com o Entrevistado 5 (em Português)	137
Anexo VIII – Transcrição da Entrevista com a Entrevistada 6 (em Inglês)	144

## Índice de Tabelas

Tabela 1.1 – Origens do Volunturismo	16
Tabela 2.1 – Grupos do <i>Couchsurfing</i>	28
Tabela 3.1 – Lista de Entrevistados Efetivos	31

## **Introdução**

O volunturismo é uma nova tendência de turismo alternativo, onde o indivíduo pode aliar uma experiência de turismo normal com uma experiência de voluntariado no país que pretende visitar. Desde a década de 1990 temos visto um aumento de interesse neste ramo do turismo e com o interesse também a oferta tem crescido com inúmeras organizações com e sem fins lucrativos a proporcionar este tipo de experiência que pode variar em termos de localização, duração do programa e área de atividade.

Com o crescimento desta atividade, aumentou também o número de obras de investigação científica que abordam várias dimensões do turismo de voluntariado, assim como alguma crítica por parte dos meios de comunicação social e de investigadores no campo do turismo, desenvolvimento e ajuda humanitária, em que a maior discussão recai sobre os efeitos dos voluntários no país de acolhimento.

Neste trabalho pretendemos, no primeiro capítulo, situar o lugar do volunturismo no tempo e analisar as vertentes humanitárias e turísticas que juntamente têm influenciado este tipo de turismo sustentável. Também vamos ter a oportunidade de explorar algumas definições do volunturismo de acordo com os vários autores que desenvolveram o tema. De seguida, pretendemos dar uma perspetiva das críticas que existem e fazer um enquadramento da razão pela qual esta é uma tendência em crescimento.

Com o intuito de perceber melhor as diferenças e semelhanças dos tipos de projetos de volunturismo que existem, através do sistema sensorial de quem o faz, fizemos uma pesquisa empírica onde procuramos averiguar as motivações, vivências pessoais, dimensão de voluntário que existe nos voluntários e as suas opiniões sobre o volunturismo.

No segundo capítulo, fazemos um desenho do objeto de estudo, através dos objetivos e questões de partida, assim como, descrevemos os procedimentos metodológicos que seguimos para analisar este fenómeno.

No terceiro capítulo procedemos à apresentação dos atores envolvidos na pesquisa empírica e analisamos os dados recolhidos de acordo com as dimensões de análise do volunturismo estabelecidas pelo desenho do objeto de estudo.

Por fim, apresentamos as nossas conclusões ao estudo com as considerações finais e fornecemos algumas sugestões no sentido de estudos futuros.

## **I – Do volunturismo: quadro conceptual do fenómeno**

### **1.1 – Enquadramento temporal do fenómeno do volunturismo - a origem**

Apesar das últimas duas décadas terem visto um crescimento significativo do fenómeno do turismo de voluntariado, numa vertente humanitária, podemos considerar 1920 como o início mais distante do conceito de volunturismo (Tomazos e Butler, 2009; Daldeniz e Hampton, 2010), quando Pierre Céréssole, um engenheiro Suíço, criou um movimento de paz e humanidade após a 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial. O primeiro projeto de voluntariado internacional terá sido em Verdun, na França, num antigo campo de batalha. O campo de trabalho do projeto tinha como objetivo reconstruir a vila de Esnes-en-Argonne que tinha sido destruída pela guerra e seria o símbolo de reconciliação entre a França e a Alemanha. Entre o pequeno grupo de voluntários internacionais estavam três alemães <sup>1</sup>.

O segundo projeto de voluntariado internacional foi em Les Ormonts, na Suíça, onde 12 voluntários ajudaram a limpar os escombros de uma avalanche. Após estes dois projetos, outros foram organizados durante os 10 anos seguintes no âmbito de ajuda a regiões afetadas por desastres naturais. A partir de 1931 os projetos de voluntariado começaram a ser implementados noutras áreas de responsabilidade social, tais como projetos comunitários (País de Gales) e ajuda ao desenvolvimento (Índia). Projetos humanitários também começaram a ser desenvolvidos, tais como o apoio a crianças refugiadas durante a Guerra Civil Espanhola e 20 anos mais tarde a órfãos da Tunísia durante a guerra de independência da Argélia <sup>2</sup>.

Já no outro hemisfério, em 1951 Herbert Faith, um jovem Australiano de 20 anos viajou de barco até Jacarta com a ideia radical de viver, trabalhar e aprender ao lado da comunidade local. Nesse mesmo ano voluntariou-se lá como Tradutor no Ministério de Informação. É considerado o primeiro voluntário internacional Australiano. Foi a sua filosofia que inspirou a criação da organização Voluntários Internacionais Australianos uma década mais tarde <sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> 'Our history', *SCI Service Civil International: volunteering for peace*, disponível em <http://www.sciint.org/learn-about-sci/155>, consultado a 15 de agosto de 2014.

<sup>2</sup> *Idem*.

<sup>3</sup> 'About Herb Faith', *Australian Volunteers International*, disponível em <http://www.australianvolunteers.com/about-us/who-we-are/our-story/herb-feith.aspx>, consultado a 15 de agosto 2014.

No Reino Unido, Alec e Mora Dickson iniciaram a organização *Volunteer Service Overseas* em 1958 quando, em resposta ao Bispo de Portsmouth enviaram 16 voluntários para ensinar Inglês no estrangeiro <sup>4</sup>.

Em 1961 o Presidente John F. Kennedy assina a Ordem Executiva 10924, fundando o serviço *Peace Corps* (Brown e Morrison, 2003; Daldeniz e Hampton, 2010), ideia que teve origem num discurso seu na Universidade de Michigan durante a sua campanha à presidência onde pergunta quantos daqueles estudantes estariam dispostos a servir o seu país e a causa da paz trabalhando e vivendo no mundo em desenvolvimento <sup>5</sup>.

A partir dos anos 1960 o serviço voluntário internacional começou a desenvolver em maior escala com o estabelecimento de programas ligados à educação, como o Serviço de Aprendizagem em 1965 e os programas de estudo no estrangeiro nos anos 1970 <sup>6</sup>.

Ao mesmo tempo, e numa vertente turística, a indústria do turismo desenvolve-se como uma indústria global, cujo crescimento é atribuído à globalização do capitalismo, ao movimento das populações, aos avanços na área dos transportes e às tecnologias de comunicação modernas (Barbieri, Santos e Katsube, 2012). Se por um lado existe o crescimento do interesse de quem procura sítios novos para viajar, por outro lado, o turismo surge como uma solução para alimentar a economia de muitas comunidades (Latkova, 2008; Perdue, Long e Allen, 1987; Ayobami, Ismail e Elwa, 2012), onde existe o potencial de oferecer muitos benefícios, como a melhoria da qualidade de vida pelo aumento das oportunidades de emprego, rendimentos em forma de impostos, diversidade económica, comércio e atividades culturais.

Mas com o aumento de turismo, aumenta também a potencialidade dos impactos negativos, tais como o aumento de pessoas, trânsito, crime, custos de vida, poluição, fricção entre turistas e residentes que provocam, eventualmente, mudanças no modo de vida dos residentes (Andereck et al., 2005; Ayobami, Ismail e Elwa., 2012).

Com a disponibilidade financeira e a facilidade de mobilidade registados nos últimos anos, existe uma saturação do mercado de turismo e dos pacotes turísticos de massas, fazendo com que o turista procure algo de diferente, um tipo de turismo novo (Stoddard e Rogerson,

---

<sup>4</sup> 'Our history', *VSO International*, disponível em <http://www.vsointernational.org/vso-today/who-we-are/our-history.asp>, consultado a 15 de agosto de 2014.

<sup>5</sup> 'History: A Proud History, An Ever-Changing World', *Peace Corps*, disponível em <http://www.peacecorps.gov/about/history/>, consultado a 15 de agosto de 2014.

<sup>6</sup> 'History of VolunTourism', *VolunTourism*, disponível em <http://www.voluntourism.org/inside-history.html>, consultado a 15 de agosto de 2014.

2004). A indústria de turismo num esforço de se adaptar aos interesses em mutação dos turistas cria um novo nicho de turismo, o turismo de experiências, onde se pretende destacar os valores e as experiências do turista (Lew, 2008; Stanis, Barbieri, 2013).

Por outro lado a crítica antropológica do turismo que afirma que este traz perigos porque corrompe a cultura, transforma o que é sagrado no meramente profano, banaliza a ritualística, transformando o que é autêntico em espetáculo (Shepperd, 2002), além dos impactos ambientais do turismo de massas, cria um grupo de turistas conscientes que pretendem, nas suas viagens, minimizar os resultados negativos do turismo de massas (Manea et al., 2013).

Nasce assim o turismo alternativo, um turismo em pequena escala que se focaliza nas pessoas, liderado pela comunidade, que busca o benefício dos hóspedes, hospedeiros e o ambiente social e cultural circundante. Um género de turismo alternativo é o turismo de voluntariado, no qual os indivíduos combinam viagem, lazer e recreação com trabalho voluntário (Lyons & Wearing, 2008; McGehee & Andereck, 2009; Raymond & Hall, 2008; Singh, 2002, 2004; Wearing, 2001; Barbieri, Santos e Katsube, 2012).

Foi então que, desde a década de 1990 foi criado um nicho para pessoas que gostam de voluntariado com ofertas de férias e viagens de voluntariado. Se por um lado, existem autores que defendem que o turismo de voluntariado tem sucesso porque se encaixa à mudança de interesses dos turistas (Stoddart e Rogerson, 2004), outros defendem que a promoção do turismo de voluntariado com os mesmos moldes do turismo de massas é que lhe deu o sucesso que tem nos dias de hoje (Ellis, 2003; Manea et al., 2013).

No sentido de simplificar a trajetória pelas origens do volunturismo até à forma em que se apresenta hoje, desenvolvemos um esquema resumindo o que apresentámos até ao momento, que pode ser consultado na tabela abaixo.



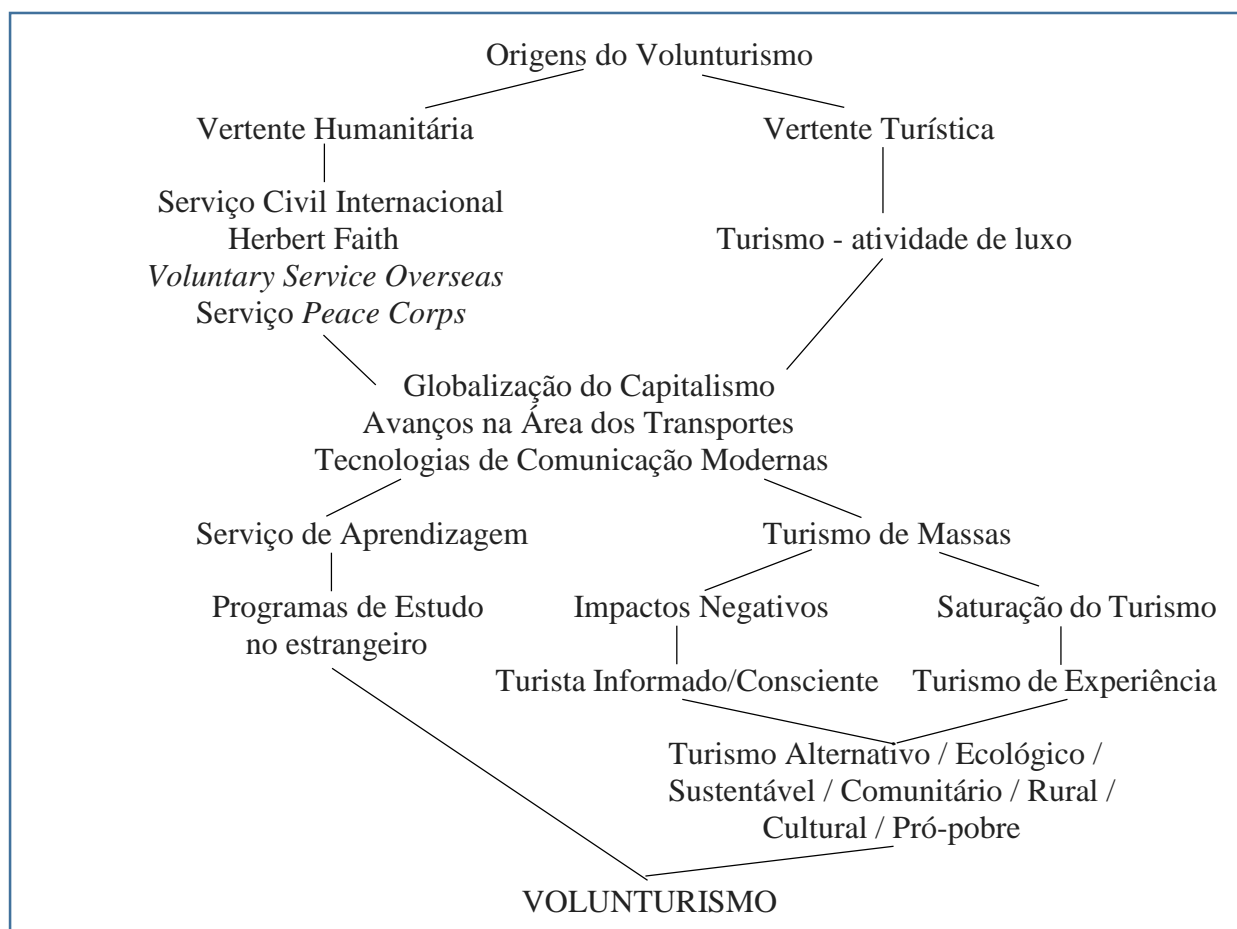


Tabela 1.1 – Origens do Volunturismo

## 1.2 - Breve análise conceptual do volunturismo

O termo volunturismo foi utilizado pela primeira vez em 1998 pelo Conselho de Turismo de Nevada num esforço de atrair residentes locais a apoiar o desenvolvimento do turismo rural em locais remotos do Nevada. No ano 2000 a empresa *Catalyst Marketing Inc.* foi a primeira empresa no mundo a oficialmente formar uma ponte entre o segmento de negócio e lazer da indústria do turismo e a indústria das organizações sem fins lucrativos ao que chamaram de *VolunTours™*<sup>7</sup>. Desde então, surgiram muitos operadores turísticos e organizações com e sem fins lucrativos com o objetivo de atender a este grupo de turistas que se interessam por estas

<sup>7</sup> 'History of VolunTourism', *VolunTourism*, disponível em <http://www.voluntourism.org/inside-history.html>, consultado a 15 de agosto de 2014

experiências, cujo interesse em tradições folclóricas, costumes, arquitetura e bem-estar das comunidades locais se entrelaçam com o desejo de investir tempo de lazer e dinheiro em voluntariado, principalmente para a proteção e a preservação da cultura e/ou o ambiente (Stanis e Barbieri, 2013; Manea et al., 2013).

Durante as últimas décadas de estudo e investigação nesta área, a definição e compreensão deste fenómeno foi alargando. No entanto, não existe uma definição única que seja aceite e utilizada universalmente (Barbieri, Santos e Katsube., 2012). A definição mais comumente utilizada foi desenvolvida por Wearing, cujo termo ‘turismo de voluntariado’ aplica-se “àqueles turistas que, por várias razões se voluntariam de maneira organizada para realizar umas férias que possam envolver auxílio ou redução da pobreza de alguns grupos da sociedade, a restauração de certos ambientes ou a pesquisa sobre aspetos da sociedade ou ambiente” (2001, p.1). Neste sentido, o turismo de voluntariado envolve a componente de lazer e recreação associado ao turismo, juntamente com o desejo de contribuir na resolução de mal-estares sociais profundos, tais como pobreza, desigualdade de género e infância sem pais (Barbieri, Santos e Katsube, 2012). Enquanto Guttentag (2009) inclui aqueles viajantes para os quais o trabalho de voluntariado foi ou não a razão principal da viagem, ele próprio e também Tomazos e Buttler (2009) consideram apenas aqueles que se voluntariam até um período máximo de um ano (Higgins-Desbiolles, Whyte e Tedmanson, 2013).

Outra definição fornecida por Singh e Singh (2004) vê o turismo de voluntariado como “sendo mais uma prática de consciência de turismo correto – de tal forma que chega muito perto da utopia” (cit. in Tomazos e Butler, 2012, p.177). No melhor caso, pode ser considerado uma forma altruísta de turismo, que tem a capacidade de defender os mais altos ideais, intrinsecamente interlaçados no fenómeno do turismo (Singh, 2004). Já McGehee e Santos definem o volunturismo como “usar tempo e dinheiro discricionário para viajar fora da esfera da atividade regular para assistir outros que necessitem” (2005, p.760).

Enquanto muita da investigação feita se concentra nos benefícios do volunturismo, existem muitas obras científicas e artigos dos meios de comunicação social que levantam críticas a este tipo de turismo e aos seus possíveis impactos negativos.

### 1.3 - Quadro crítico de desvantagens ao volunturismo

Existem várias críticas ao volunturismo, uma das críticas mais encontradas nas várias obras e meios de comunicação social é este poder ser interpretado como uma nova colonização.

Com base no conceito de contemplação turística de John Urry (1990) que usa como uma metáfora para descrever como o poder controla os encontros turísticos, Mostafanezhad (2013) desenvolve o conceito a que chama de contemplação humanitária em que o encontro é dominado por discursos que criam hierarquia binária e implícita entre doador e recetor, assim como identifica quem é o benfeitor da ajuda (Butler, 2004). A autora continua por dizer que de acordo com “o legado do impulso missionário do Ocidente, estas hierarquias binárias também sugerem que algumas vidas existem para salvar enquanto outras existem para ser salvadoras”. Desta maneira a contemplação humanitária contribui para perpetuar a dinâmica de poder entre ‘nós’ e ‘eles’ (Mostafanezhad, 2013) e o imaginário do desenvolvimento, como sendo algo que pessoas educadas de países ricos fazem para ajudar os povos pobres que não sabem melhor (Brodie, 2006).

Ao mediar ambos o passado e o presente dos encontros humanitários, o discurso do sentimentalismo é central ao projeto colonial e pós-colonial (Stoler, 2002; Lester, 2002; Rojek, 2001). Ann Stoler refere-se ao ‘colonialismo sentimental’ para descrever aspetos do período moderno colonial da forma como os estados coloniais têm interesses afetivos. Ela realça “como a política da compaixão não era um ataque de oposição ao império, mas fundamental” (cit. in Mostafanezhad, 2013, p.493). Estas experiências refletem a complexidade de relacionamentos durante o período colonial (Hafen, 1997), assim como ao que Stoler chama de ligações ‘tensas e ternas’ entre colonizado e colonizador (Stoler, 2002; Mostafanezhad, 2013). Da mesma maneira Mostafanezhad (2013) afirma que o turismo de voluntariado ‘empacota’ e vende desenvolvimento na forma de um autêntico produto e que é através de discursos de sentimentalidade que o turismo de voluntariado é ‘empacotado’ como uma experiência aparentemente mais ‘real’ que vai além da visita de passeio do turismo normal e acentua encontros afetivos e empáticos com comunidades locais que mobiliza trocas emotivas e afetivas, perceptíveis como autênticas.

Wearing avisa que, “um perigo fundamental é que os voluntários podem reiterar o etos do ‘perito’, promovendo assim diferença na comunidade local ao conhecimento externo, contribuindo então para a restrição da auto-suficiência” (2004, p.211).

Berlant (2004) explica que “não gostamos de ouvir que as nossas boas intenções podem por vezes ser consideradas agressivas, embora qualquer pessoa versada em, digamos, a história do amor ou do imperialismo conhece volumes sobre as maneiras em como as intenções genuinamente boas envolveram formas de terror vulgar... e controle” (cit. in Mostafanezhad, 2013, p.495). O seu desejo de fazer ‘o bem’ facilita a articulação e a normalização do discurso do Mundo Desenvolvido dar e do Mundo em Desenvolvimento receber e cria relações de poder pós-coloniais em termos de género e sentimento (Mostafanezhad, 2013).

O imaginário e as perceções de destinos tropicais têm sido criados e reforçados durante um grande período de tempo com representações semelhantes a áreas que foram anteriormente colonizadas onde os colonizadores eram os responsáveis pela representação coletiva do ‘Outro’ (Said, 1994, Pratt, 2013). Esta representação apoia uma visão exótica de culturas indígenas, primitivas, servis, dependentes do Ocidente para apoiar o seu progresso e modernização (Gius, 2010).

Palacios (2010) menciona como as organizações de voluntariado em países em desenvolvimento perpetuam esta ideia do neocolonialismo e promovem um sentimento de superioridade por parte dos voluntários ocidentais através de tratamento privilegiado eurocêntrico.

Outra crítica é a utilização da associação do volunturismo a uma atividade controlada, não-evasiva com o objetivo de preservar o ambiente natural e cultural, em que estes valores culturais se tornam numa técnica de vendas de um produto de turismo, logo, tudo tais como as produções culturais tornam-se produtos turísticas (Appadurai, 1986; Manea et al., 2013).

Este tipo de turismo naturalmente que atrai turistas a áreas pobres, pelo que existem grandes questões sobre se o volunturismo promove um certo ‘voyeurismo da pobreza’, ou se as experiências de viagem fazem contribuições consideráveis ao desenvolvimento e como se pode esperar que uma indústria motivada pelo lucro como o turismo, poderá alguma vez dar prioridade aos interesses dos pobres e à responsabilidade social (Sin, 2009; Scheyvens, 2010).

Uma crítica com base na comunicação social defende que existem cada vez mais voluntários, especialmente mulheres, a tirar fotografias em poses semelhantes a outras tiradas por celebridade como Madonna e Angelina Jolie (Fitzpatrick, 2007). Brakham (2006) e Brown (2003), da mesma maneira, atribuem o aumento de estudantes a tirar o *Gap Year* no Reino Unido às imagens que circularam pelos meios de comunicação social exibindo o Príncipe William a ajudar crianças no Chile e o Príncipe Harry a trabalhar num orfanato em Lesotho. Mostafanezhad (2013) considera que a ação humanitária destas celebridades alimenta o crescimento do turismo de voluntariado, especialmente para mulheres, em que existe o foco dominante da criança como o recetor da ajuda do benfeitor. As crianças são geralmente usadas em campanhas de desenvolvimento por causa da associação implícita da infância com a inocência e independência (Manzo, 2008). A este tipo de representação constante já foi chamado de ‘pornografia de desenvolvimento’ (Manzo, 2006). Também é neste contexto que a imagem da criança torna natural a intervenção ocidental (Repo & Yrjola, 2011). Segundo Nancy McGehee, “o voluntário, Anglo-Europeu, jovem e vigoroso, mostra-se em poses protetivas com as crianças, com os braços à volta delas, dando-lhes presentes materiais ou presentes intelectuais” (2012, p.96). Eles incorporam aquilo que Chris Rojek chama de estatuto de “notoriedade” ou a “distinção informal de um indivíduo dentro de uma rede social” (2001, p.12). Quando os turistas publicam fotografias suas com crianças do mundo em desenvolvimento o turista de voluntariado, por vezes, toma proveito de um estatuto de notoriedade ou pseudo-celebridade. Esta experiência de “fama localizada” influencia aqueles dentro da rede social do turista de voluntariado (Mostafanezhad, 2013)

Uma nota interessante de Jakubiak (2012) defende que o volunturismo na forma de propagar o ensino da língua inglesa pelo mundo em desenvolvimento recria um discurso ao que Dicken (2003) chama de hiperglobalismo, a representação de um futuro no qual os países estão igualmente interconectados por uma única economia global e no qual o principal papel do estado-nação é de dar assistência à rede global económica em vez de fornecer serviços de bem-estar social. Através desta lente hiperglobalista, apenas a proficiência na língua inglesa torna-se na solução proposta a uma miríade de problemas complexos e estruturais no mundo em desenvolvimento.

Mostafanezhad (2013) comenta como os turistas de voluntariado tendem a condenar a desigualdade económica global e os objetivos políticos neoliberais, enquanto, ao mesmo tempo participam no turismo de voluntariado, que é provavelmente um projeto neoliberal de economia privatizada e de desenvolvimento social (Vrasti, 2012; Conran, 2011; Palacios, 2010).

Existem também críticas sobre quem no fundo beneficia do volunturismo e de que maneira é que a exposição de certos povos ao estrangeiro rico poderá afetar o seu estado de bem-estar psicológico e de vida social (Guttentag, 2009; Higgins-Desbiolles, Whyte e Tedmanson, 2013). Apesar desta posição ter vários prismas de limitação, considerando apenas a influência do fenómeno da globalização, torna-se difícil compreender as barreiras fronteiriças entre o local e o global (Azevedo, 2014).

Por muito que estas críticas possam ser válidas, a própria ação humanitária internacional foi dada como vencida por não ter conseguido inverter os padrões globais de pobreza e desigualdade nas últimas 5 décadas (Palacios, 2010), o volunturismo pode não resolver problemas de ordem mundial, mas existe um esforço por compreender, numa aproximação do outro.

#### **1.4 - Contextualização do crescimento do volunturismo observado nas últimas décadas**

Butcher e Smith (2010) atribuem o crescimento do volunturismo à associação da presente política de “vida” na qual indivíduos, especialmente jovens adultos, procuram a sua identidade individual procurando fazer uma diferença no mundo.

A internet promove o turismo de voluntariado como uma combinação entre os dois mundos do voluntariado e do turismo, que integra o melhor de uma experiência de viagem: arte, cultura, geografia, locais históricos, ambiente natural, recreação, a capacidade de adicionar um valor extra ao destino turístico e para apoiar comunidades locais e a natureza (Manea et al., 2013).

Em geral os turistas de voluntariado são retratados como sendo conduzidos por mais além das distrações agradáveis e experiências alternativas; dedicando-se à redução da pobreza e para melhorar as condições sociais e ambientais dentro das comunidades locais que visitam (Lyons & Wearing, 2008; McGehee & Santos, 2005; Barbieri, Santos e Katsube, 2012). Sem qualquer ganho monetário envolvido ou qualquer imposição, os turistas de voluntariado são conduzidos por razões de interesse pessoal e pelo altruísmo (Bailey e Russell, 2010). Segundo Brown e Lehto (2005) existem quatro características principais nas motivações dos turistas: imersão cultural; dar de volta e fazer a diferença; procura de camaradagem com outros voluntários, acabando por ficar com um vínculo de família; e a educação. Outros autores enunciaram a importância da sustentabilidade e a necessidade que os países desenvolvidos têm de ajudar (Anderson, 2007) ou o desejo de “fazer a diferença” (Butcher & Smith, 2010).

Pode ser dito que o turismo de voluntariado vai ao encontro das necessidades dos turistas que preferem viajar com um propósito (Brown e Lehto, 2005) e fazer a diferença durante as suas férias (Coghlan, 2006), de forma a aproveitar uma experiência de turismo com o benefício de contribuir para com os outros (Tomazos e Butler, 2012).

Além do interesse dos turistas de viajar com um propósito e servir uma causa nobre, existe um interesse geral e tendência atual para fazer com que a experiência de viagem seja perdurada, oferecendo à viagem uma diversidade cultural (Fullagar, Markwell e Wilson, 2012). Esse interesse por uma mobilidade mais lenta no plano de visita dos turistas apoia e promove o volunturismo, ambos à procura de contar com uma experiência partilhada, uma absorção mais intensa do ambiente em redor e da comunidade (Manea et. al, 2013).

É difícil poder avaliar o volume do turismo de voluntariado devido à dificuldade em reunir dados estatísticos, uma vez que os voluntários geralmente entram no país com um visto de turismo que depois vão renovando, caso seja necessário, com viagens de curta distância além-fronteiras para renovarem o visto (Tomazos, 2009; Tomazos e Butler, 2012). Vários esforços foram feitos até ao momento no sentido de encontrar uma estimativa de quantos se voluntariam internacionalmente (Lonely Planet, 2007; TRAM, 2008; Jones, 2004; Tomazos e Butler, 2009). A TRAM (2008) descobriu que apenas 35 organizações publicaram estatísticas de participação, e o total anual fornecido por estas organizações chega aos 70545 voluntários

anuais em 2007. Considerando este número como referência para uma estimativa de 300 organizações listadas pode-se estimar que a participação anual em turismo de voluntariado estará nos 600 mil voluntários anuais, de acordo com dados recolhidos em 2007 (TRAM, 2008; Tomazos e Butler, 2009). Jones (2004) mostrou que apenas no Reino Unido até 2003 havia cerca de 120 mil voluntários que participavam em atividades de voluntariado por ano, sem contar com voluntários que o faziam sem a organização prévia destas viagens. Com base nestes valores, poderemos estimar que o valor de mercado deste tipo de turismo estará entre os 290 e os 500 milhões de libras esterlinas, dependendo do tamanho do mercado (TRAM, 2008). Este cálculo só leva em conta a taxa simbólica de participação (TRAM, 2008; Tomazos e Butler, 2009). Se o montante dos gastos medianos dos turistas forem considerados, então os valores aumentam para entre os 832 milhões e os 1,3 bilhões de libras esterlinas anuais tomando em consideração os dados recolhidos em 2003 e 2007 (TRAM, 2008; Tomazos e Butler, 2012).

Muitos investigadores afirmam que o turismo de voluntariado beneficia todos os atores sociais envolvidos, e apesar dos voluntários dedicarem muito tempo, dinheiro e trabalho para ajudar uma comunidade estrangeira, têm o benefício intrínseco da gratificação recebida no terreno, através da experiência de interação com a comunidade local. Esta gratificação transforma-se numa maior consciência do próprio, causando mudança nos valores e consciência pessoal que pode inevitavelmente alterar o estilo de vida de uma pessoa (Wearing, 2002; Zahra e McIntosh, 2007). Este argumento tem origem no princípio de que ao viver e ao aprender sobre outras pessoas e culturas em primeira mão num ambiente de abertura e cooperação, uma pessoa entra numa transformação e desenvolvimento do próprio (Wearing, 2001). Alguns autores concluem que os turistas de voluntariado são diferentes de outros turistas porque eles pretendem uma interação mais próxima com a comunidade acolhedora, assim como permite experiências que vão ao encontro dos seus valores sociais (Singh, 2002, 2004; Stoddart e Rogerson, 2004).

Por exemplo, num estudo feito a várias comunidades em Tijuana, no México, McGehee e Andereck (2009) descobriram que os volunturistas não são vistos como turistas pelos residentes ou por outros turistas. Este estudo também revelou que os voluntários agem de maneira diferente no que diz respeito às suas necessidades de estadia, transporte e comida, de uma forma bem mais sustentável do que os turistas de massas. (Barbieri, Santos e Katsube, 2012).



## **II – O fenômeno global do volunturismo: enquadramento do problema científico e procedimentos metodológicos**

### **2.1 – Questões, objetivos e pertinência do objeto de estudo**

Quando começámos a explorar o tema do volunturismo uma questão que nos despertou o interesse foi a origem desta nova tendência. Queríamos perceber se este era um fenómeno atual ou se era uma atividade que já existia, mas com outro nome.

À medida que fomos procurando resposta a esta questão em obras científicas, apercebemo-nos que era realmente um campo que ainda não estava muito aprofundado por investigadores. Os poucos autores que mencionavam as origens do volunturismo, exploravam a parte comercial do turismo ou a parte de interesse humanitário.

Um dos objetivos a que nos propusemos neste trabalho foi encontrar ambas as vertentes das origens do volunturismo, a vertente de produção turística e a vertente humanitária e encontrar o ponto onde ambas se cruzam, assim como, perceber qual o valor que cada vertente tem para o voluntário internacional.

Outro fenómeno que encontrámos no estudo do volunturismo foi a tendência para os voluntários se movimentarem de Norte, ou seja, o mundo desenvolvido, para Sul, o mundo em desenvolvimento. Questionámo-nos se este movimento era o único que existia no âmbito do voluntariado internacional e caso existissem outros movimentos, questionámo-nos se as motivações, expectativas e procedimentos do voluntário seriam as mesmas. Daí o nosso interesse em ter uma amostra de pesquisa que refletisse movimentos variados de vários pontos de partida a vários destinos.

Não podíamos chegar a uma resposta completa a esta questão sem compreender aquilo que leva cada vez mais indivíduos a voluntariar-se internacionalmente e a fazer desta atividade uma tendência em crescimento. Por essa razão estabelecemos importante tentar perceber quais os fatores que pesam mais nas decisões dos voluntários e de que maneira é que a dimensão pessoal de voluntário pesa nas suas decisões.

Durante a nossa pesquisa, tivemos também a oportunidade de observar as várias críticas que são feitas ao volunturismo, pelo que decidimos analisar estas críticas numa parte teórica e

na parte empírica tentar compreender se estas críticas são conhecidas pelos voluntários e até que ponto é que podem influenciar o voluntário nas suas escolhas.

Este trabalho nasceu da nossa própria curiosidade em encontrar respostas às questões que tínhamos e que fomos encontrando pelo caminho da descoberta deste fenómeno e também pela própria lacuna que encontrámos durante esse processo. Como uma tendência de interesse crescente em todos o mundo, achámos pertinente dar continuidade aos estudos feitos internacionalmente e abrir esses estudos às comunidades de língua portuguesa. Ouvimos relatos que agora este tipo de estudo tem ganho interesse na população investigadora portuguesa, mas ainda não tivemos a oportunidade de ler qualquer obra desta natureza de origem portuguesa.

## **2.2 – Procedimentos metodológicos**

Na maioria dos estudos feitos nesta área pudemos observar que estes foram desenvolvidos de forma direta, *in situ*, em que o investigador fazia parte de um grupo de voluntários que se voluntariava juntamente com os outros elementos que, então, fariam parte da população de investigação. Nesses estudos utilizaram técnicas de pesquisa qualitativa, tais como a observação e a entrevista (Brown e Lehto, 2005; Coghlan, 2006; McIntosh & Zahra, 2007; Chen e Chen, 2011).

Apesar de cada estudo ser singular, pode-se ver semelhanças entre estudos que restringem uma visão global do que poderá ser o volunturismo. Estas semelhanças evidenciam-se ao nível das experiências dos entrevistados, ao nível dos programas em que foram inseridos e também ao nível do movimento do programa, em que geralmente os voluntários fazem uma trajetória de Norte para Sul, sendo Norte o mundo desenvolvido e Sul o mundo em desenvolvimento.

Nesse sentido e com base no que foi explorado anteriormente, desenhámos um estudo de experiências mais variadas de indivíduos completamente desconhecidos entre eles, com a exceção do relato de 2 casais que participaram do objeto de estudo. De forma a ter entrevistados de várias origens, a voluntariarem-se para vários destinos com experiências de movimentos variados entre Norte e Sul, em que Norte é considerado o mundo desenvolvido e Sul o mundo em desenvolvimento.

Neste estudo recorreremos à técnica qualitativa da entrevista de forma a podermos recolher relatos de participantes de projetos de voluntariado internacional, “pela intensidade, a diversidade e a globalidade de informação que permite” (Azevedo, 2014, p.58), com a intenção de compreender as suas experiências, as motivações que os levaram a fazê-lo e as suas opiniões sobre o volunturismo. Como Lalande nos explica, estes relatos trazem-nos uma oportunidade de “ouvir falar da realidade segundo um traçado que lhe é proposto e em relação ao qual o entrevistado se cola ou se desvia” (1998, p.874).

Quando nos deparamos com a necessidade de identificar a amostra definimos a população em sentido lato como sendo todos os indivíduos que escolhem ter uma experiência de voluntariado internacional, de qualquer tipo e por qualquer período de tempo.

Apesar de haver autores que limitaram o seu estudo a experiências de volunturismo com duração máxima de 12 meses (Guttentag, 2009; Tomazos e Butler, 2009), este estudo inclui indivíduos que tenham tido experiências durante mais tempo, para podermos incluir experiências *Peace Corps*, que podem durar até 2 anos. Uma das razões que nos levou a esta decisão foi por um lado o interesse em analisar as diferenças e semelhanças de um programa de maior duração em contraste com um programa de menor duração e também sendo o *EVS – European Voluntary Service*, um programa semelhante ao *Peace Corps*. Se impuséssemos tais limitações de duração significaria que poderíamos incluir experiências de entrevistados *EVS*, que duram 10 meses, mas não poderíamos incluir experiências de entrevistados *Peace Corps*.

A amostra definida nesta investigação foi construída com base nos seguintes critérios: indivíduos de ambos os sexos com idades compreendidas entre os 16 e os 70 anos. Com nacionalidades e etnias variadas, de preferência a representar todos os continentes, com experiências de voluntariado internacional geograficamente variadas (Norte-Sul / Norte-Norte / Sul-Norte / Sul-Sul), assim como tipo de voluntariado internacional variado.

Definimos como cenário ideal ter, dentro da população, além das experiências de voluntariado ‘livre’ pelo menos:

- 1 relato de experiência *PeaceCorps*;

- 1 relato de experiência *EVS (European Voluntary Service)*;
- 1 relato de experiência de estudante;
- 1 relato de experiência ‘*lifestyle*’ (voluntário que trabalha num setor do turismo (Daldeniz e Hampton, 2010));
- 1 relato de experiência experimental (projeto pessoal desenvolvido com base no voluntariado).

### **Considerações na recolha da amostra**

Quando nos deparamos com a questão da procura de indivíduos para fazer parte da investigação, e tendo em conta a variedade sociodemográfica da população que desejávamos usar neste estudo, chegámos à conclusão que necessitaríamos de um meio internacional onde pudéssemos encontrar estes indivíduos.

Levando em conta o facto que de acordo com os resultados de estudo conduzidos nesta área por outros autores, os indivíduos que escolhem voluntariar-se internacionalmente gostam de viajar, usámos este ponto de partida para procurar possíveis candidatos. Além disso, considerando que estes indivíduos têm muitas vezes que se sujeitar a viver em casa de elementos da comunidade no país de acolhimento onde se voluntariam, achámos que fazia todo o sentido que o meio de recrutamento ideal de potenciais entrevistados fosse o *site* de internet de *Couchsurfing*. Este *site* é uma plataforma onde por um lado, os usuários oferecem gratuitamente a sua casa a turistas para ficarem uma ou mais noites, por outro lado, os usuários procuram um local gratuito para ficar quando estão em viagem. Esta comunidade *online*, cujos valores são “partilha a tua vida”, “cria ligações”, “oferece bondade”, “mantém-te curioso”, “deixa o local melhor do que o encontraste”, tem nove milhões de membros em 120 mil cidades à volta do mundo <sup>8</sup>.

No *site Couchsurfing* existem vários grupos temáticos, escolhemos os seguintes grupos focados no voluntariado internacional para publicar um anúncio de pedido de participação neste estudo.

---

<sup>8</sup> *Couchsurfing: Share your life*, disponível em <https://www.couchsurfing.org/n/about>, consultado a 30 de junho de 2014.

<b>Grupos do Couchsurfing</b>	<b>Nº de Membros</b>
<i>Volunteering</i>	6154
<i>Worldwide Volunteers</i>	5264
<i>Critical Search for Doing Volunteer Work with Closed Pockets</i>	2666
<i>BA jobs, scholarships, voluntary work &amp; related topics</i>	2655
<i>Volunteer Network</i>	1694

Tabela 2.1 – Grupos do Couchsurfing

Fonte: Couchsurfing<sup>9</sup>

O anúncio foi enviado para todos os grupos no dia 23 de Junho e pedia a participação em entrevistas sobre o volunturismo, cujos elementos teriam que ter pelo menos uma experiência corrente ou passada. O texto de pedido de participação no estudo encontra-se no anexo I.

O sistema de entrega de comunicações do Couchsurfing através dos grupos depende das preferências de cada usuário, podem ser consultadas diretamente no *site* do grupo ou o usuário pode também escolher receber um *email* sempre que algo seja anunciado no grupo.

Foram recebidas várias respostas de indivíduos interessados em participar no estudo tanto por resposta pública ao anúncio como por resposta privada via *email*.

No entanto, para recolher possíveis entrevistados que já tenham participado em projetos específicos como o *Peace Corps* e *EVS*, acedemos a dois outros grupos, onde foram escolhidos elementos que indicavam no seu perfil a participação num destes programas.

Foram enviados 4 *emails* privados a participantes *Peace Corps*, onde se recebeu 2 respostas, 1 resposta positiva e outra resposta em que a voluntária explicou que estava ainda a cumprir o serviço *Peace Corps*, pelo que não podia comentar a sua experiência até que o serviço terminasse.

Foram enviados 3 *emails* privados a participantes em programas *EVS* em que se recebeu 1 resposta positiva.

Além destes contactos, foram enviados 2 *emails* a contactos da investigadora, 1 voluntariou-se com a investigadora no México em 2013, o outro é um conhecido da

<sup>9</sup> Couchsurfing: *Share your life*, disponível em <https://www.couchsurfing.org/n/about>, consultado a 30 de junho de 2014.

investigadora que serviu nos *Peace Corps* em África. Estes dois elementos são os únicos conhecidos da investigadora, todos os outros são estranhos e apesar destes dois elementos serem conhecidos da investigadora, não se conhecem um ao outro. Ambos aceitaram participar no estudo.

Todos os elementos estão dentro dos critérios de escolha da amostra.

Recebemos ofertas de 27 indivíduos que seriam divididos em 25 entrevistas pelo facto de existirem 2 casais, a lista dos entrevistados previstos pode ser consultada em anexo II.

Em efetivo, foram realizadas 17 entrevistas a 19 indivíduos em que participaram 2 casais que responderam em entrevistas conjuntas.

Os motivos pelos quais não foi possível fazer entrevistas a todos os indivíduos que foram identificados inicialmente são de origem variada. Houve indivíduos que após a oferta de participação deixaram de responder a comunicações da investigadora, indivíduos que após se oferecerem tiveram dificuldades de acesso à internet, impossibilitando a continuação, outros indivíduos após várias tentativas de marcação da entrevista, não compareceram à entrevista, pelo que a investigadora se manteve flexível de modo a receber o maior número de entrevistados.

As entrevistas foram marcadas de acordo com a disponibilidade dos entrevistados, em que se usou o *site World Time Buddy*<sup>10</sup> para a coordenação horária entre fusos horários, no Anexo III pode ser encontrado o detalhe das marcações das entrevistas.

### **Considerações na elaboração do guião de entrevistas**

De acordo com o objeto de estudo elaboramos um guião de entrevistas que serviria de apoio ao que nos propomos apurar nesta investigação. Definimos que a importância de ter este guião de entrevistas seria apenas como um ponto de referência para averiguar as experiências dos entrevistados, em que a resposta à primeira questão, que pede ao entrevistado para descrever as suas experiências de voluntariado internacional poderia responder a muitas das outras questões, como foi evidenciado em algumas entrevistas. No entanto, todas as outras questões foram colocadas caso o entrevistado não fornecesse as respostas voluntariamente dentro da resposta à primeira pergunta e outras questões foram feitas no seguimento e para compreender melhor a informação fornecida durante a entrevista, mas sempre no enquadramento do guião e

---

<sup>10</sup> *Worldtimebuddy*, disponível em <https://www.worldtimebuddy.com/>, consultado a 3 de setembro de 2014.

na base daquilo que se pretende nesta pesquisa. Quis-se com estas entrevistas receber um relato mais fiel possível às experiências dos entrevistados com o mínimo possível de interrupção ou interferência do entrevistador.

O guião de entrevistas aos voluntários encontra-se em Anexo IV em Português. Este guião foi utilizado em apenas 4 entrevistas, duas em que os entrevistados falavam Português e outras duas em que os entrevistados falavam Espanhol. Foi elaborado também um guião de entrevistas em Inglês, em Anexo V, que foi utilizado nas restantes entrevistas. Os entrevistados não tiveram acesso direto ao guião e as questões foram feitas oralmente no decorrer da entrevista.

### III – O volunturismo em estudo de caso

#### 3.1 – Caracterização Sociodemográfica dos Entrevistados

À medida que fomos recebendo ofertas de participação ao estudo, o primeiro contacto que fizemos diretamente serviu para agradecer a oferta de participação, informar quando iriam começar a ser marcadas as entrevistas, e, no intuito de perceber a caracterização sociodemográfica dos entrevistados, pedimos que preenchessem os seus dados relativos à idade, etnia, nacionalidade, país de residência permanente, profissão e educação.

Na tabela seguinte podemos encontrar as informações sociodemográficas dos entrevistados, recolhidas anteriormente à entrevista.

Ref.	Sexo	Idade	Nacionalidade	País R.P.	Educação	Profissão
1	M	38	Norte-Americano	China	Mestrado	Diretor de Escola
2	M	54	Britânico	Espanha	12º ano	Coordenador desenhista
3	M	28	Indiano	Argentina	MBA Marketing	Marketing
4	F	28	Norte-Americana	E.U.A.		
5	M	28	Argentino	Brasil	Universidade	Contador Público
6	F	31	Norte-Americana	Austrália	Universidade	Relações Públicas
7	M	35	Português	Não tem	Mestrado em Gestão	Gestor Logístico / Bartender
8	F	29	Portuguesa	Não tem	Licenciatura Farmácia	Farmacêutica/Cocktail waitress
9	F	28	Norte-Americana	E.U.A.	Bacharelato	Viajante/Escritora
10	M	29	Norte-Americano	E.U.A.	Mestrado	Viajante/Escritor
11	M	36	Chinês de Hong Kong	Alemanha	Mestrado em Gestão	Analista
12	F	32	Italiana	Alemanha	Mestrado Rec. Humanos	Gestora Reposição Materiais
13	F	36	Norueguesa	Noruega	PhD Biotecnologia	Investigadora Científica
14	M	40	Colombiano	Colômbia	Universidade	Professor Universitário
15	M	36	Búlgaro	Bulgária	Mestrado Antropologia	Freelancer
16	M	37	Egípcio	Egito	Mestrado Ass. Globais	Consultor Político
17	F	52	Italiana	Bélgica	Universidade	Coordenadora T. Comunitário
18	F	23	Francesa	Dinamarca	BA Cinematografia	Desempregada
19	M	50	Australiano	Austrália	Vários	Mediador

Tabela 3.1 – Lista de Entrevistados Efetivos



### **Etnia**

Em termos de caracterização étnica decidimos que não havia a necessidade de ser mencionado, uma vez que no caso dos entrevistados neste estudo, a etnia não fornece qualquer vantagem adicional ao resto da informação recebida. O grupo de entrevistados possui as etnias representadas pelas suas nacionalidades, em que por exemplo, o indivíduo Indiano entrevistado é de etnia asiática; e os indivíduos Norte-Americanos entrevistados são todos caucasianos.

### **Sexo**

Os elementos que formam a população deste estudo são majoritariamente do sexo masculino com 58%, em que 42% dos entrevistados são do sexo feminino.

### **Idade**

Os entrevistados têm idades compreendidas entre os 22 e os 54 anos. Dividimos o grupo entre três faixas etárias distintas: 22-30 anos de idade; 31-40 anos de idade; e 40-54 anos de idade. A primeira faixa etária, ou seja voluntários até aos 30 anos de idade compreendem 37% dos entrevistados, com a maior percentagem de 47% a pertencer à faixa etária entre os 31 e os 40 anos de idade e os restantes 16% na faixa etária dos 41 aos 54 anos de idade.

### **Nacionalidade**

Quanto às nacionalidades, a que mais prevalece é a nacionalidade Norte-Americana com 5 entrevistados (26%), seguida da Portuguesa e Italiana com 2 entrevistados cada, as outras nacionalidades têm representação única e são: Britânica, Indiana, Argentina, Chinesa de Hong Kong, Egípcia, Norueguesa, Colombiana, Búlgara, Francesa e Australiana.

Os entrevistados representam os seguintes continentes: América do Norte (26%); América do Sul (11%); Europa (42%); África (5%); Ásia (11%); e Oceânia (5%).

### **País de Residência Permanente**

Apenas 8 (42%) dos entrevistados têm como local de residência permanente o seu país natal. Os restantes (58%) não estão a viver no país de onde são naturais.

## **Profissão**

Os entrevistados têm diversos campos profissionais, 3 (16%) desenvolvem atividades relacionadas com o ensino, 2 (11%) são escritores de viagem, e os demais têm profissões distintas em Marketing, Relações Públicas, Farmacêutica, Logística, Reposição de Materiais, Analista, entre outras.

## **Escolaridade**

A maior parte dos entrevistados (84%) têm frequência universitária, entre os quais 50% destes têm escolaridade ao nível de mestrado, e um dos entrevistados (6%) tem escolaridade ao nível do doutoramento.

As entrevistas foram todas feitas por *Skype*, gravadas em *.mp3* através da aplicação *iFreeSkypeRecorder* para apenas ser usadas pela investigadora como apoio à recolha de dados. As entrevistas foram marcadas entre o dia 24 de julho e o dia 16 de agosto, entretanto, mais dois entrevistados ficaram disponíveis para a entrevista pelo que fizemos uma entrevista adicional no dia 26 de agosto e outra no dia 4 de setembro, contando com um total de mais de 950 minutos.

Previu-se que cada entrevista durasse cerca de 20 a 60 minutos, dependendo do número de experiências dos entrevistados e da própria eloquência e abertura de respostas dos entrevistados. Na realidade, a entrevista mais curta durou cerca de 17 minutos e a mais longa quase 2 horas e meia.

Nos Anexos VII e VIII disponibilizamos transcrições de duas entrevistas, uma em Português, a outra em Inglês em que ambas são exemplos de entrevistas diferentes, em que numa entrevista as informações foram facultadas com base no guião, na outra entrevista, a entrevistada tomou a iniciativa de descrever livremente os projetos em que participou.

### **3.2 – Experiências sociais de volunturismo**

No seguimento da proposta que fizemos ao iniciar esta investigação, a recolha de dados serve-nos para analisar individualmente os processos pelos quais os voluntários passam numa experiência de voluntariado. Após essa análise individual, procedemos à desfragmentação das informações e categorizámo-las de forma a podermos encontrar pontos em comum entre entrevistados, assim como identificar situações singulares.

No Anexo VI inserimos os testemunhos de todos os entrevistados. Apesar de resumidos, os testemunhos tentam manter um relato fiel das informações que nos foram transferidas. Fizemos um esforço por manter o discurso de cada um dos entrevistados, com a intenção de inserir o leitor no seu contexto e nas suas experiências. Por este motivo, por vezes o discurso poderá parecer menos coeso com o resto do documento, ideológico e com juízos de valor que não são da autoria da investigadora, mas que foram expressos pelos entrevistados.

Ao todo considerámos 43 experiências divididas entre os 19 entrevistados, no entanto, não considerámos as experiências dos dois casais de entrevistados duplamente, uma vez que foi um relato conjunto, cada experiência feita em casal foi considerada apenas uma vez, apesar de ter dois voluntários a vivê-la.

De forma a seguir o objeto de estudo, dividimos a recolha do conteúdo de acordo com as dimensões de análise estruturadas no guião de entrevistas. Nesse sentido, as dimensões de análise são:

- a descrição do tipo de projeto em que o entrevistado esteve inserido;
- a duração do projeto;
- o tipo de movimento feito pelo entrevistado entre o país de origem e o país de acolhimento;
- os métodos de procura dos projetos;
- os critérios de escolha das experiências;
- as motivações dos entrevistados para participar num projeto de voluntariado internacional;
- as expectativas em relação ao projeto;

- a visão do outro voluntário pela perspectiva dos entrevistados;
- o ganho que a comunidade teve pela participação dos voluntários;
- as opiniões dos entrevistados sobre as críticas feitas ao volunturismo;
- as opiniões dos entrevistados sobre a razão pela qual o volunturismo tem cada vez mais popularidade;
- sugestões feitas pelos voluntários a outros voluntários e às organizações;
- o processo de aprendizagem pelo qual os entrevistados passaram durante a experiência de voluntariado internacional.

De forma a melhor identificar os entrevistados em termos sociodemográficos, iremos referir-nos aos entrevistados como entrevistado ou entrevistada de acordo com o seu sexo e à frente do seu número de referência iremos também adicionar, entre parêntesis, os seus dados etários e país de origem desta forma: Entrevistado 1 (38, E.U.A.).

### **Tipo de projeto de voluntariado**

Os tipos de projeto de voluntariado estão divididos em nove categorias, de acordo com a organização e como o entrevistado contacta a organização. O tipo de voluntariado que estes entrevistados escolheram em maior quantidade (>50%) é o tipo de voluntariado ‘livre’, em que o entrevistado procura e/ou encontra e contacta a organização do país de acolhimento diretamente. Logo a seguir encontra-se o tipo de projeto com um Intermediário, onde o entrevistado contacta uma agência no seu país de origem que depois facilita o contacto com a organização no país de acolhimento.

De seguida listamos as experiências de voluntariado dos entrevistados de acordo com os tipos de projeto.

### **Estudante**

Este é um tipo de voluntariado onde o voluntário se insere como parte dos créditos do curso, entre ou durante a sua educação. Apenas dois entrevistados estiveram envolvidos neste tipo de voluntariado. O entrevistado 1 (38, E.U.A.) teve uma experiência de voluntariado

durante dois meses e meio na Tanzânia onde teve a oportunidade de dar formação a formadores. O entrevistado 3 (28, Índia) teve uma experiência de voluntariado durante dois meses na Indonésia através de um programa desenvolvido pela AIESEC onde esteve envolvido em várias atividades com a universidade local.

### ***Peace Corps***

O Entrevistado 1 (38, E.U.A.) é o único indivíduo neste estudo que teve uma experiência de *Peace Corps*, mas o serviço *Peace Corps* foi mencionado em mais quatro entrevistas.

O Entrevistado 1 (38, E.U.A.) considera que o *Peace Corps* faz um trabalho de Relações Públicas para os Estados Unidos da América e considera que isso não é mau, mas também não quer dizer que seja necessariamente bom. Da mesma maneira, os entrevistados 7 e 8 (M 35 e F 29, Portugal) mencionaram que o serviço *Peace Corps* tinha uma intenção de marketing americano, que não é propriamente bem visto globalmente, como a iniciativa nasceu da intenção do governo de espalhar a boa imagem dos americanos pelo mundo e que os projetos em que estão envolvidos são discutíveis.

O Entrevistado 1 (38, E.U.A.) menciona que teve uma experiência anterior ao *Peace Corps* na Tanzânia, é curioso comparar este relato ao relato da Entrevistada 6 (31, E.U.A.) que passou pelo processo de candidatura ao *Peace Corps* em que menciona lhe terem dito em conferência que, uma vez que a sua área de interesse não é algo que a Entrevistada tivesse experiência ou formação, seria considerada em último caso e aconselharam-na a ter uma experiência de voluntariado noutro lado nessa área de interesse antes de se candidatar outra vez ao *Peace Corps*. Com base nesta informação é possível que, o que o Entrevistado 1 (38, E.U.A.) fez na experiência *Peace Corps* e o facto de ter sido aceite para África tenha sido influenciado pela primeira experiência que fez enquanto estava na Universidade.

Tanto o entrevistado 1 (38, E.U.A.) como a entrevistada 6 (31, E.U.A.) não concordam com a nova reforma do serviço *Peace Corps*, no que diz respeito ao tempo de duração do serviço, ou seja, concordam com os tempos de dois anos para serviço *Peace Corps* e um ano para o serviço *Action Response*.

Já uma pessoa amiga da entrevistada 6 (31, E.U.A.) que fez o serviço *Peace Corps* considerou importante fazer um serviço de voluntariado internacional de longa duração, mas achou os dois anos do serviço *Peace Corps* longos demais.

A entrevistada 6 (31, E.U.A.) gosta do facto da candidatura ao *Peace Corps* ser simplificada nesta reforma, acha que isso vai atrair um maior número de pessoas.

A entrevistada 18 (23, França) comentou que esteve em contacto com voluntários do serviço *Peace Corps* e considera o serviço e o programa *Peace Corps* superior ao que estava a servir, pela preparação, pela organização, pelo apoio, pela formação e pelas considerações comunicacionais tomadas antes de enviar os voluntários para a comunidade de acolhimento. Também achou que eles não eram tão ativos, mas acha que se deve ao facto de terem mais tempo para poderem fazer tudo a que se tinham proposto fazer.

O entrevistado 1 (38, E.U.A.) considera que as principais diferenças entre o *Peace Corps* e o volunturismo são: o tempo e a estrutura do programa; a formação que se recebe antes de ir para o país de destino; e que, enquanto no volunturismo a maior parte das vezes os grupos vão juntos para o país de destino e trabalham juntos, no *Peace Corps*, após a formação, cada um está por si só. Houve, no entanto, um comentário curioso do entrevistado 14 (40, Colômbia) sobre este aspeto. Comentou que era comum receberem voluntários em serviço *Peace Corps* na Colômbia e que depois esses voluntários quando voltavam aos Estados Unidos passavam a ter um relacionamento muito próximo a partidos políticos de esquerda.

### **Alternativo**

O tipo de voluntariado alternativo considera-se algo mais experimental, o desenvolvimento de um projeto fora do comum. Apenas o entrevistado 2 (54, Reino Unido) desenvolveu um projeto de voluntariado alternativo em que ele próprio voluntaria o seu tempo e aceita outros artistas que se juntem a ele para irem de comunidade em comunidade, entre 6 a 9 meses, desenvolver programas de arte.

### **‘Livre’**

Considerámos o tipo de projeto de voluntariado livre quando o voluntário por acaso ou por procura pessoal encontra o projeto de voluntariado sem necessidade de intermediários, em que a organização final no país de acolhimento é contactada diretamente.

A entrevistada 4 (28, E.U.A.) trabalhou num centro para crianças estilo internato nos arredores de Siem Reap no Camboja em 2010 durante 4 semanas.

O entrevistado 5 (28, Argentina) participou em duas experiências de voluntariado internacional, ambas em Oaxaca, no México entre julho e setembro de 2013 e ambas na área do microcrédito. A primeira experiência numa organização Mexicana de microcrédito e turismo local onde dava formação de negócios a mulheres beneficiárias dos microcréditos. A segunda experiência numa organização internacional de microcrédito, filial local da *Grameen*, como observador onde acompanhou as diferentes fases do processo de atribuição de microcrédito fazendo um relatório final e um manual de procedimentos.

A entrevistada 6 (31, E.U.A.) teve 3 voluntariados deste tipo. Primeiro esteve no Vietname a voluntariar-se com uma organização chamada *Action for Ha Long Bay*, era suposto ficar num campo de trabalho de 10 dias, mas foi nomeada líder do acampamento pelo que acabou por ficar um mês e meio. As atividades consistiam em organizar *workshops*, conferências, visitas às escolas e ações suaves de ativismo para chamar a atenção para a poluição na Baía de Ha Long. Depois voluntariou-se no Camboja, numa organização chamada *Marine Conservation Cambodia*, onde fazia pesquisa e estudos marítimos, assim como limpezas de praia e o ensino do Inglês. Planeou ficar durante um mês, mas acabou por ficar durante sete meses. Depois voluntariou-se por três meses num museu na Austrália a tempo parcial enquanto trabalhava para poder suportar os seus custos de vida. No museu passeava na praia com crianças e ensinava-as a identificar aquilo que encontravam na praia assim como falavam sobre a ameaça da poluição.

Os Entrevistados 7 e 8 (M 35 e F 29, Portugal) tiveram como primeira experiência de voluntariado internacional a Cruz Vermelha nas Ilhas Caimão durante um ano a assistir as operações de logística, comunicação e atividades variadas assim como angariação de fundos. Depois estiveram a voluntariar-se num projeto de escola na selva em Belize durante um mês onde o entrevistado trabalhou em construção civil e a entrevistada desenvolveu *kits* de primeiros socorros. Depois seguiram para a Nicarágua onde se voluntariaram em dois projetos, o primeiro durante três meses no *Peace Project* em Laguna de Apoyo onde ajudavam crianças num centro tipo ATL e a entrevistada deu apoio na abertura de um posto de saúde. O outro na ilha de Ometepe, onde participaram num projeto de permacultura chamado *Bona Fide* durante 1 semana. De seguida foram para a Costa Rica e participaram no Projeto *Cloudbridge* onde ajudaram na medição de uma nova plantação de árvores durante três semanas.

Os entrevistados 9 e 10 (F 28 e M 29, E.U.A) tiveram 3 experiências de voluntariado internacional conjuntamente nos últimos dois anos. Na primeira experiência participaram na

construção de um *ashram* em Berlim, depois ajudaram uma família a tomar conta de uma criança na Turquia e de seguida numa organização que dava apoio a jovens numa favela no Quênia. Além destas três experiências, o entrevistado 10 (29, E.U.A) também participou num projeto para estudantes universitários no Vietname durante 2 semanas.

A entrevistada 13 (36, Noruega) na altura da entrevista estava a ter a sua primeira experiência de voluntariado internacional na Índia, numa organização com vários projetos em que a voluntária estava a desenvolver um projeto rural de biogás com a duração total de 3 meses e meio.

O entrevistado 14 (40, Colômbia) planeou com a esposa uma viagem de 3 meses ao Brasil em 2011 onde organizaram um programa intercultural entre eles próprios e 3 organizações, 2 em Recife e 1 em Salvador, onde dedicaram 1 mês em cada cidade. Em Recife as duas organizações eram juvenis e em Salvador a organização organizava atividades com meninos de bairros pobres. O entrevistado e a esposa preparam atividades colombianas para partilhar a sua cultura e os jovens e crianças das organizações faziam o mesmo.

O entrevistado 16 (37, Egito) participou até ao momento em 2 projetos de voluntariado internacional, o primeiro em 2012 numa plantação em França durante 10 dias e o outro na Alemanha a ajudar a pintar uma casa durante 3 dias, ambos eram projetos de ajuda pessoal.

O entrevistado 19 (50, Austrália) durante uma viagem à Tailândia teve a oportunidade de se voluntariar em duas organizações. A primeira era numa escola onde o entrevistado teve a oportunidade de jogar e fazer atividades com crianças como também dar aulas de inglês e cultivar uma pequena horta. Na segunda organização, havia várias atividades e áreas de ação da organização mas o entrevistado esteve também a dar aulas de inglês para as crianças.

### ***‘Lifestyle’***

Este tipo de experiência de voluntariado tem origem na obra de Daldeniz e Hampton (2010) onde identificam o volunturista *‘Lifestyle’* como alguém que se voluntaria na indústria de turismo. A entrevistada 6 (31, E.U.A.) voluntariou-se numa pousada da juventude durante 1 mês e meio na Islândia, onde, em troca do seu trabalho, tinha estadia e alimentação gratuita. As atividades com que contribuía eram as lides diárias da pousada, tais como, preparação de pequeno-almoço, tomar conta dos hóspedes, limpeza, entre outras atividades.



## **Intermediário**

Este tipo de volunturismo, como o nome indica, implica uma organização intermediária entre o voluntário e a organização de acolhimento.

Desde 2003, o entrevistado 11 (36, China/HK) tem tido experiências de voluntariado internacional quase todos os anos. Primeiro num campo de trabalho de exploração arqueológica na Alemanha, no ano seguinte num campo de refugiados na Palestina, depois num projeto de conservação de monumentos em Espanha, de seguida a organizar um festival de música na Croácia, depois a organizar um campo de juventude na Lituânia, mais tarde como líder de um grupo de estudantes universitários num centro de assistência social no Vietname, e por último, na evacuação de emigrantes na Dinamarca. Estas atividades duraram entre 2 semanas a 1 mês.

A entrevistada 12 (32, Itália) participou até ao momento em 3 projetos de voluntariado internacional, um a plantar árvores em Atenas durante 2 semanas, depois esteve na Alemanha num projeto com cidadãos com deficiência física e mental por 2 semanas e por último esteve em Nova Iorque durante 10 dias também a tomar conta de cidadãos com deficiência física e mental.

O entrevistado 14 (40, Colômbia) participou com a esposa num projeto de voluntariado internacional em 2002 em Gana perto de Kumasi, onde tiveram a oportunidade de ajudar a construir uma biblioteca na escola local e participaram numa campanha de prevenção contra a sida.

A entrevistada 18 (23, França) teve a primeira experiência de voluntariado internacional na Zâmbia, em África durante 3 meses em 2012, através da organização intermediária chamada *International Citizen Service* no Reino Unido. Através desta organização inscreveu-se numa organização local chamada *Restless Development*. O programa era gratuito, patrocinado pelo governo Britânico. Na Zâmbia dava orientação de planeamento familiar, campanha de prevenção do VIH e dava aulas de empreendedorismo.

## **Organização Internacional**

Este tipo de organização tem várias filiais à volta do mundo, pelo que o voluntário poderá inscrever-se diretamente na organização no seu país de origem, que depois é a mesma organização que está presente no país de acolhimento para receber o voluntário.

O entrevistado 15 (36, Bulgária) participou num projeto de voluntariado de várias fases durante quase um ano e meio, no entanto o serviço de voluntariado internacional efetivo teve a duração de 6 meses na Índia a trabalhar com os sem-abrigo. Havia várias atividades a serem desenvolvidas pelo entrevistado, tais como aulas de inglês para crianças, construção de abrigos temporários, distribuição de preservativos, organização de campos médicos, entre outras.

A entrevistada 18 (23, França) teve como segunda experiência de voluntariado internacional trabalhar num *kibutz* em Israel durante 3 meses, a organização chama-se *Kibbutz Program Center* e a entrevistada apenas pagou a viagem a Israel, tudo o resto foi gratuito. Escolheu a localização do *kibutz* em Israel e após experimentar várias atividades escolheu em qual queria trabalhar, que acabou por ser na cozinha.

### **Coordenador de Projeto**

Este tipo de projeto diz respeito apenas aos voluntários que têm como responsabilidade definida desde o início da sua participação a coordenação de projetos. A entrevistada 17 (52, Itália) está a trabalhar desde novembro de 2012 em Jipijapa, no Equador a impulsar o turismo comunitário e também a apoiar a organização *Proturisco*<sup>11</sup> em tudo o que necessita, como assessoria, elaboração de projetos, melhorar a administração da organização e apoio à implementação do turismo comunitário. Trabalha diretamente na organização no local desde 2012, mas desde 2001 que acompanha a organização remotamente desde a Bélgica.

### **EVS**

Este tipo de projeto é o Serviço de Voluntariado Europeu, que agora faz parte do programa *Erasmus+*. A entrevistada 18 (23, França), como terceira experiência de voluntariado internacional participou num programa *EVS* num liceu na Dinamarca durante 10 meses a partir de agosto de 2013. Fez várias atividades de promoção do liceu durante o seu voluntariado.

---

<sup>11</sup> Programa de Turismo Comunitario de Jipijapa: Unión Provincial de Organizaciones Campesinas de Manabí, disponível em <http://www.proturisco.org/en/#.VBXkkfldXE5>, consultado a 22 de Agosto de 2014.

## **Medicina**

Apesar de não termos entrevistados que tenham feito voluntariado relacionado com medicina, tivemos várias menções desta área. Uma vez que esta é também uma área do volunturismo desenvolvida e investigada (Citrin, 2010; Snyder, Dharamsi e Crooks, 2011), incluímos alguns relatos dos entrevistados sobre estudantes de medicina que participavam em projetos deste tipo. A entrevistada 8 (29, Portugal) em 3 dos projetos que participou teve uma experiência relacionada com medicina, na Cruz Vermelha curso de primeiros socorros e aconselhamento sobre a sida, na Nicarágua num projeto criou *kits* de primeiros socorros e no outro assistiu à abertura de um posto de saúde para a comunidade, talvez também no seguimento de aproveitamento da formação farmacêutica da entrevistada.

O entrevistado 19 (50, Austrália) comentou que os voluntários que estavam a trabalhar no hospital eram estudantes de medicina e achava que tomavam parte em atividades que, se estivessem na terra natal, não lhes seria permitido fazer por ainda não terem terminado a sua formação. O entrevistado considera que a população geral da Tailândia não tem noção do que se deve fazer para cuidar de alguém em caso de emergência, coisas básicas como pôr uma compressa numa ferida, conhecimento que as pessoas no mundo ocidental consideram supostamente um conhecimento geral. Como as pessoas não têm esse conhecimento básico, considera que qualquer pessoa com algum conhecimento de primeiros socorros poderá ajudar e fazer a diferença entre vida e morte em certas partes da Tailândia.

## **Duração**

Tendo em consideração cada experiência relatada pelos entrevistados podemos contabilizar 43 experiências de voluntariado com 19 diferentes durações numa variação entre 3 dias e 2 anos. No entanto, podemos verificar que existe um maior número de experiências de 2 semanas com 21% de todas as experiências, com experiências de 1 mês em segundo lugar com 12% das experiências. Considerando todas as experiências entre 3 dias e 1 mês, conseguimos observar que 53% de todas as experiências acontecem nesta gama. Com 28% das experiências a acontecerem entre 1 mês e os 3 meses. Os restantes 19% sendo experiências entre os 3 meses e os 2 anos.

É curioso ver o que cada voluntário considera ser curta duração para um projeto, por exemplo, para a entrevistada 4 (28, E.U.A.) curta duração para trabalhar com crianças é de seis meses a um ano; para a entrevistada 6 (31, E.U.A.), curta duração para trabalhar em conservação marítima é duas semanas porque requer formação. Já a entrevistada 8 (29, Portugal) considerou-se ‘turista’ por ter participado num projeto por apenas 1 semana, ao que o entrevistado 7 (35, Portugal) reiterou que o trabalho foi mais duro nessa semana, ou seja, existe uma equiparação entre duração versus quantidade da atividade. Podemos dizer que 2 semanas poderá ser um programa curto se envolver algo que necessita formação ou atenção especial, como crianças, mas que se for necessário apenas mais um par de mãos poderá ser o suficiente. Mesmo assim, é sempre favorável para o projeto, o voluntário planear uma estadia mais longa. Mas, por exemplo, o projeto de voluntariado com cidadãos com deficiência física e motora em Nova Iorque relatado pela entrevistada 12 (32, Itália) em que basicamente, iam todos num grupo para um hotel de férias, já poderá não acarretar a necessidade de uma experiência longa, existe um registo diferente na mente das pessoas entre ir de férias para um ambiente diferente onde todos são pessoas desconhecidas e estarmos no nosso próprio ambiente e haver alguém que está de passagem.

## **Movimento**

Para registar o movimento dos voluntários pelas diversas experiências, usámos Norte como sendo o mundo desenvolvido e Sul como sendo o mundo em desenvolvimento. Consideramos primeiro utilizar a tabela de índice de desenvolvimento humano para identificar o desenvolvimento, no entanto reparamos, que enquanto um país possa ter um índice de desenvolvimento elevado em média, poderá ter áreas rurais com um nível de desenvolvimento muito baixo e geralmente é para essas áreas que os voluntários, que descrevem estas experiências, vão. Então, optamos por usar a tabela do Banco Mundial sobre o que é considerado um país em desenvolvimento e levamos também em consideração o índice de desenvolvimento humano para graduar o movimento em que 1 é o nível de maior desenvolvimento humano e 187 é considerado o menor.

Temos então quatro tipos de movimentos: Norte para Sul (N-S), Norte para Norte (N-N), Sul para Norte (S-N) e Sul para Sul (S-S).

Com base nas 43 experiências relatadas neste trabalho verificamos que o movimento N-S é o movimento com mais experiências relatadas com 44%, seguido do movimento N-N com 35%. Estes valores são de esperar, uma vez que existe maior poder de compra em países do Norte. Já as experiências de movimentos S-S têm 16%, um número considerável em que se torna mais acessível a um voluntário de um país do Sul ir para um país do Sul do que para um país do Norte onde os custos de viagem se tornam muito mais elevados, temos então o movimento S-N com apenas 5% das experiências relatadas. Convém mencionar que o movimento do entrevistado 11 (36, China/HK) por se deslocar desde Hong Kong, que é considerado desenvolvido, é considerado um movimento de Norte.

Fazendo uma análise à graduação desse movimento, considerando o índice de desenvolvimento humano, os movimentos mais radicais entre Norte e Sul foram do entrevistado 1 (38, E.U.A.) em que viajou dos Estados Unidos da América com um índice de desenvolvimento humano de 5 para a Tanzânia que tem um índice de desenvolvimento humano de 159. E da entrevistada 13 (36, Noruega) com uma graduação de 134 movendo-se da Noruega que tem um índice de desenvolvimento humano de 1 para a Índia com um índice de desenvolvimento humano de 135. Já no movimento contrário de Sul para Norte podemos ver que a graduação mais radical é de -104 no movimento do entrevistado 16 (37, Egito) entre o Egito com um índice de desenvolvimento humano de 110 para a Alemanha que tem um índice de desenvolvimento humano de 6.

Analisando os movimentos entre continentes, registamos que os movimentos entre o continente Europeu e a América do Sul são mais numerosos devido aos movimentos relativos às experiências dos entrevistados 7 e 8 (M 35 e F 29, Portugal). Os outros movimentos mais numerosos entre continentes são: entre a Ásia e a Europa, devido à contribuição do entrevistado 11 (36, China/HK); e entre a América do Norte e a Ásia. Logo a seguir temos os movimentos com o mesmo número de experiências: da Europa para a Europa e da América do Sul para a América do Sul.

Nas experiências dos entrevistados os continentes onde mais experiências aconteceram, independentemente de onde vêm, são a Europa em primeiro lugar, a Ásia logo a seguir e a América do Sul também com um número elevado de experiências.

## Método de Procura

De acordo com as experiências relatadas, identificamos cinco métodos de procura distintos ou maneiras como os entrevistados souberam dos projetos de voluntariado: informação na instituição de ensino; procura básica na internet; recomendação de outros; procura em *sites* específicos como *helpx*<sup>12</sup>, *workaway*<sup>13</sup> e *couchsurfing*; e empresa intermediária.

A maior parte das experiências foram encontradas através de recomendação pessoal, seguidas de experiências encontradas em *sites* específicos.

## Crítérios de escolha

Observámos que os critérios de escolha da experiência dos entrevistados muitas das vezes estão interligados com as suas motivações pessoais. No entanto, foi-nos possível identificar os três critérios mais importantes no processo de escolha destes entrevistados: financeiros; de interesse pessoal/causa; local. Os critérios financeiros foram mencionados várias vezes, os entrevistados consideram o preço da experiência, se têm que pagar para se voluntariar e quais os custos de estadia, se existirem. Os entrevistados têm preferência por custos mais baixos, mas se tiverem que pagar por uma experiência que desejam muito fazer, pagam. Como o entrevistado 14 (40, Colômbia) que tem por princípio não pagar experiências de voluntariado e no entanto pagou para ir para África. Ou como a entrevistada 12 (32, Itália) que se debateu em pagar para se voluntariar este ano na Itália, mas que acabou por ceder. Os entrevistados mostraram uma disposição para pagar uma contribuição simbólica de ajuda à sua estadia e alimentação mas a preço de custo.

Outros critérios que agrupamos que foram mencionados várias vezes foram o interesse pessoal, a causa, o impacto e a utilização das suas competências. Os entrevistados mostraram várias vezes um enfoque ou uma direção específica a um interesse pessoal que poderá ser também uma causa que suportam, onde possam valorizar o seu impacto usando as suas competências pessoais.

O critério do local foi mencionado várias vezes, mas apesar de por vezes não ser mencionado, estava implícito pelo nível de casualidade de muitas das experiências.

---

<sup>12</sup> HelpX, disponível em <http://www.helpx.net/>, consultado a 10 de Agosto de 2014.

<sup>13</sup> Workaway.info, disponível em <http://www.workaway.info/>, consultado a 10 de Agosto de 2014.

Outros critérios que foram mencionados em menor frequência, alguns implícitos ou não foram: poder viajar, conhecer pessoas novas, conhecer cultura e a duração do projeto.

## **Motivações**

As motivações dos entrevistados são de origens variadas, pelo que as agrupamos em quatro motivações principais: 1. Motivações de desenvolvimento profissional e pessoal, que incluem: ganho de experiência, interesse em área específica pela qual se voluntariam, aprendizagem sobre algo em específico; 2. Motivações de viagem, que incluem entrevistados que mencionam que queriam sair do país, viajar para algum lugar sem pagar muito, exposição internacional, gostaram do sítio e quiseram ficar mais tempo, diminuir os custos da viagem; 3. Motivações ao nível cultural, que incluem o interesse pelo conhecimento da cultura, o intercâmbio cultural, o interesse em ficar mais próximo da comunidade; e 4. Motivações de cariz altruísta, que incluem as respostas dos entrevistados sobre ajudar, fazer um impacto, contribuir com algo positivo.

Outras duas motivações foram mencionadas algumas vezes que poderão ser inseridas em um ou mais grupos de motivações, pelo que decidimos manter separadas que é o desejo de ter uma pausa da sua vida quotidiana e a oportunidade de conhecer pessoas.

## **Expectativas**

Os entrevistados, na maioria das vezes, mostraram ter expectativas muito superiores ao que as experiências lhes ofereceram, muitas vezes por falta de informação ou informação deficiente, outras vezes talvez a informação estivesse toda na descrição do projeto, o entrevistado é que tinha uma ideia de enquadramento da informação de acordo com a sua própria visão. Por exemplo, quando o entrevistado 10 (29, E.U.A) se voluntariou no Vietname e o programa mencionava que ofereciam estadia, não imaginou que estadia no contexto do Vietname significava dormir num tapete no chão com muitos outros homens.

Observou-se que à medida que os entrevistados têm mais experiências existe um crescimento ou diminuição de expectativas de projeto para projeto, existe um ajuste progressivo das expectativas tanto no próprio projeto como de projeto em projeto. Ou seja, se um entrevistado tiver uma expectativa superior que não foi satisfeita no primeiro projeto, vão para

o segundo projeto com expectativas muito mais baixas, o que faz com que a probabilidade de satisfação desse programa seja muito superior. Ao mesmo tempo, com a satisfação das expectativas num programa é possível que cheguem ao próximo projeto com expectativas mais altas do que anteriormente, o que automaticamente pode afetar a sua satisfação pelo projeto.

Reparamos no ajuste das expectativas também durante a experiência em que os entrevistados ajustam aquilo que podem contar com o programa e focam a sua atenção mais nessa área.

Quando havia uma recomendação pessoal, era mais comum ver que as expectativas correspondiam àquilo que o entrevistado esperava ou antecipava do programa.

Um critério que também geriu a satisfação e expectativas dos entrevistados era o impacto que a sua participação de voluntariado tinha para o projeto a que se voluntariavam e também a continuidade do projeto em que trabalhavam.

## **Visão do outro**

Em visão do outro, pretendemos identificar as motivações dos voluntários com quem os entrevistados se voluntariaram ou qualquer outro comportamento que os entrevistados identificaram.

Em linhas gerais, os voluntários que também serviram com os entrevistados eram maioritariamente jovens, estudantes universitários ou entre o secundário e a universidade, ou no final dos estudos universitários. Estes voluntários mostravam menos seriedade pelo trabalho de voluntariado, dedicavam menos tempo à organização, mostravam desmotivação para contribuir e o seu maior interesse era a viagem e as atividades de turismo.

No entanto, vamos usar os mesmos grupos de motivações utilizadas nas motivações dos entrevistados para podermos analisar melhor os relatos recebidos.

No grupo das Motivações de desenvolvimento profissional e pessoal, existem alguns relatos de voluntários que após a sua experiência estavam prontos para encarar a vida profissional, relatos de procura de experiência, exposição internacional, aprender (línguas), enriquecer o currículo e participação como parte de estágio de final de estudos.

No grupo das Motivações de viagem, podemos encontrar relatos de voluntários que queriam passar umas férias diferentes, mais interessados em viajar a baixo custo.



No grupo das Motivações de cariz altruísta, houve relatos de voluntários, na qual a sua dedicação era completamente altruísta, outros que queriam dar a sua contribuição, ajudar.

No grupo das Motivações ao nível cultural, os entrevistados relataram que os voluntários queriam estar em contacto com outra cultura e ter um intercâmbio cultural.

Outras motivações que foram mencionadas foram pessoas que procuravam uma mudança, pessoas que tinham sido obrigadas pelos pais a participar, pessoas que procuravam um namorado ou namorada.

Vários entrevistados consideram que o motivo pelo qual as pessoas se voluntariam tem sempre uma dimensão pessoal e egocêntrica, que podem querer dar o seu contributo, mas que o fazem também por si próprios.

O entrevistado 14 (40, Colômbia) quando foi para Gana com um grupo de Europeus dividiu o grupo de voluntários Europeus entre “caritativos” e “aventureiros”. Em que aqueles que considerava ser voluntários “caritativos” eram muito bondosos, mas talvez em demasia, em contraste com os voluntários “aventureiros” que tinham interesse em fazer apenas uma única experiência dessas. O entrevistado 14 (40, Colômbia) relatou que também havia um grupo de voluntários locais que se aproveitavam da bondade dos voluntários “caritativos” e talvez por essa razão é que se tinham juntado ao grupo, na expectativa de serem presenteados. O entrevistado também mencionou que havia alguns voluntários muito conscientes como ele próprio, que procuravam um relacionamento horizontal com os locais.

### **Ganho para a comunidade**

Na maioria dos casos os entrevistados consideram que a comunidade beneficiou com a presença dos voluntários. O Entrevistado 1 (38, E.U.A.) considera que o ganho para a comunidade depende muito da competência do voluntário, mas que independentemente dessa competência, a comunidade ganhava sempre em termos de exposição a uma nova cultura desde que não existisse uma imposição do estrangeiro a sobrepor-se aos costumes locais. O entrevistado 10 (29, E.U.A) também comentou que a exposição a uma nova cultura era uma das vantagens mais importantes do programa que participou no Vietname.

O entrevistado 5 (28, Argentina), por exemplo, mencionou que o voluntário era quem fazia toda a diferença na organização onde se voluntariou porque a organização dependia a

100% de voluntários, também tinha contacto com a comunidade que recebia e pôde verificar que estavam todos muito gratos pela contribuição dos voluntários.

Já a entrevistada 4 (28, E.U.A.) questiona-se sobre a contribuição que se faz quando se voluntaria num projeto dedicado a crianças, acha que as crianças necessitam de estabilidade e talvez ter sempre voluntários a chegar e a partir não é o melhor para as crianças. Considera que talvez o melhor seria se dedicar a um projeto de elefantes, por exemplo, onde é necessário apenas um par de mãos.

Já um par de mãos foi um dos benefícios mais presentes nas experiências dos entrevistados, como os entrevistados 7, 8, (M 35 e F 29, Portugal) 9 e 10 (F 28 e M 29, E.U.A.).

Os entrevistados 7 e 8 (M 35 e F 29, Portugal) sentiram mais o seu contributo na organização *Peace Project* onde o projeto estava todo virado para a comunidade, não só sentiram que contribuíram mais, como foi aquele pelo qual se sentiam mais próximos e mais satisfeitos pelo trabalho feito.

A entrevistada 6 (31, E.U.A.) comenta como o voluntário se deve adaptar às necessidades da organização. Em ambas as suas experiências tanto no Camboja como no Vietname, entrou para as organizações com o intuito de fazer uma coisa e ambas se tornaram diferentes daquilo que esperava. Também porque a entrevistada permitiu que assim fosse, pela sua flexibilidade e adaptação ao que era necessário fazer.

As entrevistadas 12, 13 e 18 (32, Itália, 36, Noruega e 23, França) foram as que duvidaram do impacto que o seu serviço teve para a comunidade, a entrevistada 12 (32, Itália) achou que as árvores que plantou na Grécia não iriam vingar; a entrevistada 13 (36, Noruega) acha que um projeto tecnológico demora mais a beneficiar a comunidade do que outros projetos em que o ganho é imediato e o facto do seu projeto talvez não ser continuado poderá não trazer qualquer benefício à comunidade; a entrevistada 18 (23, França) achou que o que lhe foi pedido fazer na Zâmbia, não ia ao encontro das necessidades da comunidade local. Ambas as entrevistadas 13 e 18 (36, Noruega e 23, França) consideram que talvez um contributo monetário para pagar a um profissional de desenvolvimento fosse mais útil do que os contributos e esforços que foram feitos nos projetos em que participaram.

A entrevistada 17 (52, Itália) tem tido a oportunidade de ver contributos para a comunidade local através da dinamização do comércio local e turismo comunitário, em que a comunidade pode não beneficiar de imediato, mas num futuro próximo.

O entrevistado 19 (50, Austrália) considera que a comunidade local em ambas as experiências recebeu parte daquilo que necessitava e acha que os pontos positivos superam quaisquer pontos negativos que possam haver. Em particular, acha que o valor nutritivo do cultivo da sua horta oferece uma vantagem às crianças mas que, sem dúvida que a interação dos voluntários com as crianças foi o que as crianças receberam de mais valioso.

### **Dimensão Voluntário**

79% dos entrevistados responderam que costumavam voluntariar-se na sua comunidade antes da primeira experiência de voluntariado internacional, apenas 21% nunca o tinha feito antes. Já quando perguntamos sobre se têm planos de voltar a voluntariar-se internacionalmente 89% responderam que sim e apenas 11% disseram que não têm qualquer plano de o fazer num futuro próximo.

É curioso ver que aqueles que não costumavam fazer voluntariado na sua comunidade local dizem que o voluntariado agora faz parte da sua vida e que planeiam continuar a voluntariar-se na sua própria comunidade.

A entrevistada 6 (31, E.U.A.) sempre teve o costume de se voluntariar, desde criança com a atividade dos escuteiros, depois também na escola secundária, o que lhe permitiu receber ajuda nos estudos universitários por ter contribuído para a sociedade. Quase sempre esteve envolvida em atividades de voluntariado na sua terra natal.

Os entrevistados 7 e 8 (M 35 e F 29, Portugal) pretendem continuar a voluntariar-se nas suas viagens. No entanto, é interessante ver as dimensões daquilo a que consideram ser aceitável pedir do voluntário e como cada entrevistado, dependendo de onde vem encara o trabalho de voluntariado. Os entrevistados 7 e 8 (M 35 e F 29, Portugal) tinham a ideia que voluntariar-se seria trabalhar sem receber algo em troca, mas nunca teriam conceptualizado a possibilidade de se pagar para se ser voluntário. Os entrevistados 5 (28, Argentina) e 14 (40, Colômbia) são da mesma opinião.

Foi interessante ver os entrevistados 7 e 8 (M 35 e F 29, Portugal) fazer construções do voluntariado, por um lado o entrevistado 7 (35, Portugal) intitulou de “voluntários *hardcore*” e “voluntários *‘hippies hardcore’*” àqueles que se dispõem a condições de voluntariado mais extremas, como, longas horas de trabalho e a pagar. Também intitulou de “voluntários mais ‘puros’” àqueles que pagam 3 mil dólares por semana. A entrevistada 8 (29, Portugal) chamou

de “voluntariado num sentido mais ‘puro’” ao voluntário que vai de projeto em projeto, apresenta as suas habilidades e em troca de trabalho pede estadia e alimentação.

Uma vez que os entrevistados 7 e 8 (M 35 e F 29, Portugal) são Portugueses, foram feitas comparações entre os voluntários que encontraram e o que é considerado comum em Portugal. Por um lado acham que por muitas críticas que se possam fazer aos Americanos pela maneira como se voluntariam, acham que é bem mais produtivo ter uma experiência dessas do que as férias Portuguesas no Algarve. Comentaram também que se se vê outras nacionalidades a fazer isso e não Portugueses e como isso tem também a ver com o facto dos seus governos patrocinarem essas experiências e pela falta de patrocínio ou qualquer tipo de crédito dado a essas experiências pela parte Portuguesa.

O entrevistado 11 (36, China/HK) sempre que tem oportunidade voluntaria-se onde quer que esteja. Agora reside em Berlim e voluntaria-se em organizações de apoio social e com os sem-abrigo, desde 2009 desenvolveu também uma organização que organiza projetos de voluntariado internacional com base em Hong Kong.

A entrevistada 13 (36, Noruega) pretende voluntariar-se internacionalmente, mas depois das desilusões do projeto em que participou, investiria mais tempo a investigar melhor a organização de acolhimento antes de fazer a escolha final.

O entrevistado 14 (40, Colômbia) é voluntário primeiro e turista depois, voluntaria-se desde os 14 anos e para ele é muito natural que se voluntarie onde estiver. A esposa costuma viajar a trabalho e o entrevistado onde vai voluntaria-se. Gostava de organizar um encontro entre voluntários de bairros pobres entre África e América do Sul ou África e Ásia. Quando falamos sobre a pré-disposição dos povos para ajudar o outro, o entrevistado falou que nas suas viagens com estudantes a comunidades indígenas na Colômbia visitaram uma comunidade indígena *nasa* em que tinha como tradição fazer a *minga*. Explicou que a *minga* é uma palavra quéchua, que quer dizer dedicar um dia por semana a trabalhar para toda a comunidade, mas de forma obrigatória e que quando falavam com os locais indígenas, estes não concordavam identificar a *minga* como trabalho voluntário pois era obrigatório fazer a *minga*.

O entrevistado 15 (36, Bulgária) pretende voluntariar-se outra vez, mas acha que desta vez vai tentar equilibrar o voluntariado com um emprego para poder garantir a sua segurança financeira. O entrevistado conflitua-se com o facto de poder fazer a sua contribuição na sua comunidade em vez de ir tão longe, mas diz que não pretende devotar-se apenas a ajudar, que quer também viajar e visitar aqui e ali, “unir o útil ao agradável”. Diz que outros virão de outros

países fazer a sua contribuição na Bulgária, fazer, supostamente, o seu trabalho. O entrevistado fala também do que era o voluntariado no regime comunista em que as pessoas tinham que trabalhar um dia em cada mês de forma gratuita para a empresa, diz que as gerações mais jovens já não sabem o que isso é mas isso também não lhes dá qualquer interesse em ajudar.

### **Popularidade do Volunturismo**

Quando questionados sobre o que acham que faz com que o volunturismo tenha tanta popularidade os entrevistados deram uma miríade de respostas que agrupámos em 4 grupos principais: fatores de produção turística, fatores da evolução do mundo de hoje, fatores sociais e culturais, e fatores altruístas.

Os fatores mais elevados quanto à opinião dos entrevistados foram os de produção turística, contando com as diferentes motivações dos voluntários, as experiências variadas / de viagem autêntica / de vida, viagem com um propósito, exotismo, o volunturismo estar na moda, produto turístico atrativo e o equilíbrio entre férias e voluntariado.

Em segundo ficam os fatores da evolução do mundo de hoje, estes fatores contam com a globalização, a facilidade, a internet, a informação e a educação; quanto mais educada e informada a população, mais curiosidade existe para haver uma aproximação ao estranho distante.

De seguida ficaram os fatores sociais e culturais, que contam com o interesse da imersão e intercâmbio cultural, a consciência dos problemas sociais, a responsabilidade social e o interesse em conhecer novas pessoas.

Por último ficam os fatores altruístas que englobam ajudar, dar o seu contributo e a gratificação pessoal.

O relato do entrevistado 3 (28, Índia) foi muito interessante porque mencionou que a popularidade deve-se à facilidade acrescida nos trâmites de viagem. Como o visto de visita que se torna mais fácil tirar quando se viaja com o propósito de se voluntariar. A entrevistada 18 (23, França) também comentou o facto de ser voluntária em Israel tornou a sua visita ao país e à Palestina mais simples.

A entrevistada 4 (28, E.U.A.) considera que a popularidade do volunturismo deve-se à procura pelas pessoas de algo além do turismo, adicionam aos seus planos uma atividade mais

significativa, educativa, uma experiência que não só fique bem no currículo mas que também contribua com alguma experiência de trabalho e reflita algo sobre a pessoa.

Já o entrevistado 14 (40, Colômbia) considera que volunturismo é um fenómeno dos países do Norte e considera que há muito volunturismo porque existem muitas organizações que oferecem ‘produtos’ muito atrativos, considera muito atrativo os cursos pagos com experiência de voluntariado (apesar de não sabermos ao certo quais são os programas a que se refere, é possível que sejam os mesmos em que o entrevistado 15 (36, Bulgária) participou. De acordo com o entrevistado 15 (36, Bulgária), por um lado, este tipo de projetos têm voluntários que não pagam para se voluntariar, mas têm que angariar outros voluntário que pagam um custo bastante elevado. Existe um *link* e uma descrição na secção seguinte – críticas ao volunturismo).

O entrevistado 19 (50, Austrália) considera que a popularidade do volunturismo deve-se a “um desejo humano inato em querer algum tipo de reconhecimento e fazer algo para ajudar pessoas (...) então se puderem encontrar uma entidade que lhes pode fornecer tudo isso de uma só vez e ainda possam divertir-se ao mesmo tempo, é simplesmente ideal”.

### **Críticas ao Volunturismo**

Entre as críticas ao volunturismo vamos agrupar as críticas mencionadas em 2 grupos distintos de acordo com o sujeito responsável pela crítica. Ou seja, críticas que têm a ver com a contribuição do Voluntário e depois críticas que têm a ver com a contribuição da organização.

As críticas mais mencionadas têm o voluntário como sujeito responsável, que, por não tomar seriedade pelo serviço de voluntariado ou dedicarem pouco tempo ao projeto fazem com que a sua contribuição na organização seja débil, tornando-se num fardo para a organização. Outras críticas que foram mencionadas têm a ver com o interesse do voluntário para apenas usar a experiência do voluntariado para embelezar o currículo, ter uma atitude de superioridade perante a cultura e os costumes locais, resultando num desrespeito pela comunidade de acolhimento e pela exibição constante dos voluntários nas páginas de comunicação social.

As críticas que têm como sujeito responsável as organizações são: o facto de se ter que pagar para voluntariar ou a organização ter lucro às custas do voluntário; organizações duvidosas; a exploração (variada) do voluntário; e a distribuição de recursos não ser feita de acordo com as necessidades.

O entrevistado 14 (40, Colômbia) acha curioso o facto dos Europeus passarem por um processo tão violento como a profilaxia contra a Malária. Diz que por um lado os Europeus querem aparentar ser fortes e aventureiros, por outro lado, vão para África muito protegidos. E é também a partir dessa proteção e segurança que considera que os Europeus acham normal pagar para se voluntariar.

O entrevistado 15 (36, Bulgária) acha que há organizações que se tornam negócios, e que possivelmente a organização onde se voluntariou é uma delas, enviou *links* que mencionam que o diretor de uma organização afiliada à organização com a qual se voluntariou está a ser procurado pela Interpol por fraude relacionada com extravio de dinheiros<sup>14</sup>. Não é claro até que ponto é que as organizações estão envolvidas, mas tendo apenas como base o relato do entrevistado, a organização tem uma posição menos correta perante os voluntários por omissão de tudo aquilo que esperam dos voluntários.

A entrevistada 18 (23, França) já ouviu críticas ao volunturismo tais como: não provoca um grande impacto; não ajuda a população porque criam dependência; que é uma solução a curto prazo e não é sustentável; e que as pessoas que vão para lá não sabem nada. A entrevistada considera que algumas críticas são verdadeiras e outras não são. A entrevistada acha que é sempre bom ir a um país estrangeiro e fazer algo, concorda que provavelmente o que se faz não é sustentável, também concorda que as pessoas que vão são muito jovens, acabam de sair do secundário, e possivelmente não terão grande utilidade. Acha que, por exemplo, enviar um grupo de jovens do Reino Unido para dar aulas de Inglês ou abrir um centro de apoio para depois das aulas faria mais sentido, pois podem assistir os jovens, sem tentar resolver os seus problemas, tais como o VIH e a educação sexual. Considera estes assuntos mais complexos que devem ser tratados por alguém com mais experiência. Acha também que as populações não podem estar à espera dos voluntários para fazer tudo ou não se tornarão auto-suficientes.

Refletindo um pouco sobre possíveis críticas ao volunturismo, o entrevistado 19 (50, Austrália) considera que possivelmente essa crítica poderá vir da indústria do turismo, alguns comércios locais poderão sofrer quando mão-de-obra qualificada entra no país e a possibilidade de haver empregos de locais que poderão ser ocupados por estrangeiros. Achava que havia muitos locais que se sentiam fora do lugar rodeados por ocidentais a entrar no seu país e a desafiá-los.

---

<sup>14</sup> 'Wanted by Interpol – Amdi Petersen, founder of Humana People to People, Planet Aid and USAgain', *Tvindalert*, disponível em <http://tvindalert.com/>, consultado a 21 de Agosto de 2014.

## Sugestões

As sugestões também dividimos em dois grupos, aquelas que são sugestões dirigidas aos voluntários e as sugestões que estão dirigidas às organizações.

As sugestões que os entrevistados têm para os voluntários são:

- os voluntários devem manter mente aberta e alguma flexibilidade;
- devem ter cuidado a procurar as organizações, tentando investigar e falar com outros voluntários;
- antes de irem para o país de acolhimento, não devem levar consigo estereótipos e ‘bagagem’ cultural desnecessária;
- quanto mais tempo tiverem para dedicar à organização e para visitar melhor;
- a utilização dos *sites workaway* e *helpx* é recomendada;
- ser responsável perante o trabalho;
- respeitar os costumes locais.

As sugestões que os entrevistados têm para as organizações são:

- maior clareza de informação na descrição do programa;
- quanto mais estruturado e organizado o programa estiver melhor;
- dar formação aos voluntários antes de ir para o país de acolhimento, assim como dar formação à organização de acolhimento sobre como receber e apoiar os voluntários;
- maior presença entre os jovens, informando os estudantes na universidade ou secundário dos programas existentes;
- maior e melhor divulgação da organização pela internet, para ficar acessível ao voluntário e aumentar as hipóteses de ser encontrada;
- ter consciência dos custos de vida dos voluntários que permanecem durante muito tempo, quanto menor for o custo de vida, mais tempo o voluntário será capaz de se dedicar à organização;
- utilização eficiente dos recursos humanos.



O entrevistado 16 (37, Egito) sugere que as organizações devem abrir as suas portas aos voluntários, por outro lado aconselha os voluntários a cumprir com as suas obrigações, ao fazerem-no estão a apoiar e a preservar o seu direito de se voluntariar.

## **Aprendizagem**

Aquilo que os entrevistados mais ganharam foi o seu desenvolvimento pessoal e a compreensão dos outros. Muitos dos relatos tiveram um nível alto de sentimentalidade e consideram que estas são experiências que mudam as suas vidas, no sentido de que, a partir daquele momento, certas decisões são tomadas de acordo com a aprendizagem que tiveram nas experiências de voluntariado.

O que a entrevistada 4 (28, E.U.A.) aprendeu mais com a experiência de voluntariado foi que as pessoas nem sempre precisam daquilo que cada um pensa que elas precisam e que é muito difícil avaliar a necessidade por causa do preconceito cultural, que lidar com uma cultura diferente é uma área muito cinzenta, muito ambígua, e que não existe apenas uma maneira certa de fazer seja o que for.

O entrevistado 5 (28, Argentina) diz que, depois da sua experiência no México, divide a sua vida entre o antes e o depois de se voluntariar. Antes tinha uma ideia do que seria ajudar, mas depois de o fazer e de ver como as pessoas agradecem, fica motivado para fazer outro projeto idêntico e que passa a ser algo que se quer fazer mais. Ao mesmo tempo considera que a própria consciência social muda e mesmo que uma pessoa não volte a voluntariar-se ganha uma visão diferente sobre a sociedade e sobre o seu próprio comportamento. Diz também que quando se voluntaria o que se dá é muito menos do que aquilo que se ganha.

A entrevistada 6 (31, E.U.A.) fez amizades duradouras e sente que a sua experiência no Vietname fechou o ciclo da história de décadas entre duas famílias, como se de um pacto de paz se tratasse.

Os entrevistados 9 e 10 (F 28 e M 29, E.U.A) e a entrevistada 18 (23, França) saíram de África com uma lição valiosa que as coisas são mais complicadas do que as pessoas pensam e que não existe uma solução simples para um problema.

O entrevistado 11 (36, China/HK) menciona que na sua experiência no campo do refugiados na Palestina aprendeu o que é viver num país onde se vive sem qualquer liberdade, a situação era de tal maneira crítica que alguns voluntários entraram em depressão. Diz também

que com as experiências de voluntariado internacional conheceu conterrâneos que de outra maneira não os conheceria na amálgama da sociedade de Hong Kong.

A entrevistada 13 acha que todas as pessoas no mundo ocidental deviam viver numa comunidade rural num país em desenvolvimento para terem ideia de quantos esforços e recursos gastos no Ocidente são desnecessários. Da mesma maneira o entrevistado 1 (38, E.U.A.) considera que é positivo sair-se da sua própria “concha”. Já a entrevistada 18 (23, França) considera que a sua experiência na Zâmbia fê-la aprender sobre os seus próprios limites.

A conclusão que o entrevistado 14 chegou com a sua experiência em Gana foi que ninguém conhece ninguém, cada um depois volta para o seu país reforçando as barreiras que já tinha previamente.

Apesar do entrevistado 15 (36, Bulgária) se ter sentido explorado pela organização com quem se voluntariou, não acha que a experiência tenha sido completamente má, existe um misto de sentimentos, pois gostou muito da sua experiência na Índia e acha que tudo é aprendizagem.

O entrevistado 16 (37, Egito) diz que o que recebeu de mais precioso destas experiências foi se aperceber que culturas diferentes se expressam da mesma maneira, descobriu isso quando um colega voluntário contava anedotas do seu país que eram exatamente iguais àquelas contadas no Egito, que confirma que entre diferentes culturas existem muitas coisas em comum.

A entrevistada 18 (23, França) aprendeu a aceitar que existem algumas coisas que não podem ser mudadas e que assuntos culturais são complicados pois as pessoas foram educadas dentro de um sistema de valores que de certa forma faz com que a entrevistada questione os seus próprios valores. Acha que essa aprendizagem a tornou mais flexível, mais aberta e mais disposta a mudar e a experimentar coisas novas porque descobriu que aquilo que considerava ser um facto talvez já não seja. O momento mais incrível em África foi quando foi a um mercado sozinha e viu que estava completamente fora da sua zona de conforto, fê-la sentir-se livre. Também a proximidade das pessoas, a inocência com que a abordaram fê-la concluir que na Europa existe a tendência para tornar as coisas mais complicadas entre as pessoas.

O entrevistado 19 (50, Austrália) partilhou que o momento mais especial para ele foi quando visitou umas tribos nas montanhas em Laos e ia parando de aldeia em aldeia onde fazia uma aula improvisada de inglês quando as crianças o rodeavam. Para o entrevistado foi uma experiência incrível ter criado aquele momento ele próprio, sem planear, simplesmente surgir assim.

## Considerações Finais

Quando iniciámos este projeto definimos vários objetivos. Enquanto esperávamos responder à questão sobre as origens do volunturismo numa perspetiva teórica tivemos a oportunidade de ter algumas opiniões dos entrevistados sobre essa faceta do volunturismo. O entrevistado 11 (36, China/HK) considera que o voluntariado internacional sempre existiu, numa perspetiva humanitária, mas é de opinião que agora se tornou numa tendência a um nível maior devido à globalização. Já o entrevistado 14 (40, Colômbia) acha que o volunturismo é um fenómeno dos países do Norte pela oferta de ‘produtos’ atrativos.

Pudemos observar movimentos variados dos voluntários entre Norte-Sul, Norte-Norte, Sul-Norte e Sul-Sul, de acordo com os objetivos do estudo. Foi muito interessante perceber que os voluntários têm motivações, expectativas e procedimentos semelhantes, independentemente dos movimentos que fazem, tendo como interesse principal conhecer uma nova cultura e visitar uma região de interesse, independentemente da graduação do movimento. É de esperar que um indivíduo que se movimenta entre a Noruega e a Índia sinta uma grande diferença cultural, como nos foi relatado pela entrevistada 13 (36, Noruega). Mas um indivíduo inserir-se numa nova cultura demonstra ser sempre um desafio, independentemente da graduação do movimento, como pudemos observar com curiosidade no relato da entrevistada 18 (23, França), que enquanto menciona ter gerido bem a sua inserção na Zâmbia, que representa grande graduação do movimento Norte-Sul, descreve ter passado por um choque cultural precisamente quando se voluntariou na Europa, onde fez um movimento Norte-Norte de baixa graduação.

De uma maneira geral, as motivações dos entrevistados são semelhantes às aquelas mencionadas por Brown e Lehto (2005), com as motivações de desenvolvimento pessoal e desejos de viagem a tomarem um maior controle das suas escolhas, e a motivação cultural e altruísta tomando um posicionamento de pano de fundo, como os entrevistados mencionaram, gostam de dedicar parte das suas vidas ao voluntariado, mas também querem viajar, se assim não fosse, poderiam apenas voluntariar-se nos seus países de origem.

No que diz respeito a averiguar o porquê deste fenómeno estar em crescimento, a maior parte dos entrevistados concordam com Ellis (2003) no que diz respeito à produção turística ser

a maior influência para a sua popularidade, mas que estes não seriam suficientes caso a evolução dos transportes e dos meios de comunicação não estivessem tão desenvolvidos como estão nos dias de hoje.

No entanto, não pudemos deixar de notar o facto de todos os entrevistados terem uma dimensão de voluntário bastante forte. O que não é visível em muitos dos estudos feitos anteriormente, em que na maioria, os voluntários não são particularmente ativos na sua comunidade local, nem fazem voluntariado internacional mais do que uma vez (Sin, 2009).

Foi muito interessante ouvir os relatos dos entrevistados 14 e 15 (M 40, Colômbia e M 36, Bulgária) sobre a *minga* e o regime comunista, que Manea, et al. (2013) também comenta na sua obra, sobre o regime comunista na România.

Quando nos propusemos a averiguar o conhecimento dos entrevistados pelas críticas que existem, compreendemos que muitas das críticas exploradas nas obras científicas poderiam não ser conhecidas pelos voluntários. Por outro lado, constatámos que os voluntários tinham várias opiniões em relação às críticas feitas ao volunturismo, em que muitas das críticas cobertas por autores de obras semelhantes foram direta ou indiretamente mencionadas neste trabalho. Como exemplo, o sentido de colonialismo foi mencionado pela entrevistada 8 (29, Portugal) devido ao sentido de superioridade que os voluntários por vezes apresentavam (Palacios, 2010; Mostafanezhad, 2013). Também foi mencionado como às vezes existe uma falta de envolvimento da população local na decisão e desenvolvimento de organizações locais, por um lado não endereçando os problemas locais e por outro criando dependência como foi relatado pelo entrevistado 7 (35, Portugal) e defendido por Wearing (2004) e Guttentag (2009). A entrevistada 18 (23, França) também mencionou como os voluntários na maioria das vezes eram muito jovens e não apresentavam competências necessárias à elaboração de certas tarefas o que foi coberto em obras como Palacios (2010) e Guttentag (2009). Assim como as mudanças culturais nas comunidades locais por influência da exposição dos estrangeiros (Guttentag, 2009), que a entrevistada 5 não se sentia confortável em corroborar, e com o devido direito, desconhecendo que outras influências do Ocidente essas comunidades locais têm acesso e quais os valores que são atribuídos a esses símbolos.

Apesar de vários autores mencionarem que o volunturismo é predominantemente uma atividade em que a maioria dos participantes é do sexo feminino (Mostafanezhad, 2013;

Guttentag, 2009; Benson e Seibert, 2009), neste estudo isso não se evidenciou. Especialmente no que diz respeito a atividades com crianças, existe um equilíbrio entre ambos os sexos a participarem em atividades desta natureza, tais como a entrevistada 4 (28, E.U.A.) e o entrevistado 19 (50, Austrália), assim como os entrevistados 7 e 8 (M 35 e F 29, Portugal).

No que diz respeito à faixa etária, verificou-se, através do relato dos entrevistados que a maioria dos voluntários que encontravam em atividades de voluntariado internacional eram bastante jovens, maioritariamente entre os 18 e os 22 anos de idade.

As atividades em que os entrevistados tomaram parte eram variadas, ensino, construção civil, logística, tomar conta de crianças, angariação de fundos, campanhas de prevenção contra a SIDA, conservação marítima, organização de eventos, entre outras.

Em geral os entrevistados consideram que a comunidade local ganhou com a contribuição dos voluntários, no entanto, duas entrevistadas mencionaram que talvez seria uma contribuição melhor e com mais impacto se os custos de se voluntariarem fossem doados a um profissional de desenvolvimento com conhecimento local que soubesse melhor como abordar o problema.

Considerámos que os indivíduos que tivemos a oportunidade de entrevistar são pessoas que se interessam pelo voluntariado e com uma pré-disposição para ajudar pela partilha das suas experiências, daí termos tantos relatos intensos e repetidos de voluntariado. Provavelmente aqueles voluntários que não se interessam por ajudar ou participaram em apenas uma atividade de voluntariado internacional única com uma perspetiva de aventura como mencionado pelo entrevistado 14 (40, Colômbia) não seriam atraídos para responder a este pedido de ajuda de pesquisa, o que por um lado aumenta a riqueza de informação neste trabalho e por outro limita a visão global que pretendemos atingir.

Nesse sentido, propomos que para atingir esse nível de abrangência, o ideal seria ter organizações tais como o Serviço Civil Internacional, o *Volunteer Service Overseas, EVS* a pedir aos seus voluntários que preenchessem um questionário após finalizarem o seu serviço de voluntariado, para partilhar as suas experiências, usando as diversas possibilidades de resposta que foram levantadas por este trabalho e outros semelhantes.

Se encontrámos respostas a certas questões que procurámos responder, abrimos portas também a muitas outras questões que podem ser o início de outra obra desta dimensão ou maior. Como continuidade deste trabalho poderão ser estudadas certas questões pontuais que surgiram, tais como, a que nível é que a experiência de voluntariado internacional afeta o resto da vida de um indivíduo. Seria interessante fazer uma trajetória a par do indivíduo que se voluntaria desde a ideia até à concretização. Tentar descobrir até que ponto o imaginário criado na antecipação da viagem afeta a experiência do voluntário. E por outro lado, numa perspetiva posterior, de que forma o distanciamento temporal da experiência transforma a ideia da própria experiência no imaginário do voluntário.

No início deste projeto considerámos entrevistar duas organizações Portuguesas que recebem e enviam voluntários internacionais, a AIESEC e a Rotas Solidárias, mas devido ao volume de entrevistados, não nos foi possível incluí-las neste trabalho, fica assim um convite em aberto a fazê-lo, com os mesmos moldes deste trabalho ou apenas pegando nos comentários dos entrevistado Portugueses sobre as “férias no Algarve” em contraste com um programa de voluntariado e o porquê que estes programas ainda não têm apoio nem crédito em Portugal.

Estes são apenas alguns exemplos do que poderá ser feito a partir daqui, mas muitas outras possibilidades foram manifestadas através deste projeto.

No seguimento das sugestões facultadas pelos entrevistados, também Barkham (2006) oferece o *site Ethical Volunteering*<sup>15</sup> como instrumento para os voluntários se orientarem e oferecerem uma experiência de voluntariado consciente, assim com saberem como identificar um projeto benéfico, sustentável e que possa proporcionar um impacto positivo à comunidade local.

As aprendizagens das experiências dos entrevistados revelam muito do que foi dito sobre imersão cultural, reflexão interna e até o processo de catarse que, por vezes, fornece um avanço de anos de experiência de vida e uma mudança de maneira de ver as coisas àqueles que passam por uma experiência destas.

---

<sup>15</sup> *Welcome to Ethical Volunteering*, disponível em <http://www.ethicalvolunteering.org/>, consultado a 10 de setembro de 2014

Como demonstrado numa edição recente da *newsletter* da Devex – empresa que serve a comunidade de desenvolvimento global – o volunturista pode não resolver questões de grande dimensão, mas apoia o trabalho daqueles que o fazem e sendo uma fonte de recursos mais abundante do que os profissionais de desenvolvimento, é certamente um recurso que pode ser utilizado de forma eficaz (Rogers, 2014)<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> Rogers, K. (2 de Setembro de 2014). 'Volunteer vacations and global development: Why they have more in common than you thought', *Devex*, disponível em <https://www.devex.com/news/volunteer-vacations-and-global-development-why-they-have-more-in-common-than-you-thought-84231>, consultado a 3 de Setembro de 2014.

## Referências Bibliográficas

‘About Herb Feith’, *Australian Volunteers International*, disponível em <http://www.australianvolunteers.com/about-us-/who-we-are/our-story/herb-feith.aspx>, consultado a 15 de agosto 2014.

Andereck, K.L., Valentine, K.M., Knopf, R.C., Vogt, C.A. (2005). ‘Residents’ perceptions of community tourism impacts’. *Annals of Tourism Research*, 32(4),1056-1076.

Anderson, T. (2007). *Making international tourism markets work for the poor in South Africa*, Paper presented at the M4P Conference, 12–14 March, Spier Estate, Cape Town.

Appadurai, A. (1986). Introduction: Commodities And The Politics Of Value. In Appadurai, A. (ed.). *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*, Cambridge: Cambridge University Press.

Ayobami, O. K., Bin Ismail, H. N., Eluwa, S. E. (2012). ‘Forecasting as a Pinnacle for Rural Revitalization: Case Study of Mesowalai Homestay, Sabah State, Malaysia’. *Journal of Environment and Earth Science*, 2:2, 24-31.

Azevedo, N. (2014). *Políticas culturais, turismo e desenvolvimento local na Área Metropolitana do Porto. Fragmentos de um estudo de caso (1980-2001)*. Porto: Edições Afrontamento.

Bailey, A. W., Russell, K. C. (2010). ‘Predictors of Interpersonal Growth in Volunteer Tourism: A Latent Curve Approach’. *Leisure Sciences: An Interdisciplinary Journal*, 32:4, 352-368.

Barbieri, C., Santos, C. A., Katsube, Y. (2012). ‘Volunteer tourism: On-the-ground observations from Rwanda’. *Tourism Management*, 33, 509-516.

Barkham, P. (18 de Agosto de 2006). ‘Are these the new colonialists?’ *The Guardian*, 12–14.

Benson, A., Seibert, N. (2009). ‘Volunteer tourism: Motivations of German participants in South Africa’. *Annals of Leisure Research*, 12:3-4, 295-314.

Brodie, J., Griffiths, T. (26 de Agosto de 2006). ‘Are gappers really the new colonialists?’ *The Guardian*.

Brown, P. (6 de setembro de 2003). ‘Mind the gap: Why student year out may do more harm than good’. *The Guardian*.



Brown, S., Lehto, X. (2005). 'Travelling with a purpose: Understanding the motives and benefits of volunteer vacationers', *Current Issues in Tourism*, 8 (6), pp.479-496.

Brown, S., Morrison, A. (2003). 'Expanding volunteer vacation participation: an exploratory study on the mini-mission concept'. *Tourism Recreation Research*, 28: 73-82.

Butcher, J., Smith, P. (2010). '“Making a Difference”: Volunteer Tourism and Development'. *Tourism Recreation Research*, 35:1, 27-36.

Butler, J., (2004). 'Violence, mourning, politics', *Precarious Life: The Powers of Mourning and Violence*. New York: Verso, p 19–49.

Chen, L., Chen, J. S. (2011). 'The motivations and expectations of international volunteer tourists: A case study of “Chinese Village Traditions”'. *Tourism Management*, 32, 435-442.

Citrin, S. M. (2010). 'The Anatomy of Ephemeral Health Care: “Health Camps” and Short-Term Medical Voluntourism in Remote Nepal'. *Studies in Nepali History and Society*, 15:1, 27-72.

Coghlan, A. (2006). 'Volunteer tourism as an emerging trend or an expansion of ecotourism? A look at potential clients' perceptions of volunteer tourism organizations'. *International Journal of Nonprofit and Voluntary Sector Marketing*, 11(3), 225-237.

Conran M. (2011). "“They really love me!”: intimacy in volunteer tourism', *Annals of Tourism Research*, 38, 2011, pp 1454–1473

*Couchsurfing: Share your life*, disponível em <https://www.couchsurfing.org/n/about>, consultado a 30 de junho de 2014.

Daldeniz, B., Hampton, M.P. (2010). *Charity-based Voluntourism Versus ‘Lifestyle’ Voluntourism: Evidence from Nicaragua and Malaysia*. Working paper. University of Kent, Canterbury.

Dicken, P. (2003). *Global shift: Reshaping the global economic map in the 21st century*. 4th ed. New York, NY: Guilford Press.

Ellis, C. (2003). 'Participatory environmental research in tourism – a global view', *Tourism Recreation Research*, 28(3), pp.45–55, Lucknow, India.

*El-Sadat Association for Social Development & Welfare*, disponível em <http://www.el-sadat.org/>, consultado a 21 de Agosto de 2014.

Fitzpatrick, L. (26 de Julho de 2007). 'Vacationing like Brangelina', *Time*, 26 July 2007.

Fullagar, S., Markwell K., Wilson, E. (2012). Chapter One, Starting Slow: Thinking Through Slow Mobilities and Experiences. In Fullagar, S., Markwell K., Wilson, E. (Eds). *Slow Tourism: Experiences and Mobilities*. Channel View: Bristol.

Gius, C. (2010). *Encountering the Other, or Encountering the Self? The Construction of Otherness into Volunturism Experiences*. University of Padova, Padova.

Guttentag, D. A. (2009). 'The possible negative impacts of volunteer tourism'. *International Journal of Tourism Research*, 11(6), 537-551.

Hafen, P. J. (1997). 'Zitkala Ša: sentimentality and sovereignty', *Wicazo Sa Review*, 12, 829-865.

HelpX, disponível em <http://www.helpx.net/>, consultado a 10 de Agosto de 2014.

Higgins-Desbiolles, F., Whyte, K. P., Tedmanson, D. (2013). Tourism and environmental justice. In Schwuab K., Dustin D. (Eds.). *Just Leisure* (91-100). Sagamore Press.

'History: A Proud History, An Ever-Changing World', *Peace Corps*, disponível em <http://www.peacecorps.gov/about/history/>, consultado a 15 de agosto de 2014.

'History of VolunTourism', *VolunTourism*, disponível em <http://www.voluntourism.org/inside-history.html>, consultado a 15 de agosto de 2014.

Jakubiak, C. (2012). "'English for the global": discourses in/of English-language voluntourism'. *International Journal of Qualitative Studies in Education*, 25:4, 435-451.

Jones, A. (2004). *Review of gap year provision*. UK Department for Education and Skill. Research report RR555.

Lalanda, P. (1998). *Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica*. Análise Social. Vol.XXXIII, nº4, p. 871-883.

Latkova, P. (2008). *An examination of factors predicting residents' support for tourism 105m development*, Doctoral dissertation, Michigan State University.

Lester, A. (2002). 'Obtaining the "due observance of justice": the geographies of colonial humanitarianism', *Environment and Planning D: Society and Space*, 20, 2002, 277-293.

Lew, A.A. (2008). 'Long tail tourism: New geographies for marketing niche tourism products'. *Journal of Travel & Tourism Marketing*, 25(3-4), 409-419.

Lonely Planet. (2007). *Volunteer: A traveller's guide to making a difference around the world*. UK: Lonely Planet Publications Pty Ltd.

Lyons, K. D., Wearing, S. (2008). *Journeys of Discovery in Volunteer Tourism*, Wallingford: CAB International.

Manea, G., Nae, M., Matei, E., Vijulie, I., Tîrlă, L. (2013). 'Raising Awareness of Volunteer Tourism: Experiencing the Volunteer Tourism Among Students and Young Researchers'. *GeoJournal of Tourism and GeoSites*, VI:2:12, November 2013, 120-128.

Manzo, K. (2006) 'An extension of colonialism? Development education, images and the media', *Development Education Journal*, 12, 2006, 9–12.

Manzo, K. (2008) 'Imaging humanitarianism: NGO identity and the iconography of childhood', *Antipode*, 40, 2008, p 646.

McGehee, N. G., Santos, C. A. (2005). 'Social change, discourse and volunteer tourism'. *Annals of Tourism Research*, 32, 760-779.

McGehee, N. G., Andereck, K. (2009). 'Volunteer tourism and the "voluntoured": the case of Tijuana, Mexico'. *Journal of Sustainable Tourism*, 17:1, 39-51.

McGehee, N. G. (2012). 'Oppression, Emancipation and Volunteer Tourism: Research Propositions'. *Annals of Tourism Research*, 39:1, 84-107.

Mostafanezhad, M. (2013). "'Getting in Touch with your Inner Angelina': celebrity humanitarianism and the cultural politics of gendered generosity in volunteer tourism", *Third World Quarterly*, 34:3, 485-499.

'Our history', *SCI Service Civil International: volunteering for peace*, disponível em <http://www.sciint.org/learn-about-sci/155>, consultado a 15 de agosto de 2014.

'Our history', *VSO International*, disponível em <http://www.vsointernational.org/vso-today/who-we-are/our-history.asp>, consultado a 15 de agosto de 2014.

Palacios, C. M. (2010). 'Volunteer tourism, development and education in a postcolonial world: conceiving global connections beyond aid'. *Journal of Sustainable Tourism*, 18:7, 861-878.

Perdue, R. R., Long, P. T., Allen, L. R. (1987). 'Rural resident tourism perceptions and attitudes'. *Annals of Tourism Research*, 14(3), 420-429.

Pratt, S. (2013). 'Same, Same but Different: Perceptions of South Pacific Destinations Among Australian Travelers'. *Journal of Travel & Tourism Marketing*, 30:6, 595-609.

*Programa de Turismo Comunitario de Jipijapa: Unión Provincial de Organizaciones Campesinas de Manabí*, disponível em <http://www.proturisco.org/en/#.VBXkkfldXE5>, consultado a 22 de Agosto de 2014.

Raymond, E. M., Hall, C. M. (2008). 'The Development of Cross-Cultural (Mis)Understanding Through Volunteer Tourism'. *Journal of Sustainable Tourism*, 16:5, 530-543.

Repo, J., Yrjölä, R. (2011). 'The gender politics of celebrity humanitarianism in Africa', *International Feminist Journal of Politics*, 13, pp 50, 45.

Rogers, K. (2 de Setembro de 2014). 'Volunteer vacations and global development: Why they have more in common than you thought', *Devex*, disponível em <https://www.devex.com/news/volunteer-vacations-and-global-development-why-they-have-more-in-common-than-you-thought-84231>, consultado a 3 de Setembro de 2014.

Rojek, C. (2001). *Celebrity*, London: Reaktion.

Said, E. (1994). *Culture and imperialism*. New York, NY: Vintage Books.

Scheyvens, R. (2010). *Tourism and Poverty*, New York: Routledge.

Sheppard, R. (2002). 'Commodification, culture and tourism', *Tourism Studies*, 2 (2), pp.183-201, Sage Publications.

Sin, H. L. (2009). 'Volunteer Tourism. "Involve me and I will learn?"'. *Annals of Tourism Research*, 36:3, 480-501.

Singh, S., Singh, T. V. (2004). Volunteer Tourism: Pilgrimages to the Himalayas. In Singh, T.V. (Ed.) *New horizons in tourism: Strange experiences and stranger practices*. London: CABI: 181-194.

Singh, T. V. (2002). 'Altruistic tourism: another shade of sustainable tourism: the case of Kanda community'. *Tourism: An International Interdisciplinary Journal*, 50(4), 371e381.

Singh, T. V. (Ed.). (2004). *New horizons in tourism: Strange experiences and stranger practices*. Wallingford: CABI Publishing.

Snyder, J., Dharamsi S., Crooks V. (2011). 'Fly-By Medical Care: Conceptualizing the Global and Local Social Responsibilities of Medical Tourists and Physician Voluntourists' *Globalization and Health* 7:6.

Stanis, S. A. W., Barbieri, C. (2013). 'Niche tourism attributes scale: a case of storm chasing'. *Current Issues in Tourism*, 16:5, 495-500.

Stoddart, H., Rogerson, C. (2004). 'Volunteer Tourism: the Case for Habitat for Humanity in South Africa'. *Geo Journal*, 60, 311-318.

Stoler, A. (2002). *Carnal Knowledge and Imperial Power: Race and the Intimate in Colonial Rule*, Berkeley, CA: University of California Press.

Tomazos, K., Butler, R. (2008). *Volunteer Tourism: tourism, serious leisure, altruism or self enhancement* presented at the CAUTHE Conference.

Tomazos, K. (2009). *Volunteer tourism an ambiguous phenomenon: An investigation in the demand and supply of volunteer tourism opportunities*. PhD thesis, University of Strathclyde Business School.

Tomazos, K., Butler, R. W. (2009). 'Volunteer tourism: The new ecotourism?' *Anatolia, An International Journal of Tourism and Hospitality Research*, 1, 196–212, (20). Francis & Taylor, Routledge.

Tomazos, K., Butler, R. (2012). 'Volunteer Tourists in the field: A question of balance?' *Tourism Management*, 33, 177-187.

TRAM. (2008). *Volunteer tourism: A global analysis*. ATLAS. January report.

Urry, J. (1990). *The Tourist Gaze*, London: Sage Publications.

*VOLTRA: A Journey for the World Community*, disponível em <http://www.voltra.org/en/>, consultado a 17 de Agosto de 2014.

Vrasti, W. (2012). *Volunteer Tourism in the Global South: Giving Back in Neoliberal Times*, New York: Routledge, 2012.

'Wanted by Interpol – Amdi Petersen, founder of Humana People to People, Planet Aid and USAgain', *Tvindalert*, disponível em <http://tvindalert.com/>, consultado a 21 de Agosto de 2014.

Wearing, S. (2001). *Volunteer tourism: experiences that make a difference*. New York: CABI.

Wearing, S. (2002) Recentering the self in volunteer tourism. In G.M.S Dann (eds.). *The Tourist as a Metaphor of the Social World*, (237-262). Wallingford: CAB International.

Wearing, S. (2004) Examining best practices in volunteer tourism. In Stebbins, R., Graham, M. (eds.). *Volunteering as Leisure, Leisure as Volunteering: An International Assessment*, (209-244). Wallingford: CAB International.

*Welcome to Ethical Volunteering*, disponível em <http://www.ethicalvolunteering.org/>, consultado a 10 de setembro de 2014.

*Workaway.info*, disponível em <http://www.workaway.info/>, consultado a 10 de Agosto de 2014.

*Youth Action for Peace Italia*, disponível em <http://www.yap.it/>, consultado a 17 de agosto de 2014.

Worldtimebuddy, disponível em <https://www.worldtimebuddy.com/>, consultado a 3 de setembro de 2014.

Zahra, A., McIntosh, A. (2007). 'Volunteer Tourism: Evidences of Cathartic Tourist Experiences'. *Tourism Recreation Research*, 32:1, 115-119.

## **ANEXOS**

## **Anexo I – Mensagem do Anúncio de Pedido de Participação no Estudo**

Hi!

My name is Lucia and I am currently doing a thesis on “Voluntourism” as part of my Masters Degree in History, International Relations and Cooperation at the Faculty of Arts of the University of Porto.

I need your help for my research, if you’d be so kind to offer your time and answer a few questions about your international volunteering experiences I’d be ever so grateful.

Ideally, this would take the form of a Skype call of about 30 minutes, but if you are not available through Skype, we can find a better method that suits you.

In return, if you’re interested, I can share with you the results of the research and/or the final work by the end of the year.

Please feel free to contact me through this post or through a personal message.

Wishing you a wonderful day!

Lucia



## Anexo II – Lista de Entrevistados Previstos

Ref.	Sexo	Idade	Nacionalidade	País R.P.	Educação	Profissão
1	M	50	Australiano	Austrália	Vários	Mediador
2	M	33	Norte-Americano	China	Universidade	Formador de Professores
3	M	35	Português	Não tem	Mestrado em Gestão	Gestor Logístico / Bartender
4	F	29	Portuguesa	Não tem	Licenciatura Farmácia	Farmacêutica/Cocktail waitress
5	M	54	Britânico	Espanha	12º ano	Coordenador desenhista
6	M	24	Sérvio	Tailândia	Universidade	Estudante
7	M	22	Bósnio	Sérvia	12º ano	Estudante
8	F	28	Norte-Americana	E.U.A.	Bacharelato	Viajante/Escritora
9	M	29	Norte-Americano	E.U.A.	Mestrado	Viajante/Escritor
10	F	52	Italiana	Bélgica	Universidade	Coordenadora T. Comunitário
11	M	37	Egípcio	Egito	Mestrado Ass. Globais	Consultor Político
12	M	28	Indiano	Argentina	MBA Marketing	Marketing
13	M	30	Indiano	Índia	MBA	
14	M	38	Norte-Americano	China	Mestrado	Diretor de Escola
15	M	28	Indiano	Índia	BA Medicina Ayurveda	Médico
16	F	32	Italiana	Alemanha	Mestrado Rec. Humanos	Gestora Reposição Materiais
17	F	28	Norte-Americana	E.U.A.		
18	M	36	Chinês de Hong Kong	Alemanha	Mestrado em Gestão	Analista
19	F	31	Norte-Americana	Austrália	Universidade	Relações Públicas
20	M	28	Argentino	Brasil	Universidade	Contador Público
21	F	23	Francesa	Dinamarca	BA Cinematografia	Desempregada
22	F	23	Polaca			
23	F	36	Norueguesa	Noruega	PhD Biotecnologia	Investigadora Científica
24	M	36	Búlgaro	Bulgária	Mestrado Antropologia	Freelancer
25	M	40	Colombiano	Colômbia	Universidade	Professor Universitário
26	F	32	Alemã	Alemanha	Mestrado Biologia	Estudante PhD Biologia
27	M	30	Paquistão	Qatar	Engenharia Civil	Engenheiro Civil

### Anexo III – Lista das Datas de Entrevistas

Ref.	Data de Entrevista	Horário de Entrevista	Fuso Horário
1	24 de Julho 2014	15:00h	Estados Unidos da América -5:00h
2	25 de Julho de 2014	11:00h	Inglaterra 0:00h
3	25 de Julho de 2014	14:00h	Argentina -4:00h
4	25 de Julho de 2014	17:30h	Argentina -4:00h
5	26 de Julho de 2014	22:00h	Brasil -4:00h
6	27 de Julho de 2014	13:00h	Austrália +7:00h
7	29 de Julho de 2014	13:00h	Brasil -4:00h
8			
9	29 de Julho de 2014	17:30h	Estados Unidos da América -8:00h
10			
11	29 de Julho de 2014	21:00h	Alemanha +1:00h
12	30 de Julho de 2014	20:00h	Alemanha +1:00h
13	6 de Agosto de 2014	9:30h	Índia +4:30h
14	8 de Agosto de 2014	14:00h	Colômbia -6:00h
15	11 de Agosto de 2014	15:30h	Bulgária +2:00h
16	15 de Agosto de 2014	18:00h	Alemanha +1:00h
17	16 de Agosto de 2014	13:00h	Ecuador -6:00h
18	26 de Agosto de 2014	12:30h	Dinamarca +1:00h
19	04 de Setembro de 2014	22:45h	Austrália +7:00h

#### **Anexo IV - Guião de Base das Entrevistas aos Voluntários Internacionais (em Português)**

1. Por favor, descreva as atividades de voluntariado internacional em que já participou.
2. Como descobriu a organização onde se voluntariou?
3. Quais os critérios que levou em consideração na sua escolha?
4. Quais foram as motivações que o levaram a voluntariar-se?
5. As suas expectativas iniciais, foram preenchidas? Explique, por favor.
6. Na sua opinião, acha que as motivações/dedicação das pessoas no seu grupo de voluntários eram semelhantes às suas? Explique, por favor.
7. Na sua opinião, acha que as comunidades locais onde se voluntariou receberam uma ajuda que foi ao encontro daquilo que necessitavam?
8. Tem como hábito fazer voluntariado na comunidade onde reside?
9. Voltaria a voluntariar-se internacionalmente? Da mesma forma? O que faria de diferente?
10. Na sua opinião, porque acha que o volunturismo tem cada vez mais adeptos?
11. Tem conhecimento de alguma das críticas direcionadas ao volunturismo? Qual é a sua opinião?
12. Tem alguma sugestão a fazer a organizações de voluntariado internacional ou a voluntários que se queiram voluntariar internacionalmente?
13. Gostaria de partilhar um momento especial da sua experiência de voluntariado ou algo particular que tenha aprendido nessa experiência?

**Anexo V – Guião de Base das Entrevistas aos Voluntários Internacionais (em Inglês)**

1. Please describe the international voluntary activities you were involved with.
2. How did you find the organization you volunteered with?
3. What criteria did you take into consideration when you made your choice?
4. What were the motivations behind your will to volunteer?
5. Were your initial expectations fulfilled? Please explain.
6. In your opinion, do you think the motivations of the people in your group were similar to yours? Please explain.
7. In your opinion, do you think the local communities where you volunteered received the help they needed?
8. Do you usually volunteer in your own community when you're back home?
9. Would you volunteer internationally again? The same way? What would you do differently?
10. In your opinion, why do you think voluntourism is getting more and more supporters?
11. Are you aware of criticism towards voluntourism? What is your opinion?
12. Do you have a suggestion to make to international volunteering organizations or volunteers that wish to volunteer internationally?
13. Would you like to share a special moment of your volunteering experience or anything you have learnt in this experience?

## Anexo VI – Testemunhos dos Entrevistados

### Entrevistado 1 (38, E.U.A.)

O Entrevistado serviu nos *Peace Corps*, mas antes disso teve uma experiência de voluntariado internacional no ano 2000 como formador de professores com a organização *Operation CrossRoads Africa* por 2 meses e meio na Tanzânia durante o intervalo de Verão, antes do último ano de faculdade. Teve conhecimento deste projeto através de um panfleto no *Campus Howard* e um amigo conhecia o diretor do projeto em Nova Iorque. A *CrossRoads Africa* realiza projetos para estudantes que terminam o secundário e estudantes universitários que queiram passar os meses do Verão a fazer voluntariado em África ou no Brasil.

O entrevistado já tinha intenções de participar no *Peace Corps* e a participação neste projeto foi, para o entrevistado, como um teste. Quis ter uma experiência mais curta antes do serviço *Peace Corps*, queria ver se conseguiria adaptar-se àquele estilo de vida durante 2 anos. Disse também que a sua principal motivação era inscrever-se num programa após a universidade que o levasse para fora do país, de preferência para África e ter algum tipo de experiência

A partir de 2012 estive 2 anos com o *Peace Corps* na África do Sul, após 3 meses de formação. O entrevistado menciona como na altura não havia muitas escolhas sobre o local para onde se ia. No processo de candidatura fizeram-lhe perguntas sobre a sua preferência regional ou alguma preferência no tipo de projeto. O entrevistado estabeleceu logo desde o início que não se interessava sobre qual o tipo de projeto que lhe iriam atribuir, mas apenas aceitaria ir para África Subsaariana, Brasil, Mongólia, ilhas do Sul do Pacífico ou ilhas do Caribe e recusaria qualquer outra oferta.

O grupo no qual o entrevistado estava inserido era bastante pequeno por ter sido após o 11 de Setembro de 2001. Supostamente, deveriam ser 30 a 40 pessoas, mas foram apenas 18 no total, o que os tornou no grupo mais pequeno que alguma vez foi para a África do Sul. Desse grupo apenas 14 completaram o serviço, 2 deles pediram para voltar a casa mais cedo, um outro foi evacuado por motivos de saúde e outro foi evacuado por motivos de segurança. Em geral o entrevistado acha que o grupo que completou o programa gostou da experiência e a maior parte deles estavam prontos para prosseguir com o resto das suas vidas.

O entrevistado mencionou que além do serviço de *Peace Corps* com a duração de 2 anos existe também um programa chamado de *Action Response* que tem a duração de 1 ano. Quanto

à reforma que está a ser feita no programa de *Peace Corps* de sugerir um período mais curto o entrevistado é da opinião que tal não deveria ser feito porque põe em causa toda a operação.

Para o entrevistado, as principais diferenças entre o *Peace Corps* e o volunturismo são: o tempo e a estrutura do programa; a formação que se recebe antes de ir para o país de destino; e que, enquanto no volunturismo a maior parte das vezes os grupos vão juntos para o país de destino e trabalham juntos, no *Peace Corps*, após a formação, cada um está por si só.

O entrevistado considera que o efeito do voluntário na comunidade é muito relativo, mas, independentemente da competência do voluntário, o voluntário (internacional / *Peace Corps*) “torna o mundo mais pequeno, representa uma ponte que leva um pedaço de ‘*pax americana*’ com ele a um sítio que de outra forma não o receberia”. Apesar do entrevistado ter algumas reservas em o admitir por causa das suas próprias convicções, continuou por dizer que o *Peace Corps* faz um trabalho de Relações Públicas para os Estados Unidos da América, e concluiu por dizer que não assume que isso seja mau, mas que também não é necessariamente bom.

O entrevistado falou também sobre como alguns voluntários assumem uma posição inicial de “super-voluntários” em que acreditam que vão ter um impacto memorável numa comunidade e quando isso não acontece esses voluntários ficam desencantados e frustrados com o programa. Em contraste com os voluntários que tentam ter um impacto realista, que faça apenas uma pequena diferença aqui e ali, mostravam-se bastante felizes pelo seu trabalho.

O entrevistado tem sentimentos mistos sobre o volunturismo e o serviço *Peace Corps*, por uma lado, acha que a experiência é algo bom para ambas as partes, mas por outro lado acha que pode passar uma ideia de imperialismo. Diz que é muito comum encontrar voluntários a pensar que as pessoas na comunidade que os recebem não fazem as coisas de maneira eficiente. E o que se denota é que apesar de eles não fazerem as coisas à maneira Americana, fazem as coisas à sua própria maneira, o que tem resultado durante milhares de anos. Acha que os voluntários não devem ir para um país estranho tentar mudar esses métodos. O entrevistado afirmou que convém que cada pessoa que entre num projeto de voluntariado não leve os seus próprios estereótipos e bagagem para a mistura. Adicionou que quanto mais estruturado o programa, melhor.

Se o entrevistado escolhesse fazer outro projeto agora olharia ao tipo de suporte que a organização fornecia, se teria que pagar ou não, o tipo de projeto e o local. Mas consideraria mais um projeto em zonas mais remotas, menos populacionais.

O entrevistado considera que a popularidade do volunturismo deve-se a uma mudança de motivações por parte das pessoas. Devido à globalização, as pessoas estão mais expostas, torna-se mais fácil. A internet também tornou as comunicações mais fáceis, de modo que as pessoas não se sentem tão isoladas.

O entrevistado considera que o que mais valioso ficou destas experiências foi poder sentir-se confortável na ‘sua própria pele’ rodeado por culturas diferentes. Faria outro tipo de projeto de voluntariado, planeia tomar parte de algo semelhante, e considera a possibilidade de ser outro serviço *Peace Corps*.

### **Entrevistado 2 (54, Reino Unido)**

O entrevistado criou um projeto chamado *Drawing 4 Everyone Everywhere* onde idealmente pretende ir de comunidade em comunidade entre 6 a 9 meses para desenvolver projetos de arte. Antes deste projeto ser criado o entrevistado já fazia *workshops* de arte em Portugal e Inglaterra, em instituições e espaços, com base em donativos. Se as pessoas estivessem interessadas em doar algo poderiam fazê-lo mas todo o desenvolvimento do projeto não dependia de fundos provenientes dos participantes. O projeto atual nasceu de comentários e sugestões desses *workshops* para abranger uma determinada área durante um determinado período de tempo e então passar a outra área sucessivamente.

O início do projeto teve como palco principal Granada em Espanha em Janeiro de 2014. Inicialmente o entrevistado tentou iniciar na Turquia, nos últimos meses de 2013, mas descobriu que qualquer trabalho comunitário na Turquia tem um processo complicado em termos administrativos, pelo que o entrevistado acabou por preencher a maior parte do tempo que lá esteve a executar esboços urbanos. Após voltar à Inglaterra, no final do ano de 2013 soube de um projeto com diferentes atividades na base do ensino de uma segunda língua, financiado pela União Europeia para as cidades de Barcelos, Granada e Roma. O entrevistado contactou a organização e propôs o seu projeto de arte pelo que a organização o aceitou como coordenador de desenho em Granada. Após chegar a Granada, o entrevistado foi deparado com um cenário bem diferente daquele proposto pela organização. Não só não havia atividades planeadas, como os membros da organização local tentaram fazer com que o entrevistado realizasse outros tipos de trabalhos, diferentes dos projetos de arte inicialmente acordados. O entrevistado acabou por ter que organizar as atividades, todo o serviço administrativo e elaborou 3 livros sobre atividades de desenho em comunidade, além de ter que procurar trabalho da mesma, maneira

como o estava a fazer em Londres anteriormente, em que ia a espaços comerciais e comunitários propor um evento.

Apesar do projeto não ter tido um começo ideal, o entrevistado tem a esperança que em breve as coisas comecem a tomar o seu rumo e ele possa fazer aquilo que ambiciona: “trabalhar para a comunidade”, com base no que defende “Ninguém deveria ter que pagar pela arte”.

O entrevistado decidiu fazer este projeto com base em donativos, porque dedicando-se a um projeto destes a tempo inteiro teria que suportar os seus custos de vida. Reconhece que existem pessoas que podem ter dificuldades financeiras que as impede de poder pagar um *workshop* e não pretende que essa razão seja um impedimento para não participarem. No entanto todos aqueles que tenham possibilidades e tenham gostado de participar, podem contribuir com o que quiserem.

Outra alternativa seria uma comunidade suportar esses custos de vida e convidar o entrevistado a fazer *workshops* gratuitos para a população em que a comunidade é que criaria os eventos. Este tipo de programa era o que o entrevistado estava na expectativa que acontecesse em Granada.

O entrevistado ao revisitar uma altura particularmente difícil na sua vida, que se reflete um pouco na pressão financeira que está agora a passar pela Europa, lembrou um provérbio Português “Casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão” e adicionou que “são nestas alturas que é importante fazer este tipo de atividades de lazer que dão esperança para continuar o dia-a-dia e ironicamente é exatamente a altura quando pensamos que não podemos fazê-lo e por isso mesmo é importante para mim fazer estes eventos com base em donativos para que todos possam participar.”

O entrevistado foi convidado para ir para a Rússia durante o verão, mas houve uns problemas com o número de participantes inscritos na organização de acolhimento que impediu que o projeto fosse para a frente este ano. De momento, o entrevistado pretende juntar-se a uma comunidade chamada *Rainbow Gathering* que dura um mês lunar em cada local, recentemente iniciado na România. Ao mesmo tempo o entrevistado pretende publicitar mais o projeto nas redes sociais para ganhar mais adeptos e divulgação.

Diz que é muito comum as pessoas se aproximarem do entrevistado quando está em algum sítio a desenhar e dizerem-lhe: “Eu gostaria imenso de desenhar, mas não sou muito bom nisso.” Os *workshops* do entrevistado incentivam as pessoas “pois não interessa se são os melhores a desenhar ou os piores, simplesmente façam-no e divirtam-se” e continuou por dizer



que “havia muitas pessoas que participavam nos *workshops* que estavam simplesmente a divertir-se a desenhar.”

Os livros que o entrevistado preparou em Granada dão, àquelas pessoas que não o costumam fazer e que se tenham divertido com o *workshop*, formas como podem continuar a desenhar mesmo que estejam a fazê-lo sozinhos. Ajudam-nos também a juntar-se a comunidades de desenho à volta do mundo. O entrevistado pretende que exista a possibilidade de uma continuidade da atividade após o *workshop*. Esta atividade além do prazer de desenhar, dá a possibilidade às pessoas de se socializarem e sair um pouco da rotina diária de dormir, ir trabalhar, voltar do trabalho e ir ao *pub* beber uma cerveja ou sentar-se a ver televisão.

### **Entrevistado 3 (28, Índia)**

Em 2010 o entrevistado foi para a Indonésia para se voluntariar em Marketing durante 2 meses, com uma organização chamada AIESEC, que é uma organização que organiza programas para estudantes. Durante o período de voluntariado, o entrevistado estava a trabalhar com a segunda maior universidade da Indonésia no Departamento de Marketing, fez recolha de dados dentro do universo do VIH, deu aulas a crianças e deu formação a outros voluntários.

O entrevistado já conhecia o programa há algum tempo e decidiu participar para ganhar experiência, para poder estar em contacto com outra cultura e ter uma experiência que lhe desse exposição internacional.

Quando o entrevistado se voluntariou era o único Indiano, no entanto, havia outros voluntários no seu grupo oriundos, de diversos países. De entre as pessoas que se voluntariaram todos tinham motivações semelhantes às suas, exposição internacional, viajar e aprender com a experiência.

Na maior parte, o entrevistado tinha uma certa curiosidade sobre como as pessoas locais iriam interagir com ele e com os outros colegas advindos de diferentes culturas. Tinha curiosidade sobre como iriam comunicar, os laços que se iam fazer e também pretendia aprender mais sobre as viagens daqueles que já tinham viajado. O entrevistado não esperava ter tantas dificuldades de comunicação como realmente teve durante o período de voluntariado. Verificou-se também algumas dificuldades em termos de choque entre culturas, o que considera ter sido causado pelo facto de ser a primeira vez a viajar fora da sua terra natal.

De momento o entrevistado está a fazer outro programa com a mesma organização, que o levou à Argentina. Mas no programa atual o entrevistado está a ter uma remuneração pelos

serviços prestados. O entrevistado está a voluntariar-se localmente a tempo parcial. Neste momento, mas não tem intenções de voltar a dedicar-se a tempo inteiro ao voluntariado num futuro próximo.

Em termos da experiência de voluntariado do entrevistado, considera que o relacionamento de trabalho foi muito bom. Considera que sempre que precisava de assistência em alguma área, as pessoas prestavam-se a ajudá-lo. Gostou muito das conversas que teve com os locais e colegas, estes sempre se interessaram em ouvir o entrevistado falar sobre a sua cultura e o seu país. Da mesma forma o entrevistado também se interessava muito pela cultura dos elementos locais e dos colegas. Considera que foi verdadeiramente um intercâmbio entre culturas.

Na perspetiva do entrevistado o volunturismo tem cada vez mais adeptos pela facilidade de viajar. Na sua opinião o mais importante é “viajar, então a melhor maneira de viajar é se voluntariar, de forma a poder ter visto” diz que é mais fácil obtê-lo e continua por dizer “entretanto pode-se viajar”.

O entrevistado considera que nem todas as pessoas participam em programas de voluntariado porque preferem o lado luxurioso de viajar, gostam de ficar em hotéis de 5 estrelas, comer em bons restaurantes, estar bem-vestidos, em modo relaxado. O entrevistado prefere viajar de maneira diferente. Para o entrevistado viajar é ter uma verdadeira experiência de viagem “é viver com os locais, é interagir com os locais, comer à sua maneira, como os locais comem e viajar e conversar com os locais”, voluntariar-se, andar à boleia...

Considera que, independentemente, do país de origem das pessoas com quem já teve a oportunidade de comunicar, 70% das pessoas têm a mesma ideia que o entrevistado sobre o que é uma verdadeira experiência de viagem, enquanto considera os outros 30% pessoas que preferem a parte luxuosa da viagem.

Quando lhe questionamos se o que fez durante o voluntariado poderia ter sido feito por um residente local, o entrevistado respondeu ambos sim e não. O entrevistado admitiu que em parte isso poderia ser feito por um local, mas a grande diferença que fez o trabalho que o entrevistado ofereceu de mais valioso foi a dimensão cultural que só alguém de outra nacionalidade poderia oferecer.

O entrevistado considera que a sua experiência na Indonésia contribuiu para a sua autoconfiança e para o desenvolvimento da sua personalidade, competências de comunicação e linguagem.

#### **Entrevistada 4 (28, E.U.A.)**

A entrevistada trabalhou num centro para crianças estilo internato nos arredores de Siem Reap no Camboja em 2010. As crianças não eram órfãs, eram crianças de aldeia, de famílias carentes. O centro de acolhimento decidia sobre as necessidades das crianças de acordo com a capacidade financeira da família para mandar as crianças para a escola, se tinham o suficiente para viver. Se os pais ou guardiões concordassem enviavam as crianças para o internato que geralmente ficava relativamente perto das suas casas.

No ano anterior (2009), a entrevistada em visita ao Camboja pela primeira vez conheceu três turistas britânicos que se estavam a voluntariar numa organização semelhante. A entrevistada visitou essa organização e planeou voltar no ano seguinte para se voluntariar nessa organização. No entanto, os turistas que a entrevistada conheceu, descobriram que essa organização era fraudulenta, tinham lá crianças e convenciam os turistas a ir lá dar coisas e dinheiros que eram apropriados pelos donos da organização. Isso fez com que uma das voluntárias (uma senhora Britânica professora de jardim de infância reformada) se inspirasse em criar a sua própria casa para crianças necessitadas. Através de um membro do parlamento, a senhora conseguiu um terreno e iniciou o centro. A entrevistada juntou-se ao centro para se voluntariar durante 4 semanas. Na primeira semana quando a entrevistada chegou, ainda não havia crianças, ainda estavam a preparar o centro com os primeiros empregados,

A entrevistada diz que agora o centro é muito maior e devido à mudança da lei (estão a tentar fechar todos os orfanatos no Camboja) as crianças voltam às suas casas no final do dia. Mantêm o centro aberto como um centro comunitário, onde podem ter aulas grátis e os estudantes mais necessitados podem ficar, de acordo com a avaliação de um assistente social. O centro tem como diretora a senhora Britânica, mas todos os empregados são locais e recebe voluntários de todo o mundo. O casal de Britânicos que a entrevistada conheceu no ano anterior juntamente com a senhora que dirige o centro no Camboja, tratam da administração do centro no Reino Unido, uma vez que o centro está registado como organização de caridade Britânica. A entrevistada considera que apesar do casal ter emprego e família, ainda conseguem dedicar algum tempo para a organização.

Quando a entrevistada chegou ao Camboja em 2010 chegou também outra voluntária ao centro que contou à entrevistada que se tinha voluntariado noutra organização em que doou algum dinheiro e que no dia seguinte ao donativo chegou à organização e havia várias garrafas de álcool vazias. O que a fez suspeitar que o dinheiro teria sido utilizado para comprar álcool e

não para ajudar a organização. A mesma voluntária também tinha trazido roupas para as crianças mas os donos da organização tinham-se apropriado das roupas. O que as fez acreditar que os donos destas organizações aceitam as roupas para depois vendê-las no mercado.

A entrevistada relatou que o Sudoeste da Ásia tem esse problema, há muitas pessoas desesperadas, muitos burlões, pessoas a aproveitarem-se de crianças, muito tráfico de sexo e de humanos. Mencionou que gostava também de participar numa organização contra o tráfico de humanos.

A entrevistada comentou que nesta região é comum ver crianças e jovens a trabalhar e que o primeiro impulso é pensar: ‘tu deverias estas na escola’ mas que não se sabe ao certo se isso seria o melhor para eles, se estão a ser pagos, se são forçados a trabalhar pela família e se realmente vão à escola de manhã, pois a escola no Camboja só lhes ocupa a parte da manhã.

A entrevistada confrontada com a questão se o voltaria a fazer, questiona-se sobre se ir lá por um mês ajudaria a eles ou a ela própria. Diz que agora se sente um pouco diferente nesse assunto, questiona-se se realmente eles são ajudados mais por terem toda a ajuda que possam ter ou “prejudica as crianças ter pessoas a vir e a ir a toda a hora?”; “Será benéfico para mim, no sentido que, me fará sentir melhor sobre mim mesma? Ou estarei disposta a fazer seja o que for para ajudar estas pessoas, independentemente das dificuldades que eu possa ter que enfrentar? Então, tenho agora todos estes dilemas éticos acerca disso”.

A entrevistada voltou em 2011, mas só para visitar o centro e as crianças que tinha conhecido no ano anterior. Diz que poderia lá voltar ou arranjar outro sítio onde se voluntariar, mas também diz que é muito difícil saber se a organização é legítima, se está a fazer a diferença.

A entrevistada diz que quando visitou o Camboja pela primeira vez sentiu uma ligação forte à cultura e teve uma ótima experiência. Gostava de passar mais tempo com a população local, diz que sentiu uma afinidade bem diferente com as pessoas e crianças do Camboja do que com o resto do Sudoeste Asiático. Considera o Camboja o seu país preferido no Sudoeste Asiático e foi esse o motivo pelo qual decidiu voltar, voluntariar-se e contribuir de maneira positiva.

No início, quando a entrevistada se preparava para ir para o Camboja em 2010, pensou que iria dar aulas de Inglês, tomar conta de crianças, fazer atividades educativas com elas e fazer o que fosse preciso. No entanto, quando contactou a senhora Britânica sobre voluntariar-se no centro e lhe foi dito que ainda não havia crianças no centro, ficou sem saber ao certo o que esperar. Durante o período de voluntariado, a entrevistada não deu muitas aulas, mas teve

a oportunidade de se envolver em atividades com as crianças e ajudar a preparar o centro para receber crianças.

A entrevistada costuma voluntariar-se na sua própria comunidade quando tem a oportunidade de o fazer. Agora pretende envolver-se com organizações que tomem conta de cães em Buenos Aires, onde mora, porque existe um grande problema com maus-tratos e cães vadios. Tentou contactar uma organização, mas só estavam a pedir veterinários voluntários, mas diz que se a oportunidade se apresentar, gostava de se envolver.

A entrevistada acha que mais pessoas se voluntariam internacionalmente porque procuram uma maior variedade de experiências quando terminam a universidade ou mesmo antes de entrar na universidade. “Existe uma tendência para viajar com um propósito e não apenas viajar para diversão, porque as pessoas pensam, vai ser divertido, mas não nos vai fazer sentir realizados e não aprendem nada em apenas ir ver os sítios de interesse turístico e andar em festas”. Adiciona que as pessoas continuam a viajar para ver sítios de interesse e para ir para festas, mas pretendem adicionar algo mais significativo, educativo, uma experiência que não só fique bem no currículo mas também que contribua com alguma experiência de trabalho e reflita algo sobre a pessoa.

A entrevistada menciona que uma coisa que aprendeu com esta experiência foi: “as pessoas nem sempre precisam daquilo que nós pensamos que eles precisam (...) é muito difícil avaliar necessidade por causa do preconceito cultural, é sempre um desafio trabalhar com uma comunidade que é diferente da nossa própria comunidade e tentar tornar esse trabalho benéfico (...) e é uma área muito cinzenta, muito ambígua, é que não existe apenas uma maneira certa de fazer seja o que for”.

A entrevistada considera que a crítica ao volunturismo tem a ver com o facto da maioria das experiências serem relacionadas com crianças e com experiências curtas de máximo 6 meses a 1 ano. Pessoas que não trabalham para a organização, que só pretendem fazê-lo durante um curto período de tempo e que o fazem por si, estão a contribuir, a dar de volta, mas entram nessa experiência para eles próprios e considera isso “delicado”. Depois também depende do tipo de organização e o que se está a fazer. Considera que se se for trabalhar num campo de elefantes e estiver a ajudar a lavar elefantes ou a tomar conta de animais, eles não sentem quando os voluntários se vão embora e assim estão a ajudar as pessoas nessa organização. Se estiver num escritório a fazer um serviço administrativo numa organização que está a tentar acabar com o tráfico de humanos está-se a ajudar a organização, não se está a afetar diretamente

as pessoas. De qualquer maneira, diz que se torna difícil definir qual das contribuições têm um maior impacto. A entrevistada adicionou que é complicado para as crianças lidar com despedidas constantemente e que quando voltou em 2011 as crianças lembravam-se dela. A entrevistada sentiu-se mal por não ter ficado mais tempo. Uma criança perguntou-lhe quanto tempo ia ficar e quando disse que só ia ficar 2 semanas a criança mostrou-se muito desanimada. A entrevistada ficou na dúvida se teria sido bom visitar por pouco tempo ou passar pela cidade sem visitar o centro. No ano seguinte pensou em visitar outra vez, mas decidiu não o fazer.

A entrevistada falou que um amigo lhe chamava a rapariga missionária, que queria mudar o mundo, mas para a ela era só uma maneira de estar mais tempo a conviver no Camboja. A entrevistada terminou por dizer que há sempre 2 lados em cada história e que há várias maneiras de olhar e ver as coisas.

### **Entrevistado 5 (28, Argentina)**

O entrevistado participou em duas experiências de voluntariado internacional, ambas em Oaxaca, no México entre Julho e Setembro de 2013. Na primeira experiência o entrevistado trabalhou numa organização de microcrédito e turismo local onde dava formação de negócios a mulheres beneficiárias dos microcréditos. Na segunda organização, como não tinham o hábito de receber voluntários, quando o entrevistado pediu para se voluntariar aceitaram-no como um “passante” ou observador. Esta é também uma empresa de microcrédito, mas desta vez uma filial internacional da *Grameen*. Na organização teve a oportunidade de acompanhar as diferentes fases do processo. No final fez um relatório e um manual de procedimentos.

O entrevistado fez uma participação em ambas as empresas paralelamente tendo primeiro começado na organização Mexicana.

O entrevistado soube de ambas as experiências por acaso, apesar de já ter lido sobre a primeira organização anteriormente no guia turístico *Lonely Planet*. Foi quando se hospedou num *hostel* onde estava também hospedada uma rapariga que se estava a voluntariar na primeira organização a dar aulas de Inglês e informática que soube da organização. Decidiu visitar e oferecer os seus serviços. O entrevistado soube da *Grameen* através de uma pessoa que conheceu através de um turista Americano com quem visitou os Pueblos Mancomunados. Quando falava com essa pessoa disseram-lhe que naquele momento o Dr. Mohammed Yunus, diretor da *Grammeen* internacional estava a dar uma conferência em Oaxaca, pelo que se dirigiu

imediatamente ao local onde a conferência estava a decorrer e foi aí que entrou em contacto com a organização filial da *Grameen*.

O entrevistado já tinha interesse no microcrédito e quando a oportunidade se manifestou decidiu participar em ambas as organizações. Diz que se interessa pelo desenvolvimento económico e pela redução da pobreza.

Não tinha pensado antes em voluntariar-se no México, mas tinha considerado voluntariar-se algures durante a viagem. Diz que se pretende voluntariar outra vez, mas desta vez numa quinta orgânica, no âmbito da ecologia.

A sua maior motivação para se voluntariar foi a aprendizagem mas queria também ajudar e dar o seu contributo. Antes de pensar em se voluntariar na área do microcrédito já tinha pensado em se voluntariar numa quinta orgânica através do *site WWOOF*.

Quando começou a sua participação nas duas organizações esperava retirar disso uma maior perspectiva ou conhecimento do tema, o que aconteceu mas a uma dimensão muito superior do que esperava.

Aquilo que o surpreendeu mais sobre as experiências foi ver que na realidade o programa de microcrédito funciona.

Acha que as motivações das pessoas que se voluntariaram com ele na primeira organização eram diferentes, uns queriam ter umas férias diferentes, outros dar a sua contribuição.

O entrevistado considera que o contributo dos voluntários na primeira organização faz muita diferença, sem esse contributo a organização não conseguiria operar, pois depende inteiramente de voluntários. Comenta como as pessoas que mais beneficiavam do trabalho dos voluntários manifestavam a sua satisfação pelo trabalho dos voluntários.

O entrevistado diz que não pode dizer que seja um hábito se voluntariar, mas que já o fez em São Paulo, onde reside.

O entrevistado gostaria de se voluntariar internacionalmente num outro projeto numa quinta orgânica ou noutro projeto de redução e pobreza noutro país.

Se tivesse que escolher hoje a organização diz que consideraria o impacto, diz que independentemente do nome e do lugar o que mais lhe interessa é o impacto que teria na sociedade.

O entrevistado considera que a popularidade do volunturismo se deve a uma maior consciência por parte dos jovens pelos conflitos sociais, injustiça social. Considera que o

volunturismo procura endereçar estes problemas. Acha também que as pessoas o fazem quando estão em viagem porque é quando dispõem de mais tempo livre.

O entrevistado está a par da crítica dirigida ao volunturismo pago, acha que ao dar o seu contributo de tempo e trabalho não deve ter que pagar. Declara que até ao momento não pagou para se voluntariar e que não pretende pagar para se voluntariar, apenas aceita pagar a subscrição no *site WWOOF* porque contribui para os custos administrativos da organização.

O entrevistado sugere que as organizações deveriam ter uma maior presença entre os jovens que estão na universidade ou na escola secundária para terem conhecimento dos programas disponíveis

Após a sua experiência no México o entrevistado diz que divide a sua vida entre o antes e o depois de se voluntariar. Antes tinha uma ideia do que seria ajudar, mas depois de o fazer e de ver como as pessoas agradecem, fica motivado para fazer outra coisa e que passa a ser algo que se quer fazer mais. Ao mesmo tempo considera que a própria consciência social muda e mesmo que uma pessoa não volte a voluntariar-se ganha uma visão diferente sobre a sociedade e sobre o seu próprio comportamento. Concluiu por dizer que quando se voluntaria o que se dá é muito menos do que aquilo que se ganha.

#### **Entrevistada 6 (31, E.U.A.)**

A entrevistada decidiu deixar o seu emprego e começar a viajar em vários países a partir de 2012. No período de 2 anos teve a oportunidade de ter 4 experiências de voluntariado internacional. A primeira experiência foi na Islândia, soube desta oportunidade no *site helpx* em que o voluntário oferece o seu trabalho em troca de estadia e alimentação. A entrevistada voluntariou-se numa pousada da juventude na costa Sul da Islândia durante mês e meio a ajudar com as lides diárias da pousada, preparar o pequeno-almoço, tomar conta dos hóspedes, limpezas, entre outras atividades. Apesar de ser um trabalho que nada tinha a ver com os projetos que queria fazer, deu-lhe a oportunidade de “desligar” do seu emprego, foi uma maneira de fazer algo que não necessitasse de muitas das suas competências e também que reduzisse as suas despesas de viagem. Acha que esta experiência deu-lhe a oportunidade de poder fazer algo produtivo e de se desprender da vida que deixara nos Estados Unidos da América.

O próximo país foi o Vietname onde tinha uma pessoa amiga a viver. Esteve lá durante 3 meses e passou 1 mês e meio a voluntariar-se. Quando chegou não tinha nenhum projeto em



mente mas após conhecer algumas pessoas através da sua amiga e de procura no terreno encontrou uma organização chamada *Action for Vietnam Heritages* que tinha um projeto chamado *Action for Ha Long Bay*. Quando se voluntariou tinha decidido ficar no projeto durante 10 dias, no que era chamado de um campo de trabalho ecológico, onde iriam acontecer várias apresentações e atividades de intercâmbio cultural e algumas ações muito suaves de ativismo tipo *Flash mob* para atrair atenção para a poluição marítima na Baía de Ha Long – Património Mundial pela Unesco. Uma vez que a entrevistada era mergulhadora e se interessa muito por conservação marítima, este projeto era ideal. Quando a entrevistada se inscreveu havia a opção de tomar uma posição de liderança e como se identifica com esse tipo de competência preencheu a ficha de inscrição com essa disposição. Dois dias mais tarde foi-lhe dada a posição de líder de acampamento, a liderar 120 voluntários oriundos de todo o Sudeste Asiático. A sua experiência nesta organização foi algo que nunca antes tinha experienciado, não eram muito organizados e tudo era feito no último minuto. Os 120 voluntários eram, na sua maioria, oriundos do Sudeste Asiático, mas depois vieram também pessoas das Filipinas, do Japão, da Tailândia, da Indonésia, do Camboja e também de países ocidentais, mas a entrevistada era a única Americana. Quando se voluntariou pensou que iria aprender muito sobre conservação marítima, mas na realidade não havia muito a ser feito pelo ambiente e aquilo que mais aprendeu foi sobre cultura. As noções básicas que tinha sobre conservação marítima e preservação do meio ambiente foi algo que teve a necessidade de ensinar. Acha que a maior lição que aprendeu nesta experiência é que não se deve ter muitas expectativas numa experiência destas, pois o mais provável é nunca ser aquilo que se espera. Considera que é bem melhor ter mente aberta, ser flexível e simplesmente preencher a posição que a organização necessita que seja preenchida.

O campo de trabalho consistia em *workshops*, conferências, visitas a escolas de forma a haver bastante divulgação. Infelizmente, a entrevistada afirma que depois desta ação e após sair do Vietname nada mais foi feito. Isso deixa a entrevistada triste pois tanta energia foi investida no projeto para não haver uma continuação. Mas conclui que se nada contribuiu para a Baía de Ha Long, ao menos sabe que mudou algo nas vidas das pessoas que partilharam aquela experiência com ela, com quem ainda se mantém em contacto.

Depois foi para o Camboja onde viveu na ilha de Rong Sanloem a trabalhar num projeto chamado *Marine Conservation Cambodia*. Quando se voluntariou sabia que iria haver pesquisa e estudos marítimos e comprometeu-se com a organização por um mês. A organização cobrava

uma pequena taxa aos voluntários para ajudar com as despesas de manutenção do material de mergulho e para comprar novo equipamento assim como para ajudar nos custos de estadia e alimentação dos voluntários. No final de uma semana e meia a entrevistada apaixonou-se pelo trabalho que estava a fazer – um método de verificar o recife de corais, recolha de dados e estudos para monitorar os recifes de coral na área. Também faziam pesquisa num *habitat* profundo de cavalos-marinhos perto da ilha. Gostava do trabalho, de mergulhar e o sítio era simplesmente perfeito. Quando chegou o final da segunda semana de voluntariado estava decidida a ficar por mais tempo. Na mesma altura, a coordenadora de voluntários estava a terminar o seu serviço na ilha e ia voltar à Dinamarca. A entrevistada ofereceu-se para ficar por mais tempo e a organização pediu que a entrevistada assumisse o cargo de coordenadora de voluntários. Foi muito bom para a entrevistada, uma vez que deixou de ter que pagar a taxa de participação e a organização dava-lhe algum dinheiro para cobrir os custos de ir buscar novos voluntários ao continente. A entrevistada comentou que foi muito bom ficar longe do trânsito e da vida da cidade, viver na ilha e receber voluntários de todas as partes do mundo principalmente Europeus, Australianos e Norte-Americanos. Além destas nacionalidades, receberam uma rapariga da África do Sul e três voluntários asiáticos.

Havia alturas em que tinha cerca de 25 a 30 voluntários a trabalhar no projeto. Pediam aos voluntários que ficassem pelo menos 2 semanas porque demora algum tempo a treiná-los e os voluntários costumavam ficar entre 2 semanas e vários meses. A entrevistada acabou por ficar durante 7 meses. Além dos estudos marítimos faziam também limpeza das praias à volta da aldeia, apanhavam o lixo e enterravam num pequeno aterro que tinham no terreno do projeto e também ensinavam inglês às crianças da aldeia. Em geral eram bem recebidos pela população local e acha que os voluntários eram uma fonte de rendimentos para a população local porque compravam-lhes comida e snacks. A entrevistada comentou que não eram bem-vindos por algumas famílias da aldeia porque o projeto tinha a função de conservação marítima e a organização estava a tentar tornar algumas áreas da costa em áreas protegidas perante o governo e também queriam passar leis sobre como é que os locais poderiam pescar em volta do recife. Alguns métodos que usavam estavam a prejudicar o recife ou pescavam em áreas que eram considerados viveiros de pequenos peixes – pesca considerada insustentável. O projeto estava a fazer um bom trabalho a ensinar os locais sobre esses assuntos e aos poucos os pescadores começaram a pescar peixes maiores o que por sua vez fazia com que as famílias se tornassem mais saudáveis. Quando a entrevistada chegou à ilha em 2013 o projeto já estava estabelecido

há 5 anos, a população conhecia-os e sabia o que lá estavam a fazer. Apenas uma ou outra família é que os tratava como intrusos que vinham mudar a sua maneira tradicional de pescar. Na realidade, quando usavam métodos tradicionais como as armadilhas de madeira isso é considerado sustentável, mas quando usavam redes de arrasto isso destruía corais, plantas e o *habitat* no fundo do oceano. Esse era o único ponto de discordância que havia, mas nada que os voluntários se apercebessem, a entrevistada conhecia essa situação porque trabalhava com o fundador da organização e membros de pessoal permanente que lhe contavam histórias sobre como tinham sido os anos anteriores. A entrevistada gostou desta experiência não só pelo que fazia mas também por poder trabalhar com pessoas de todo o mundo. Continua em contacto com muitas dessas pessoas. A entrevistada considera que tinha ideias formadas e estereótipos sobre certas nacionalidades e então ao trabalhar com eles deixou de se basear nessas ideias e estereótipos para formar uma imagem do que seriam e formou ela própria uma imagem com base na experiência que teve com eles.

A entrevistada encontrou o projeto em Camboja através de uma procura na internet ante de começar a sua viagem. Tinha trocado *emails* com eles, mas entretanto tinha-se esquecido. Quando estava a sair do Vietnã encontrou um dos *emails* e voltou a contactá-los. A entrevistada trabalhou com eles diretamente, embora a organização tivessem uma entidade intermediária com base no Reino Unido que lhes enviava voluntários, chamada *Projects Abroad*. A entrevistada comenta como os voluntários que vinham com o *Projects Abroad* tinham um certo nível de proteção, desde o momento em que chegavam à Tailândia eram acompanhados pela organização de acolhimento que os transportava para o local do voluntariado, mas também pagavam um valor superior para se voluntariar.

A faixa etária do grupo do Vietnã era principalmente dos 17 aos 20 e poucos, eram maioritariamente estudantes universitários. O voluntário que receberam com mais idade tinha cerca de 41-42 anos. No projeto do Camboja as idades já variavam mais, desde os 16 anos até pessoas nos seus anos 40 ou 50. Mas a maioria eram estudantes *gap year*, estudantes entre o secundário e a universidade, mas também havia muitas pessoas que estavam a passar algum tempo a fazer um intervalo nas suas carreiras para viajar e se voluntariar.

A entrevistada costuma voluntariar-se na comunidade onde reside. Desde criança que o fazia como parte do serviço de escuteiros e quando andava no secundário fazia parte de vários clubes. Essa experiência de voluntariado ajudou-a a pagar os seus estudos universitários através de bolsas de estudo atribuídas pelo seu envolvimento na comunidade. Esteve a maior parte da

sua vida envolvida em projetos de voluntariado para a comunidade, houve uma altura que não esteve tão envolvida, mas retomou cerca de 2 anos antes de iniciar a sua viagem.

Considerou juntar-se ao *Peace Corps*, iniciou o processo de recrutamento, mas em entrevista disseram-lhe que uma vez que as áreas que lhe interessam (vida sustentável e conservação marítima) não eram áreas onde tivesse qualquer tipo de experiência ou estudo que não seria considerada. Aconselharam-na a fazer primeiro voluntariado durante pelo menos 6 meses nessas áreas. A entrevistada tem noção da reforma que o serviço *Peace Corps* está a fazer. Acha que a facilidade com que se inscreve no programa permite atrair um grupo maior de pessoas, mas não concorda com a diminuição da duração do programa. Ainda considera se juntar ao serviço como uma maneira talvez de fechar as suas viagens. Diz que conheceu uma rapariga no Projeto de Camboja que tinha feito o serviço *Peace Corps* e que apesar de achar importante fazer um serviço de voluntariado a longo termo, achava o serviço *Peace Corps* demasiado longo.

A entrevistada viu a diferença que fazia o tempo de dedicação que os voluntários davam à organização, especialmente por demorar mais de uma semana para os formar. Considerava mais valiosos os voluntários que ficavam no projeto por mais tempo, porque além de ajudar podiam também formar os novos voluntários. Acha que os voluntários que planeiam permanecer durante um curto período de tempo numa organização não são benéficos para as organizações, especialmente se for algo que requer formação.

Sobre as motivações dos outros voluntários, a entrevistada acha que alguns voluntários tinham-se juntado ao projeto para mostrar aos amigos e família que estavam a fazer algo muito altruísta. No entanto eram esses que só apareciam a primeira semana para trabalhar e depois era difícil retirá-los da cama e passavam a tratar a estadia como umas férias. Isso acontecia especialmente com os mais novos que nunca tinham saído para lado algum. Mas tiravam fotografias em limpezas de praia para pôr no *Facebook* quando na realidade só faziam 1 ou 2 limpezas de praia em dois meses de estadia.

A entrevistada diz que havia alguns jovens locais que bebiam e queriam fazer festas com alguns voluntários, mas torna-se difícil dizer quem influenciava quem. No entanto, considera natural que quando se retira jovens Europeus de grandes cidades e os põem numa ilha é provável que estes afetem a população local de alguma forma e vice-versa. Via-se também que por vezes os jovens locais imitavam a maneira de vestir e aprendiam palavras calão.

A entrevistada encontra-se de momento na Austrália a trabalhar para suportar o seu custo de vida. Durante 3 meses voluntariou-se a tempo parcial num museu onde levava crianças a passear nas praias e ensinava-lhes sobre as coisas que encontravam na praia e sobre a poluição.

Considera importante dedicar 30 a 40 horas semanais num projeto de voluntariado e ao dedicar esse tempo todo à organização convém que a organização forneça ao voluntário estadia e alimentação, para o voluntário se poder sustentar por mais tempo. Este seria o seu critério número um de escolha num próximo projeto. O segundo critério mais importante será a causa, diz que começou uma trajetória pessoal pela conservação marítima e quer continuar nessa área. Considera que se não tivesse a experiência que tem de voluntariado não teria o emprego que tem agora na Austrália. Diz que quando saiu dos Estados Unidos tinha o interesse em mudar de carreira para comunicação ambiental, conservação marítima e queria ensinar crianças e jovens a importância de tomar conta dos oceanos e do meio ambiente. Não tem intenções de ir para um orfanato alimentar crianças porque não é nesse sentido que quer orientar a sua experiência de voluntariado e nem o futuro da sua carreira.

Acha que o volunturismo oferece um misto equilibrado entre férias e voluntariado, é da opinião de que quem considera fazer 2 semanas de férias e 2 semanas de voluntariado talvez queiram mostrar através dos meios sociais que são boas pessoas porque acha que 2 semanas não são benéficos para os programas.

Com a globalização as pessoas estão mais informadas sobre o que se passa no mundo e considera que isso joga com o papel das pessoas. Acha que as gerações mais jovens sentem que têm o poder de fazer a diferença e isso não quer dizer que todos têm que sair do país e voluntariar-se internacionalmente, mas podem fazer uma contribuição na sua própria comunidade, considera que as pessoas começam a aperceber-se que cada ação conta. Acha necessário ter-se certos fatores para se poder pensar em voluntariar, naturalmente que pessoas que vivem na pobreza, a última coisa em que pensam é nisso porque estão ocupados em garantir a sua sobrevivência e a sobrevivência das suas famílias.

A entrevistada considera que há muitas pessoas que se voluntariam para poderem mostrar o que estão a fazer e o quão fantásticos são, mas a entrevistada diz que ela própria também usa os meios de comunicação social e também publica fotografias e quer divulgar e inspirar as pessoas a também se voluntariar internacionalmente. Sente uma sensação muito boa quando alguém comenta ou gosta do que publica porque assim sabe que estão ao corrente daquilo que faz. Diz que tudo isso faz parte da experiência.

A entrevistada quis partilhar um momento no Vietname quando em conversa com um jovem Vietnamita soube que a casa do seu avô tinha sido atingida por uma bomba na altura da guerra entre a América e o Vietname. Apesar de ser um alvo civil, o incidente provocou a perda de uma perna do seu avô e a morte de vários membros da sua família entre eles, a sua avó e o seu tio que na altura era bebé. Também o padrasto da entrevistada tinha estado na guerra do Vietname, na marinha e apesar de não ter sofrido nenhum dano pessoal foi uma experiência muito traumática para ele, na qual perdeu muitos amigos. A entrevistada diz que foi muito interessante ouvir a história do seu amigo Nghia e que sentiu a necessidade de contar também a sua história e pediu desculpa da parte do seu padrasto ao seu avô pelas perdas que causaram. O que o jovem Nghia disse à entrevistada marcaram-na muito, ele disse: “Não precisas de pedir desculpa porque não foi o teu pai, não foi o meu avô, não foi nenhum de nós a lutar, foram os nossos governos e não tens que pedir desculpa eu amo-te como uma irmã e aquela guerra pelo que os nossos países passaram não significa nada porque nós estamos aqui a fazer algo de bom juntos”. Aquele momento para a entrevistada foi como um perdão mútuo. Antes de ir para o Vietname o seu padrasto não gostou muito que a entrevistada fosse para um lugar com o qual tinha tantas conotações negativas, mas depois de refletir algum tempo sobre o assunto achou que a entrevistada podia ir para lá como uma embaixadora não só para a América, mas para ele próprio e pediu que mostrasse às pessoas do Vietname “nós não somos a guerra, não somos as bombas, e o sangue e o agente laranja, também somos pessoas”. Para a entrevistada o momento que teve com o seu amigo Nghia foi como que um ciclo tivesse sido fechado. Terminou por dizer que é um exemplo de paz mundial através do voluntariado.

### **Entrevistado 7 (35, Portugal) e Entrevistada 8 (29, Portugal)**

Os entrevistados começaram a viajar há cerca de 5 anos com o intuito de fazer uma viagem à volta do mundo. Iniciaram em Londres a trabalhar para acumular fundos para a viagem e depois foram para as Ilhas Caimão com o mesmo intuito. Aí, através de um colega de trabalho que se estava a voluntariar na Cruz Vermelha foi estabelecido o contacto e começaram a voluntariar-se na Cruz Vermelha em regime de tempo parcial. A Cruz Vermelha nas Ilhas Caimão está mais especializada para a prevenção de desastres, depois do furacão de 2002 que arrasou a ilha. Estiveram com a organização mais ou menos durante um ano. O entrevistado trabalhou mais diretamente com a prevenção de desastres porque é especialista em logística. Participou na parte operacional da colocação de contentores com materiais de emergência em

várias partes da ilha, para, no caso de desastre, os contentores poderem estar estrategicamente localizados de forma a poderem ajudar as pessoas. Esteve também envolvido na elaboração de contratos com empresas que forneceriam materiais de escavação e comida em caso de desastre natural. Também participou na parte das comunicações de rádio, em que ajudou na instalação da base da estação de rádio, ajudou no armazém e exportação de alguns materiais para outros armazéns da Cruz Vermelha noutras ilhas das Caraíbas. A entrevistada trabalhou noutros programas, tais como na loja de solidariedade, fez um curso de primeiros socorros, ajudou em feiras a dar informação e a aconselhar sobre a sida. Gostaram bastante da experiência, estava tudo muito bem organizado e o facto de fazerem parte de uma organização que existe a nível internacional foi bastante satisfatório.

Depois das Ilhas Caimão iniciaram a viagem em Belize, na América Central. O objetivo inicial era encontrar locais que pudessem oferecer ou reduzir os custos de alojamento em troca de algum trabalho. Nesta fase da viagem usavam mais o voluntariado como forma de poupar dinheiro. Em Belize participaram num projeto educacional, uma “escola da selva”. No período de férias, os miúdos iam para lá e aprendiam como era a selva, mas na altura em que os entrevistados foram era época baixa e escolar. Não estava lá ninguém a voluntariar-se e as crianças estavam na escola. A entrevistada ajudou na criação de *kits* de primeiros socorros e o entrevistado ajudou no que era mais necessário que era construção civil. Esta experiência durou cerca de um mês. Encontraram este local pela internet, onde procuraram sítios para ficar que também tivesse voluntariado.

Depois seguiram para a Nicarágua e aí sim andaram ativamente à procura de um projeto mais interessante em *sites* do estilo *idealist.org*, *globalteer.org*. Fizeram uma pré-seleção àqueles que lhes pareciam mais interessantes, ou seja, projetos de voluntariado que não façam com que o voluntário pague muito. Dizem que alguns programas são um absurdo, paga-se tanto como se estivessem de férias e ainda têm que trabalhar. Alugaram um carro para visitar os projetos mais interessantes e escolheram o *Peace Project* na Laguna de Apoyo que é uma lagoa numa cratera vulcânica, uma reserva natural com difícil acesso. Aí trabalharam para a comunidade num tipo de ATL onde recebiam crianças durante a tarde para os ajudarem nos trabalhos da escola ou faziam atividades com eles e davam aulas de Inglês na escola. Foi uma experiência mais intensa e mais dentro daquilo que gostam de fazer. Estiveram nessa organização durante três meses. A entrevistada ajudou também a criar um posto de saúde para a comunidade porque o centro de saúde mais próximo era de difícil acesso. Teve que entrar em

contacto com os líderes da comunidade e com o centro de saúde da localidade, conseguir gerir a equipa de voluntários para conseguirem abrir o posto de saúde no prazo estabelecido. No início tinham consultas pelo menos 2 vezes por mês com perspectiva em aumentar o número de dias de consultas e diversificar as consultas. Escolheram este projeto entre os outros em termos de custo era interessante e era o projeto mais focado na comunidade. Por exemplo, o projeto que viram antes deste era uma escola de línguas que tinham programas de voluntariado para a comunidade. Mas o programa de voluntariado para a comunidade servia para entreter quem lá estava a tirar o curso de línguas, o foco não era o voluntariado. O foco era ensinar o Espanhol, mas como está na moda fazer voluntariado eles ofereciam isso para atrair mais estudantes. Quem quisesse participar no voluntariado era obrigado a ter aulas de Espanhol. Este projeto em termos de custo era razoável mas entenderam que não tinha o enfoque correto. Enquanto que o projeto que acabaram por escolher era para a comunidade, não havia nenhum tipo de obrigação, ajudavam no que podiam e também era um sítio bonito. Houve uma série de vantagens que os fizeram escolher este projeto. Adoraram as pessoas com quem estiveram, ainda se mantêm em contacto com elas e tinham sido contactados recentemente para lá voltarem. Sentiram que era um projeto mais puro e mais dentro daquilo que procuravam.

Ainda na Nicarágua participaram num projeto de permacultura na ilha de Ometepe, chamado *Bona Fide*. A entrevistada mencionou que neste projeto foram um bocadinho turistas porque só ficaram uma semana mas o entrevistado reiterou que trabalharam por pouco tempo, mas que o trabalho voluntário foi bastante pesado. Dizem que foi uma experiência muito interessante pelo conceito e pelo que aprenderam. Em termos de custos consideram ter sido bastante acessível (€100/mês).

Depois foram para a Costa Rica onde participaram num projeto de reflorestação e proteção ambiental numa reserva natural durante 3 semanas – o *Cloudbridge Project*. Deram apoio ao projeto científico que estava a decorrer na altura, que era a medição de uma plantação nova de árvores para testar se elas se davam às condições ou não. No entanto, a plantação estava numa encosta e o processo era um pouco delicado. Também ajudaram nos viveiros e na parte informática, a montar a rede, fizeram um pouco de tudo. Trabalhavam de manhã e a tarde tinham livre para estar na natureza.

Apesar do início da atividade de voluntariado nas Ilhas Caimão ter sido por acaso, através de um colega de trabalho, já tinham falado sobre voluntariarem-se algures durante a viagem. Como queriam também ter uma experiência de mobilidade lenta para conhecerem bem os países



que queriam visitar, através do voluntariado podiam estar mais próximos da comunidade e dos locais, pelo que dizem que tem sido uma vivência muito rica sobre o que são os países. A primeira experiência de voluntariado foi mais a oportunidade que surgiu, a possibilidade de conhecer mais pessoas na ilha. Depois passou a ser para poupança de dinheiro e cresceu para um gosto e uma forma de viajar que os atrai. Sempre que seja possível juntam-se a projetos locais para viajar e ajudar a comunidade local. Depois do projeto da Nicarágua em que viram em primeira mão o que podiam fazer pela comunidade cresceu o gosto por voltar a fazê-lo. O Entrevistado explica, “A motivação já é um misto de tudo, ok poupamos dinheiro, ok viajamos melhor, ok ajudamos toda a gente.”

À medida que foram de projeto em projeto tentaram sempre ter experiências novas, em países novos.

Uma das coisas que mais surpreendeu o entrevistado foi o número de projetos de volunturismo na região. Por causa do voluntariado estar na moda, entidades que não tinham nada a ver com o voluntariado criam essa oportunidade para poderem atrair mais clientes. Acham que esse fenómeno tem muito a ver com os jovens americanos em que se criou esse mercado para atraí-los. O entrevistado ficou surpreso porque voluntariado supostamente é grátis e trabalhar por nada e para nada e aperceberam-se que a realidade é muito diferente. Não encontraram um projeto onde não se pagasse nada. O entrevistado mencionou que acha aceitável pagar os custos de estadia e alimentação mas a preço de custo, não fazer negócio disso e mesmo esses projetos é muito difícil de encontrar. Quase todas as entidades têm voluntariado e considera que usam também os voluntários para o seu sustento o que acha incorreto, deveria ser opcional, só se os voluntários quiserem doar. Por exemplo, os entrevistados ofereceram material para a escola na Nicarágua de livre vontade, ninguém lhes pediu que o fizessem. Mas como o entrevistado mencionou, se estas organizações existem é porque há procura. Quem estiver disposto a pagar por isso, muito bem, mas para o entrevistado e para a entrevistada que não têm essa motivação, custa-lhes aceitar um projeto desses. A entrevistada mencionou que quando estava no projeto da Nicarágua apareceu-lhe um Espanhol que fazia um voluntariado num sentido mais “puro”, ou seja, ia de organização em organização e dizia: “eu sou especialista nisto...” mostrava o currículo dele e oferecia-se para ajudar no projeto e em troca do trabalho pedia estadia. Diz que relatou ter conseguido fazer isso em alguns lugares, mas nem todos os lugares o aceitaram.

O entrevistado mencionou que tem que se ter cuidado com alguns projetos, pois não se percebe para onde vão os fundos. Alertou também para o facto de aqueles projetos que são mais publicitados são aqueles que cobram mais. Por receberem mais fundos têm maiores possibilidades de investir em *sites* e divulgação. A entrevistada disse que quem procura deve ter cuidado em escolher a organização e investigar um pouco para ter mais certezas sobre para onde vão os fundos, algumas publicam os relatórios financeiros anuais. Muitas organizações salientam a possibilidade de oferecer dedução fiscal a turistas americanos, mencionaram que todas as organizações onde trabalharam por muito inseridas na comunidade e no serviço comunitário local que estivessem eram todas organizações americanas. O entrevistado adiciona: “Aliás, naquela região, tudo o que é instituição, o zoo, os museus, são todos estrangeiros, os locais não fazem nada, a não ser viver à custa, no fundo, dos investimentos, *know-how* e dinheiro dos estrangeiros, aliás é uma região que vive de donativos, de projetos de voluntariado, de boa vontade dos estrangeiros e está muito, muito, muito encostada a isso.”

Em relação aos outros voluntários, os entrevistados disseram que geralmente, eles eram os voluntários com mais idade que apareciam nos projetos. Havia alguns alemães a fazer o *gap year* apoiados pelo governo alemão que paga aos jovens alemães projetos de voluntariado e havia também muito jovens americanos. Até ao momento não encontraram ninguém a fazer voluntariado da maneira como os entrevistados estavam a fazer, de maneira contínua. Mencionaram também que, por exemplo, no projeto da Nicarágua, enquanto os entrevistados ficaram 3 meses, a maioria ficava o mínimo do tempo, que eram 3 semanas e era uma adição que faziam à viagem.

Os entrevistados acham que, em geral, os projetos iam de encontro com as necessidades das comunidades, especialmente na Nicarágua, havia uma grande interação com a comunidade e os líderes locais, tanto que um dos diretores da organização era local e fazia questão de envolver a comunidade. Afirmaram também que o projeto nasceu quando a comunidade deu voz ao que necessitava que fosse feito. Os entrevistados mencionaram que o projeto *Bona Fide* nasceu do aproveitamento do terreno fértil vulcânico para produzir mais alimentos além daqueles que a população estava habituada a produzir que era o milho e o feijão. Depois da ilha ser afetada por um furacão houve bastante fome e então o aproveitamento do solo iria trazer uma alimentação mais rica à população local. O projeto tornou-se numa escola para a população local aprender a cultivar outros alimentos além do milho e o feijão. O projeto também testava

outras espécies a ver se se davam na região e caso se dessem, davam as sementes à população para eles também poderem cultivá-los nas suas terras.

Por enquanto estão no Brasil devido à necessidade dos entrevistados de trabalhar e receber algum dinheiro para poderem financiar o resto da viagem. Estão de momento à procura de trabalho no Brasil para depois continuarem pela América do Sul, Chile, Colômbia, Equador, Peru, entre outros, onde irão procurar outra vez um misto de viajar e trabalhar em projetos de voluntariado. Quando os entrevistados terminarem de percorrer a América do Sul pretendem ir para África. Mencionaram que o *Peace Project* tem um projeto também no Malawi, mas além disso ainda não procuraram mais informação sobre projetos em África.

Os entrevistados consideram ser importante as organizações estarem na internet para os voluntários conseguirem encontrá-las mais facilmente. E que estas devem ter o máximo de informação possível, acham que algumas vezes a informação é muito vaga e não especificam o projeto, não dizem o que fazem exatamente, que tipo de horários, entre outros. A entrevistada completou que “um *site* organizado revela um projeto que está organizado”. O entrevistado comentou que estão dispostos a contribuir para a comunidade mas que as organizações não podem esperar que os voluntários estejam a trabalhar 6 dias por semana das 8 da manhã às 8 da noite, especialmente quando se tem que pagar. Mencionaram que havia muitos projetos que eram assim, acham que existe um grande desequilíbrio. O entrevistado chamou ‘voluntário *hardcore*’ aos voluntários que se dispõem a esse tipo de condições e eles próprios não estão dispostos a isso. Consideram que o ideal tem sido os projetos onde têm participado, onde trabalham de manhã, têm a parte da tarde para explorarem a região e pagam a estadia. Como o Entrevistado articula, “Gostamos de dar uma parte da nossa vida ao voluntariado, não a vida toda.” Então sugeria que as organizações fossem bastante claras daquilo que pretendem dos voluntariados, que há projetos que os voluntários não sabem o que podem esperar e que depois é uma chatice, porque se é algo que não gostam, cria-se uma situação muito desconfortável. Viram isso acontecer em alguns casos. Dizem que os voluntários que se veem agora não são ‘voluntários *hippies hardcore*’, como antigamente, são voluntários sofisticados, da cidade que não se sujeitam a qualquer coisa.

São a favor das certificações desde que não se tornem negócio. Se for uma certificação bem feita, acham que seria útil, em que um projeto certificado cumpre normas, tem transparência financeira, clareza nos projetos e garantia de favorecimento da comunidade.

A entrevistada diz que “cada vez mais as pessoas querem uma experiência de viagem autêntica, querem contacto com a cultura local, não querem ir por uma agência com um guia turístico em que só veem os pontos turísticos que já toda a gente viu, eu acho que a questão de fazer voluntariado é para trazer esse condimento à viagem do contacto com a cultura local, para adicionar um pouco mais de exotismo, acho que é isso que atrai as pessoas que procuram o volunturismo.” E o entrevistado adiciona “também chegam a casa e podem dizer, embora na maior parte dos casos não seja verdade, que ajudaram uma comunidade.”

Os entrevistados dizem que adicionaram a experiência de voluntariado aos currículos, como muitos voluntários o fazem. Em tom de brincadeira mencionaram que a foto que muitos voluntários tiram com o menino pobrezinho de rua vende muito nos *facebook*s, tem muito sucesso.

Consideram que o voluntariado é uma forma de gratificação pessoal, participar num projeto e ver que de alguma forma ajudou o outro fá-los sentirem-se bem e consideram que “para a maior parte dos americanos é bem melhor sair do país e fazer isto (voluntariado), do que as nossas férias no Algarve.”

Comentaram que não se vê Portugueses a fazer voluntariado desta forma, nem Portugueses de 18 anos a fazer voluntariado, que os alemães se vê mais porque têm o apoio do governo.

Discutimos a ideia Portuguesa da educação como meio de tornar o indivíduo produtivo rapidamente, como não existe a cultura ocidental de se tirar tempo livre para se voluntariar e que talvez adicionar uma experiência dessas ao currículo em Portugal não dá qualquer crédito ao indivíduo, pelo contrário é considerado que andou a “vadiar”.

O entrevistado perguntou se durante a investigação houve volunturistas “puros” que considera ser aqueles que pagam 3 mil dólares por uma semana de voluntariado.

Falaram que acham que o *peace corps* tem uma intenção do marketing americano, que não é propriamente bem visto globalmente e que os projetos em que estão envolvidos são discutíveis. Mencionaram também que a iniciativa nasceu da intenção do governo de espalhar a boa imagem dos americanos pelo mundo.

Os entrevistados dizem que o que os marcou mais, a área em que tinham uma grande expectativa e algum receio, foi dar aulas a crianças, ter “aquelas cabecinhas todas a olhar” para eles e mantê-los motivados para aprender uma língua estrangeira.

A entrevistada comentou que a imposição do ocidente e/ou de técnicas ocidentais no mundo em desenvolvimento mais parece uma nova colonização pelo tom de superioridade que empregam.

A entrevistada lembrou-se de uma história que lhe contaram na Guatemala fizeram uma avaliação das condições dos indígenas e disseram à população, “você são pobres, você vivem em condições muito difíceis”, ao que o povo respondeu: “a gente nem sabia que era pobre!”. E concluiu que muitas vezes as pessoas carregam os seus próprios conceitos e ideias quando viajam e querem-nas impor às outras culturas, mas dessa forma não se respeitam os costumes locais.

### **Entrevistada 9 (28, E.U.A.) e Entrevistado 10 (29, E.U.A.)**

Os entrevistados tiveram 4 experiências de voluntariado internacional nos últimos 2 anos. O primeiro foi na construção de um *ashram* em Berlim, depois voluntariaram-se na Turquia com uma família a tomar conta de uma criança. A terceira experiência é aquela que os entrevistados acham ser a mais gratificante e com quem ainda trabalham remotamente. Numa organização local sem fins lucrativos nos arredores de Nairobi no Quênia, fundada por um indivíduo local que ajudava na educação dos jovens de uma favela. Estas três experiências ambos os entrevistados fizeram parte, a quarta experiência apenas o entrevistado participou. Consistiu em duas semanas no Vietname a ensinar o Inglês e outras capacidades profissionais a estudantes universitários considerados minorias étnicas com baixas posses financeiras e vítimas de discriminação de grupos.

Os entrevistados encontraram as organizações através do *site WorkAway*, exceto o *ashram*, que foi através de amigos. Eles consideram que foi muito difícil encontrar um sítio em África, mas acham que tiveram sorte com a organização que encontraram. Talvez o facto de se pagar para anunciar projetos possa filtrar organizações menos fidedignas. Apesar do *site WorkAway* ser destinado a projetos em que não existe uma transação monetária entre ambas as partes e que seja uma troca de trabalho e/ou serviço por alojamento e alimentação, os entrevistados admitem que pagaram 5 dólares americanos por dia de estadia para ajudas de custo de vida, alojamento e alimentação no projeto Africano. Os entrevistados admitem que se quisessem ficar no Quênia pagariam muito mais se não ficassem com a organização e que quando procuravam um sítio para se voluntariar viram que outras organizações cobravam cerca de 1000 dólares americanos por semana ou 2000 dólares americanos por mês para se

voluntariar, o que acham exagerado e dizem que estas organizações concentram-se apenas em atrair voluntários ocidentais.

Tentaram manter as expectativas bastante baixas, porque não faziam ideia o que esperar, algumas organizações descreviam as suas atividades em apenas algumas frases e também descreviam brevemente o que necessitavam. A entrevistada esperava poder fazer algo para contribuir de alguma forma, o que às vezes não é o caso em que os voluntários aparecem e não há ninguém para os orientar. Considera que tiveram muita sorte nas três experiências que partilharam pois todos os dias tinham atividades onde podiam contribuir de alguma forma.

O que os fez voluntariar-se foi o facto de estarem a viajar a longo termo e dizem que por muito que seja ótimo viajar existe aquela necessidade de se sentirem úteis e usarem as suas capacidades e conhecimentos para fazer algo. Também o desejo de contribuir para algo mais significativo os motivou para se voluntariarem. O entrevistado continuou a dizer que especialmente quando se viaja para partes do mundo mais pobres e se vê as várias necessidades que existem. Considera que é muito simples dar esmola a um pedinte mas isso não contribui para resolver quaisquer problemas. Como estrangeiro, deparar com fome e esse tipo de problemas nas comunidades faz com que se queira contribuir, procurando uma organização ou um sistema de modo a que se possa contribuir de maneira a que a riqueza possa ser distribuída mais eficazmente e contribuir para melhoramentos mais sustentáveis. Acha que é uma experiência muito gratificante. Para o entrevistado, faz mais sentido voluntariar-se do que dar uma esmola a um pedinte. A entrevistada continuou, dizendo que o dinheiro também é importante, mas que tem essa inclinação para ajudar. As experiências que tiveram é que lhes mostraram que é assim que se compreende a complexidade de algumas situações, e compreendem que a solução não é tão simples como às vezes as pessoas de fora da situação dizem que é. Essa percepção foi mais um elemento positivo que retiraram das experiências que tiveram.

Os entrevistados escolheram as organizações com as quais se sentiam mais relacionados ou por uma causa que os apaixonasse, foi esse critério que definiu o tipo de organizações e experiências que foram procurando. Também levaram em conta aquilo que achavam que eles próprios tinham como pontos fortes e como poderiam oferecer esses pontos fortes às causas.

Os entrevistados acharam que todas as experiências tinham sido boas, a grande surpresa foi em África porque nunca imaginaram que pudesse ser tão boa. Talvez por terem lido o quão

difícil é encontrar uma boa organização talvez as expectativas fossem menores em contraste com o que foi oferecido.

Já a experiência do entrevistado no Vietname foi um pouco diferente. O entrevistado comentou em como se voluntariou com uma organização que tinha bastante sucesso em atrair voluntários de todo o mundo para ensinar o Inglês. Mas o entrevistado pensou que iria ajudar a população local em diferentes áreas, tal como usar os seus conhecimentos para ajudar no programa, além do ensino do Inglês. No entanto, não foi o que esperava que fosse e comentou em como às vezes existem surpresas durante o projeto de voluntariado, tais como, às 22h chegarem mais 4 pessoas do aeroporto em que todos foram “empacotados” no mesmo quarto a dormir em fileiras no chão em tapetes. O que é algo que como voluntário pesa, mas o entrevistado comenta que em “retrospeção isso adiciona algo mais à experiência. Na cultura deles todos os homens dormiam em tapetes nesse quarto portanto isso não interessava mesmo, era mais espaço para mais um corpo, portanto tudo faz parte da experiência”, mas como os entrevistados mencionavam antes, às vezes o que está anunciado, não quer dizer que seja o que se vai encontrar. Situações do dia-a-dia que surgem que talvez tomam uma grande parte do tempo, o que não se leva em consideração antes de começar o projeto de voluntariado.

Todas as organizações onde os entrevistados se voluntariaram foram fundadas por locais.

Os entrevistados mencionaram que 2 das organizações onde se voluntariaram eram muito ativos no que diz respeito a pedir comentários dos voluntários para o *site* de internet deles para que outros voluntários pudessem aceder a esses comentários. E que a organização do Vietname estava a receber tantos voluntários que o diretor da organização não tinha disponibilidade suficiente para poder rever o que poderia ser feito para melhorar a experiência do voluntário.

No projeto de África, quando se voluntariaram eram os únicos a voluntariarem-se na altura. Costumam receber mais voluntários durante o verão, mas os entrevistados tinham-se voluntariado durante o outono. Apesar dos entrevistados não se terem voluntariado com outros voluntários os organizadores comentaram que durante o verão recebem muitos estudantes universitários que se voluntariam para adicionar algo ao seu currículo, que não têm motivação para contribuir e que às vezes a organização tinha dificuldade em tentar retirar algo benéfico do trabalho dos voluntários. No Vietname o entrevistado achava que os outros voluntários estavam muito envolvidos no projeto e queriam ajudar. Outros permaneciam por pouco tempo e entusiasmavam-se mais em ver a nova cidade, em contraste com as pessoas que permaneciam por mais tempo, como entrevistado, que distribuíam melhor o tempo entre contribuir e depois

então, no dia de folga iam explorar. O entrevistado acha que os estudantes Vietnamitas que estavam a ajudar promoviam o envolvimento dos voluntários porque tinham uma ‘sede’ por aprender.

Os entrevistados consideram que as comunidades receberam o apoio que necessitavam. Nos dois primeiros projetos eles precisavam de um par de mãos extra. Em África puderam oferecer competências de informática à organização, ensinaram-lhes a fazer um orçamento. Ajudaram também o fundador da organização a fazer um plano estratégico, que era algo que ele queria fazer já há algum tempo, mas não sabia como. A entrevistada comenta que uma coisa que gostou mesmo muito do projeto em África foi que “os quenianos locais, membros da equipa da organização tinham uma grande vontade para aprender, queriam aprender a usar o *excel* e queriam aprender de modo a usar o tempo de maneira mais eficiente e a usar as ferramentas que lhes foram disponibilizadas” portanto umas vezes o que era necessário era apenas mais um par de mãos para ajudar e outras vezes eram outros tipos de competências, de gestão e informática. O entrevistado mencionou que no Vietname o diretor da organização insistia em ‘abrir os olhos’ dos jovens para o governo comunista que tinham, não necessariamente de uma maneira anticomunista, mas mostrar-lhes a corrupção, e como para criar estabilidade o seu governo tentava limitar a maneira como a população pensava sobre as coisas. Por essa razão o diretor da organização queria que os voluntários mostrassem aos jovens outras maneiras de fazer as coisas e de ver o mundo. Os voluntários passavam muito tempo com os estudantes a ter conversas casuais que por um lado fazia-os praticar e melhorar o inglês mas também tentavam mostrar que havia outras maneiras de se viver além de trabalhar para o governo ou grandes empresas internacionais, mostrar que havia muitas maneiras de viver uma vida feliz e de sucesso. O diretor considerava que esta era a maneira como este programa podia contribuir para criar a mudança na geração seguinte, além de lhes dar competências e a oportunidade de um melhor futuro através do ensino do Inglês.

Os entrevistados ainda continuam a trabalhar com a organização do Quênia remotamente e pretendem voltar, embora ainda não sabem quando o poderão fazer. Talvez possam voltar dentro de um ano e desta vez gostariam de estar lá pelo menos 2 meses. Tencionam fazer mais voluntariado durante as viagens de longa duração que fizerem no futuro, por várias razões, gostam muito da parte da comunidade, conhecer as pessoas e dá uma imagem muito diferente do sítio para onde se vai.



O que aprenderam com estas experiências foi que quanto mais tempo ficarem numa organização melhor. Irão levar isso em consideração ou planear ficar mais tempo ou não planear uma altura específica de quando devem ir embora. O entrevistado adicionou que o melhor seria ser flexível, por um lado dedicar-se a uma organização e se não resultar ou ver que não estão a ser úteis para a organização sair e procurar outra, mas se resultar tentar ficar o maior tempo possível.

Acham que o valor da subscrição que pagaram no *Workaway* de 20 dólares americanos por 2 anos de utilização valeu muito a pena. Dizem que se tivessem feito uma investigação mais profunda em *sites* gratuitos talvez tivessem encontrado uma organização que oferecessem o alojamento gratuito, mas consideram que o que pagaram valeu a pena e voltavam a fazê-lo da mesma forma.

Costumam fazer voluntariado na própria comunidade em causas e movimentos pelos quais se sentem mais inclinados.

Os entrevistados aconselham qualquer volunturista a utilizar os *sites* do *workaway* e *helpx* para encontrar sítios para se voluntariar, vale o valor da subscrição. Acham que o *couchsurfing* também tem muitos grupos bons e acham que o volunturista deve confiar no próprio instinto quando está a escolher uma organização. Quando não tiverem a certeza da organização e para qualquer questão que se possam ter, devem tentar entrar em contacto com outros voluntários que já passaram pela organização e ver os comentários no *site* do *workaway* e *helpx*,

Os entrevistados acham que o volunturismo está a ganhar cada vez mais adeptos porque viajar torna-se mais acessível e fácil em geral, pelo menos para o mundo ocidental. Dizem que se vê muitos jovens a viajar e com a internet torna-se mais fácil entrar em contacto com as pessoas em qualquer parte do mundo. Acham que a possibilidade de se voluntariar internacionalmente está ao alcance da ponta dos dedos, enquanto no passado era mais complicado encontrar as organizações.

Já leram algumas críticas sobre o volunturismo, especificamente sobre como às vezes os volunturistas vão para um sítio, usam os recursos escassos do sítio e não são úteis à organização, tornando-se num fardo para as organizações. Por essa razão interessaram-se por encontrar uma organização onde possam usar as suas próprias competências. Também comentaram que quando há desastres naturais, muitas vezes aparecem muitas pessoas para ajudar e que isso causa voluntários em excesso. Consideram que às vezes é difícil saber se se vai adicionar ou detrair à situação. Descreveram também situações em que comunidades no mundo ocidental

querem ajudar uma situação e decidem por exemplo coletar sapatos para enviar para uma área necessitada, antes de falar com uma organização como a cruz vermelha e vai-se a ver, sapatos não era algo que necessitavam. Aham que se devem seguir os meios mais eficazes para alocar os recursos necessários.

O que aprenderam com estas experiências foi que não existe uma solução simples para um problema. Aprenderam também que as pessoas ficam muito gratas pelos turistas, mesmo sem se voluntariarem, se oferecerem um sorriso as pessoas ficam muito gratas. O entrevistado adicionou que quando se viaja e voluntaria tornam-se embaixadores do país de onde vêm e do estilo de vida ocidental quando se vai para uma comunidade remota que talvez nunca tenham tido contacto direto com um ocidental. Consideram que existem muitas ideias erradas, muita curiosidade e acham estas experiências promovem uma grande troca de conhecimentos para ambas as partes. Descobrem como muitos dos problemas são muito mais complexos quando se está no local, tentam ouvir primeiro para poderem perceber a extensão do que podem fazer e existe sempre algo no meio que nunca tinham considerado antes. Enquanto que quando leem os jornais ocidentais falam das coisas de uma maneira “do alto do seu cavalo” em que falam de soluções fáceis, mas para as executar no terreno existem sempre contratempos pelo meio que só se apercebe deles no local e durante a situação. Aprenderam que as soluções aos problemas não são tão simples como se pensa que são.

### **Entrevistado 11 (36, China/HK)**

A primeira experiência de voluntariado internacional em que o entrevistado participou foi em 2003 num campo de trabalho, onde um grupo de pessoas de várias partes do mundo se juntaram para participar numa boa ação, neste caso, num projeto cultural de exploração arqueológica na Alemanha. Depois deste projeto, esteve envolvido em projetos semelhantes todos os anos. Considera serem experiências muito ricas, porque por um lado faz-se o projeto e interage-se com um grupo de pessoas de várias partes do mundo, por outro lado fica-se a conhecer melhor a cultura do país de acolhimento. Em 2004 o entrevistado esteve na Palestina, num campo de refugiados. Em 2005 esteve em Espanha trabalhar num projeto de conservação de monumentos. Em 2006 esteve na Croácia a organizar um festival de música. Em 2008 esteve na Lituânia a organizar um campo de juventude. Em 2010 esteve no Vietname, mas desta vez como líder de um grupo de estudantes universitários num centro de assistência social. E em

2011 esteve na Dinamarca a fazer uma evacuação de emigrantes. Todas estas atividades duraram entre 2 semanas a 1 mês.

O entrevistado considera que este tipo de atividade é muito importante e desenvolve-a como um objetivo pessoal para abrir os horizontes.

A maior parte das organizações foram encontradas através de um agente intermediário que prepara as experiências para os voluntários e ‘contrata’ a organização no país de acolhimento. Por haver um intermediário, o entrevistado não escolheu diretamente as organizações onde se voluntariou, mas antes a escolha era feita por projeto. As considerações que o entrevistado levava em conta quando escolhia um projeto eram: o preço do projeto; o tempo de duração e o local do projeto, se era próximo da cidade ou se era num sítio rural.

O que motivou o entrevistado a voluntariar-se internacionalmente em primeiro lugar foi o facto de gostar de viajar, também a possibilidade de intercâmbio cultural, explorar culturas diferentes e fazer amizades à volta do mundo. O entrevistado tem também interesse por projetos culturais, a aprendizagem de novas línguas e pretende ter experiências de vida diferentes, em vez da vida rotineira.

Na maioria dos casos o entrevistado sentiu que as expectativas que tinha foram satisfeitas, com a exceção de alguns projetos que foram muito mal organizados, como aconteceu com o projeto da Lituânia, achou que o projeto estava tão mal organizado que o levou a voltar para casa mais cedo do que o que foi inicialmente planeado. Mas sublinha que na maioria das vezes a experiência é tão maravilhosa que pode dizer que é uma das melhores experiências da sua vida, tais como a escavação arqueológica na Alemanha, a conservação de monumentos em Espanha e o festival de música na Croácia. Que considera serem experiências que ultrapassaram as suas expectativas iniciais.

A maioria dos projetos de voluntariado que o entrevistado participou aconteceram na Europa por sua escolha, por gostar da Europa, até se ter estabelecido permanentemente em Berlim, na Alemanha.

O entrevistado considera que as motivações das pessoas no grupo de pessoas com quem se voluntariou são semelhantes às suas, tais como, novas experiências, intercâmbio cultural, mas também havia pessoas que tinham motivações diferentes, comentou como algumas pessoas teriam sido forçadas a participar pelos pais, outras pessoas procuram encontrar namorada ou namorado nestes projetos, portanto havia algumas motivações distintas, mas considerava que a motivação principal era fazer algo de bom, intercâmbio cultural, aprender uma língua e viajar.

O entrevistado tem o hábito de se voluntariar na comunidade onde vive, agora participa em atividades de voluntariado em organizações de apoio social e com os sem-abrigo em Berlim, onde reside.

O entrevistado considera que o voluntariado internacional sempre existiu, mas agora tornou-se numa moda por nos termos tornado numa vila global devido à globalização e devido ao ênfase de ajudar e compreender uns aos outros.

Pelo facto de Hong Kong ter tido uma grande influência Britânica e o Reino Unido ter o *Gap Year*, muitos estudantes promovem o *Gap Year* e o entrevistado conhece alguns jovens que decidiram interromper os seus estudos e tirar um ano para viajar ou explorar e algumas pessoas são defensores do *Gap Year* em Hong Kong, mas ainda não foi estabelecido como uma prática, no resto da China o conceito nem sequer existe.

Em relação às críticas, o entrevistado mencionou que as organizações às vezes tinham problemas com os voluntário que não faziam o que lhes estava destinado e que são pouco confiáveis, por não ser pagos, podem escolher não cumprir com as suas obrigações.

Como sugestão o entrevistado acha que talvez fornecer formação antes de enviar os voluntários para um projeto seria útil. Formação de língua, cultura e projeto.

O entrevistado pretende voluntariar-se internacionalmente outra vez, mas prefere grupos de pessoas mais próximos da sua idade e não se interessa tanto por se voluntariar com grupos de estudantes.

Desde 2009 o entrevistado fundou uma organização que desenvolve projetos de voluntariado internacional em várias partes do mundo – VOLTRA<sup>17</sup>.

O entrevistado costuma escrever artigos sobre viver em Berlin e sobre ações de voluntariado que faz, mas também já escreveu sobre as suas experiências de viagem. Diz que o faz porque gosta de escrever e também para partilhar as suas experiências de modo a estimular outros a fazê-lo também.

O entrevistado quis partilhar a sua experiência na Palestina, quando se voluntariou no campo de refugiados onde a situação era crítica e foi aí que compreendeu o que é viver num país onde se vive sem qualquer liberdade. Alguns voluntários ficaram com uma depressão, o que tornou a experiência inesquecível, compreender os locais. Também nesta experiência o entrevistado teve oportunidade de conhecer pessoas que nunca conheceria no seu ambiente

---

<sup>17</sup> VOLTRA: A Journey for the World Community, disponível em <http://www.voltra.org/en/>, consultado a 17 de Agosto de 2014

natural, diz que “Hong Kong é uma cidade muito homogênea, se uma pessoa sair do convencional sente-se só. Neste tipo de experiência de voluntariado internacional conheci mesmo pessoas com quem tenho a mesma frequência de pensamento, semelhante visão e paixão (...) e acho que estas são amizades muito valiosas.”

### **Entrevistada 12 (32, Itália)**

A entrevistada esteve envolvida em 3 experiências de voluntariado internacional. A primeira em Atenas em 2006 a plantar árvores durante 2 semanas. Todos os voluntários (cerca de 15) dormiam e comiam juntos numa casa. A entrevistada apenas pagou a viagem de ida e volta até ao país de acolhimento.

Depois participou noutra atividade de voluntariado internacional na Alemanha, também de duas semanas em 2007. Da mesma forma, a entrevistada apenas necessitou de pagar a viagem de comboio ida e volta, as visitas culturais na região estavam incluídas. Trabalhou com jovens com deficiência física e mental. Nessa altura a entrevistada não sabia falar Alemão então usou o Inglês para comunicar e como costumava apenas jogar e brincar com os jovens, não era muito importante falar a língua. Esta experiência foi bastante bem organizada e todos os dias tinham uma reunião sobre o que iriam fazer durante o dia, o que poderia ser melhorado, entre outras coisas. Desta vez os voluntários (cerca de 8-10) não dormiam todos juntos como na outra experiência, cada voluntário era acolhido por uma família local, o que adicionou à integração cultural. Este grupo de voluntários eram todos alemães exceto a entrevistada e um rapaz Russo.

A terceira experiência foi em Nova Iorque, teve duração de 10 dias e também foi com deficientes físicos e mentais. O grupo de voluntários era multinacional e bastante mais extenso, eram cerca de 30 voluntários. Nos Estados Unidos foram todos com os deficientes físicos e mentais de autocarro para um hotel e ficaram hospedados no mesmo hotel com os deficientes. Este fator tornou o trabalho mais intenso, uma vez que era uma atenção contínua, havia uma rapariga que tinha problemas durante a noite e um dos voluntários, por exemplo, tinha a responsabilidade de dar os medicamentos. Devido à experiência ter sido nos Estados Unidos da América, os voluntários tinham mais responsabilidade do que lhes eram dadas nos outros projetos. Os voluntários não tiveram formação, apenas lhes foram dadas indicações pelos familiares sobre cada caso e alguma atenção especial que necessitassem.

Todas as experiências foram coordenadas através de uma empresa intermediária – YAP<sup>18</sup>, a entrevistada teve que pagar uma taxa de subscrição (€50-100) para poder participar em cada atividade.

A entrevistada escolheu participar no primeiro programa para poder viajar dentro da Europa, o segundo programa já foi com a intenção de ir à Alemanha e dessa vez não lhe interessava projetos relacionados com a natureza.

As motivações por detrás da participação era conhecer pessoas de diferentes países, aprender uma nova língua e viajar sem ter que pagar muito. O que a entrevistada esperava das experiências foi aquilo que recebeu, apesar da organização da primeira experiência não ter sido muito boa e os voluntários não terem grandes esperanças de que as árvores que plantaram iriam sobreviver. No entanto aquilo que a entrevistada esperava receber da experiência, recebeu, a causa que os levou a Atenas é que poderia ter sido ameaçada pela má organização local.

A entrevistada considera que os outros voluntários tinham também motivações semelhantes às suas.

A contribuição do projeto para a comunidade no primeiro programa é duvidoso visto que a entrevistada considera que a sustentação do resto do projeto estaria em risco.

A entrevistada costumava voluntariar-se na própria comunidade, mas agora torna-se mais difícil conciliar com a carreira profissional.

Gostaria de voltar a fazer um projeto desta natureza, mas os projetos anteriores eram para jovens até aos 30 anos. Agora a entrevistada gostaria de participar num projeto com um grupo de pessoas com idades mais próxima da sua.

A entrevistada considera que o volunturismo tem ganho cada vez mais adeptos devido à experiência de vida que cada um ganha, adiciona “não quero ir de férias, quero ter uma nova experiência, as pessoas querem ter uma nova experiência, conhecer pessoas novas, nova cultura, ajudar, juntar coisas diferentes”.

Se tivesse que voltar a escolher uma experiência de voluntariado internacional se calhar voltava à mesma organização de Nova Iorque. Gostou muito da experiência e da cultura, mantém-se em contacto com eles e teria que lá ficar pelo menos duas semanas se quisesse voltar e neste momento não lhe é possível estar tanto tempo longe. Por essa razão decidiu fazer uma experiência de voluntariado na Itália de 8 dias neste verão, junto ao mar, também com pessoas com deficiência, no entanto desta vez vai pagar pela experiência. Já no ano passado estava a

---

<sup>18</sup> *Youth Action for Peace Italia*, disponível em <http://www.yap.it/>, consultado a 17 de agosto de 2014.

planear fazê-lo mas o valor que lhe pediram pela experiência era demasiado. Este ano rendeu-se ao valor, uma vez que não tem tempo para dedicar a uma experiência semelhante à que fez no passado. Acha curioso o facto de ter viajado para ter este tipo de experiências de forma praticamente gratuita e que para fazê-lo na terra natal tem que pagar. Mas acha que aquilo que vai aprender vai valer o que vai pagar, por isso decidiu fazê-lo. Acha também que não se sente tão motivada como se sentia nos outros projetos, porque vai estar em Itália, conhecer só Italianos, falar Italiano e ainda por cima terá que pagar a estadia.

A entrevistada considera que é uma experiência enriquecedora, desde que se tome em atenção aquilo pelo qual se responsabilizou fazer como voluntário. Especialmente nos Estados Unidos da América que devido à cultura dão mais responsabilidades aos voluntários, se algo corresse mal poderiam haver consequências negativas no voluntariado, em contraste com as experiências na Alemanha e Atenas em que não tinham quaisquer responsabilidades.

A entrevistada acha que quem organiza este tipo de programas deve estar completamente informado sobre o projeto. Enquanto isso se refletiu nas duas últimas experiências, não esteve presente de qualquer maneira no projeto em Atenas.

A entrevistada gostou muito das experiências que teve, pelas pessoas que conheceu, tanto voluntários como as pessoas com deficiência a quem deu assistência.

A entrevistada é da opinião que o voluntariado faz-se pela comunidade e pelo ambiente, não deve haver lucro. Fazer uma atividade em organizações que têm fins lucrativos considera um estágio e é da opinião que num estágio se deve receber algo pelo trabalho feito. Mas a entrevistada comentou como agora não se recebe quando se faz um estágio e que a tendência é cada vez mais de se pagar para estagiar e para voluntariar.

A entrevistada comentou também sobre voluntariar-se num projeto onde estão a construir uma ponte por exemplo, se as pessoas se interessarem sobre isso voluntariam-se num projeto desses e aprendem o processo.

### **Entrevistada 13 (36, Noruega)**

A entrevistada quando fez a entrevista ainda estava a ter a sua primeira experiência de voluntariado internacional numa organização na Índia. A organização trabalhava com uma grande diversidade de áreas, como a educação, capacitação pessoal, meio ambiente, saúde e a área na qual a entrevistada estava a trabalhar era um projeto rural de biogás. A entrevistada procurava possibilidades de montar, de maneira económica e simples, biodigestores que

pudessem usar detritos domésticos e esterco para produzir metano que, por sua vez, poderia ser usado para cozinhar nas casas da população.

Existiam cerca de 30 voluntários a trabalhar nas diferentes áreas da organização. A entrevistada era a única voluntária a trabalhar no projeto de biogás. A entrevistada chegou à Índia em meados de maio de 2014 e ficou até ao final de agosto.

A entrevistada estudou biotecnologia e tem trabalhado com genética e com uma organização na Noruega que trabalha com energias renováveis. Interessa-se especialmente em utilizar fontes de energia alternativas em áreas rurais e de desenvolvimento. Por essa razão pensou que este voluntariado seria uma boa maneira de ter uma experiência mais prática. Começou a procurar organizações que tinham projetos em energias renováveis e como não existem muitos projetos nesta área, encontrou apenas dois projetos. Além do projeto que a entrevistada escolheu, havia outro no Peru que só trabalhava com energia eólica. Como a entrevistada se interessa mais por bioenergia decidiu escolher o projeto na Índia.

A par da experiência técnica que a levou a voluntariar-se queria também ter uma experiência numa cultura completamente diferente da sua, então esta oportunidade conseguia fazer com que pudesse explorar a parte da bioenergia e poderia viver num país completamente diferente por algum tempo.

A entrevistada diz que estava à espera que fosse uma maneira muito diferente de viver daquela a que estava acostumada, o que se evidenciou. Esperou que a organização estivesse mais preparada para a chegada da entrevistada, esperava que tivessem uma infraestrutura já feita, o que não foi o caso.

A maior surpresa para a entrevistada foi aperceber-se que são muito menos organizados do que pareciam ser, comparando com as conversas que teve antes de chegar. A entrevistada pensou que iria continuar um projeto que já tinha sido começado, mas quando chegou ao local viu que não havia qualquer projeto de biogás a ser feito. Isto fez com que a entrevistada tivesse que começar o seu próprio projeto. Se a organização tivesse explicado a realidade à entrevistada, ela provavelmente teria escolhido o outro projeto no Peru. Devido a ter um curto espaço de tempo para dedicar ao projeto, considera que três meses e meio não é o suficiente para iniciar um projeto destes. Outra coisa que se apercebeu foi que não existia um planeamento a longo prazo na organização, logo, depois da entrevistada ir embora não haverá ninguém para continuar o seu trabalho. Ainda pensou em permanecer mais tempo, mas devido às circunstâncias em que vivia decidiu não o fazer.



A entrevistada vivia com três voluntários e apesar de não ter discutido com eles as motivações que os fizeram voluntariar-se ela considera que eles o fizeram porque queriam aprender, queriam ter uma experiência cultural diferente. A entrevistada disse que também havia alguns elementos, não no grupo com o qual interagia, mas noutro grupo, que estavam a voluntariar-se porque a universidade lhes exigia um estágio de projeto. Disse que esses voluntários eram Americanos, um deles estava a tirar o curso de saúde pública.

A entrevistada considera que talvez a comunidade não recebe muito dos projetos tecnológicos porque demoram muito tempo até dar resultados, mas dos projetos educacionais a entrevistada acha que as comunidades recebem muito deles.

A entrevistada tem o costume de se voluntariar na comunidade onde reside, diz estar envolvida em algumas atividades.

Voltaria a voluntariar-se outra vez, mas desta vez investiria mais tempo em investigar a organização antes de fazer a sua escolha final.

A entrevistada considera que o volunturismo tem cada vez mais adeptos porque acha que as pessoas querem sentir que estão a contribuir de alguma maneira, já não se quer umas férias que só tenham a componente de relaxamento, mas que tenham uma componente na qual possam fazer algo construtivo.

A entrevistada acha que algumas críticas a projetos de volunturismo são válidas e que “muitos projetos de volunturismo não valem mesmo a pena, e dinheiros e esforços poderiam ser gastos mais sabiamente para ter um impacto real, de forma que acaba apenas por fazer algo que o faça sentir-se bem consigo mesmo, mas que não tem qualquer efeito positivo na comunidade ou o efeito teria sido maior se tivesse feito um donativo a profissionais”.

A entrevistada acha que quando voltar não vai sentir satisfação porque acha que não irá ter realizado aquilo que queria ter realizado, não conseguirá terminar o projeto.

Segundo a experiência da entrevistada, a organização onde se está a voluntariar permite que cada voluntário trabalhe naquilo que deseje trabalhar. A entrevistada acha que, de forma a utilizar o tempo e os recursos de forma mais eficiente, a organização deveria decidir os projetos que está a fazer e dar apenas essas opções aos voluntários. Mostrar aos voluntário em que podem trabalhar e se eles pretendem fazer outra atividade deverão ir para outro lado fazê-lo.

“Todos nós, no mundo ocidental, podemos beneficiar em passar algum tempo a viver numa verdadeira comunidade rural num país em desenvolvimento porque nos dá uma

perspetiva de quanto nós desperdiçamos, quanto tempo e recursos usamos em coisas que, na realidade, não necessitamos.”

A entrevistada diz que a maioria dos voluntários no seu grupo escreviam blogs, mas como não gosta de escrever, não tem o hábito de escrever qualquer blog ou artigo.

#### **Entrevistado 14 (40, Colômbia)**

A primeira experiência de voluntariado internacional do entrevistado foi em Gana em 2002 com a organização VOLU. Soube da existência da organização através do Serviço Civil Internacional de Barcelona. Diz que uma vez que a ligação é feita entre organizações tudo depende da organização de acolhimento. No caso do entrevistado, a pessoa de contacto em Gana era um pastor evangélico. Comentou como a organização tinha muitas pessoas a voluntariar-se em diferentes obras, que nas pequenas povoações faziam bibliotecas, ajudavam a população local a construir uma escola e também faziam campanhas de prevenção contra a sida. Essa organização cobrava mas era das organizações com um custo mais baixo, acrescentou que era das organizações que faziam menos negócio com o voluntariado. O entrevistado voluntariou-se com a esposa e o que fizeram foi ajudar a construir uma biblioteca para a escola de uma povoação perto de Kumasi e também participaram numa campanha de prevenção contra a sida.

Em Barcelona, onde viveu entre os anos de 2000 e 2007, organizou em 2003 um campo de trabalho para irem à Colômbia fazer um intercâmbio de voluntariado, diz que cada participante pagou o seu bilhete de avião e foi algo muito informal.

Em 2006 o entrevistado e a esposa viveram na Namíbia durante um ano porque a esposa estava a trabalhar com as Nações Unidas num projeto com voluntários que apoiavam casas de mães que adotavam crianças órfãs como resultado da sida. Enquanto que a esposa do entrevistado estava lá pelas Nações Unidas os voluntários eram enviados por agentes internacionais. Trabalharam com três organizações locais, a organização das mães que adotavam crianças, uma igreja evangélica que fazia atividades de tempos livres com crianças de bairro. Trabalharam também com os voluntários de uma outra organização que tinha o patrocínio da cooperação internacional dos Estados Unidos.

Depois de se mudarem de volta para a Colômbia em 2008 planearam uma viagem ao Brasil em 2011 durante 3 meses onde fizeram voluntariado independente, contactando as organizações diretamente através do *couchsurfing*. Contactaram 2 organizações juvenis em

Recife e no Salvador da Baía. Uma das organizações fazia atividades com crianças de bairros pobres em que combinaram que o entrevistado organizava atividades colombianas e as crianças, em troca, desenhavam os sítios da cidade que achavam mais bonitos para um colombiano ver. Estiveram um mês em Recife, um mês em Salvador e um mês no Rio. O mês no Rio já foi um projeto pessoal do entrevistado.

O entrevistado onde está voluntaria-se sempre, é voluntário desde os 14 anos, considera-se primeiro voluntário e se estiver a viajar, sente que é natural para ele participar em atividades de voluntariado também em viagem.

O critério de escolha que levou em conta para a primeira experiência de voluntariado internacional foi o facto de quererem algo em África, desde que chegaram a Barcelona em 2000 que tinham o sonho de irem voluntariar-se em África. Outro critério que aplicam sempre é não pagar por experiências de voluntariado, mas descobriram que para ir para África isso torna-se muito difícil. Também porque ser voluntário internacional na Europa é muito diferente de ser voluntário internacional de bairro popular na Colômbia. Diz que na Europa é muito comum as pessoas quererem fazer voluntariado e consideram normal pagar. Então quando procuraram experiências em África descobriram que a única forma de o fazerem era pagando, mas acrescentou que depois da experiência de Gana, nunca voltaram a pagar. Acha que o que é difícil é confiar e que a razão pela qual os voluntários internacionais Europeus pagam é pela segurança.

Quando foi para Gana esperava conhecer a cultura local, a comida local e diz que queria comparar a alegria dos africanos com a alegria dos colombianos. Acha que encontrou a alegria dos africanos e acha que a comunidade Ganesa é muito parecida com a comunidade Colombiana. O que não esperava era a sujidade de Gana, tudo se tornava um risco de saúde, de apanhar alguma doença, diz que no campo de trabalho metade dos voluntários tiveram Malária.

Achou interessante que muitos dos voluntário queriam ter uma aventura e que quando voltavam falavam da aventura que tinham tido, mas que nunca queriam voltar a fazê-lo.

No Brasil sentiam uma proximidade cultural e queriam conhecer o Nordeste Brasileiro para conhecer melhor a cultura Brasileira.

O que surpreendeu mais o entrevistado no Brasil foi a cozinha brasileira, acha que os Brasileiros têm uso de certos ingredientes que não se encontra no resto da América latina, especialmente o uso da farinha de mandioca e das diferentes farinhas de milho.

A única experiência em que participaram em grupo foi na experiência de Gana e entre as pessoas havia muitas motivações diferentes. O entrevistado alçou dois tipos de voluntários: os aventureiros e os caritativos em que os caritativos eram em maior número que os aventureiros. Havia também os voluntários locais que tinham motivações muito diferentes dos voluntários internacionais. Diz que os voluntários locais tinham algum interesse em conhecer a cultura dos visitantes e o interesse de vender alguma coisa. Também como os voluntários tinham o hábito de se livrarem de muitos dos seus pertences antes de voltar aos seus países os voluntários locais tinham interesse em ficar com essas coisas, o entrevistado diz que os voluntários internacionais “doavam tudo a qualquer pessoa, depois nos últimos dois dias era como um festival do presente”. Diz que os voluntários locais procuravam entre as melhores coisas e instrumentos tipo explorador, mosquiteiros, colchões, entre outros. Acharam que esse tipo de atitude dos voluntários internacionais era uma ação muito caritativa que ele próprio e a sua esposa não possuíam. A ambos lhes interessava fazer um voluntariado internacional muito responsável, muito consciente dos impactos dos comportamentos internacionais de modo a fazer uma participação de igual a igual. Não se sentiam como voluntários do Norte, sentiam que tinham muito em comum com os voluntários africanos. Diz que com eles estavam alguns voluntários muito conscientes que procuravam ter uma relação horizontal com os locais. Diz também que os voluntários locais mantinham contacto com os voluntários internacionais após o campo de trabalho para pedir favores.

Às vezes considera organizar mais campos de trabalho na Colômbia como fez anteriormente, mas como é professor universitário, não tem tido oportunidade para organizá-los, teria também interesse em fazer um encontro de voluntários de bairros pobres, entre África e América do Sul, ou entre Ásia e América do Sul.

Acha que o volunturismo é um fenómeno dos países do Norte, há muito volunturismo porque as organizações de volunturismo são muito organizadas e oferecem ‘produtos’ muito atrativos, considera muito atrativo os cursos pagos com experiência de voluntariado<sup>19</sup>.

A primeira crítica ao volunturismo dirige-a aos voluntários encararem a experiência como uma aventura, de fazerem-no uma vez e não o voltarem a fazer. Alguns voluntários caritativos também dizem que não querem voltar porque as condições de salubridade são muito más. Não lhe agrada também o facto dos voluntários locais estarem a aproveitar-se da boa vontade dos

---

<sup>19</sup> Apesar do entrevistado não ter especificado quais os cursos com experiência de voluntariado que considera atrativos, suspeitamos que se refere aos programas semelhantes ao qual o entrevistado 15 (36, Bulgária) relatou. Mais informação pode ser encontrada no seu testemunho.

voluntários internacionais, diz que no fundo ninguém conhece ninguém, cada um depois volta para o seu país reforçando as barreiras que já tinham previamente.

Diz que a África é especial, particularmente a África tropical que é o símbolo do selvagem, do perigo e acha que essa atrai alguns voluntários. Considera que os voluntários por um lado procuram algo desta natureza, por outro vão muito protegidos, passam pela profilaxia contra a Malária que acha que é uma loucura, porque é um veneno que provoca efeitos secundários graves, mas que passam pela profilaxia contra a Malária por pressão social.

Falámos sobre a pré-disposição dos povos em ajudar o outro e sobre povos que devido a uma ou outra razão poderão não ter essa pré-disposição. Como o exemplo dos países que tiveram um regime comunista em que a atividade de voluntariado não era propriamente voluntária, mas obrigatória. O entrevistado descreveu que nas suas viagens com estudantes a comunidades indígenas na Colômbia visitaram uma comunidade indígena *nasa* em que tinha como tradição fazer a *minga*. E a *minga* que é uma palavra quéchua que quer dizer dedicar um dia por semana a trabalhar para toda a comunidade, mas de forma obrigatória e que quando falavam com os locais indígenas, estes não concordavam identificar a *minga* como trabalho voluntário pois era obrigatório fazer a *minga*.

Falámos também sobre o *Peace Corps* e o entrevistado disse que era comum receberem voluntários em serviço *Peace Corps* na Colômbia que depois quando voltavam aos Estados Unidos passavam a ter um relacionamento muito próximo a partidos políticos de esquerda.

### **Entrevistado 15 (36, Bulgária)**

O entrevistado fez apenas um projeto de voluntariado internacional que durou quase 1 ano e meio com início em 2010. O projeto estava dividido em partes, primeiro trabalhou na organização de origem, na Noruega para angariar os fundos da viagem durante 3 meses, depois teve um tipo de estudo, mas ainda continuou a trabalhar para a organização por 6 meses, só depois é que fez o projeto *per se*, também por 6 meses. A organização não tinha fins lucrativos, era uma organização muito grande internacional com vários centros educativos e cada centro com um programa específico. O entrevistado esteve na Índia por 6 meses. A organização tinha vários projetos e o projeto em que o entrevistado participou era misto, o que considera ser uma vantagem porque quase todos os projetos estavam envolvidos naquele em que trabalhou. Os programas em geral eram de educação, saúde, controlo de epidemias, academia de crianças trabalhadoras, projeto de luta contra a sida, entre outros. O projeto do entrevistado tinha como

base os sem-abrigo em que fez várias atividades, tais como aulas de Inglês para algumas crianças sem-abrigo, construíam abrigos temporários, distribuição de preservativos e organizavam campos médicos. O entrevistado trabalhava 6 dias por semana. O visto de entrada na Índia era único, ou seja, apenas podia entrar e sair uma vez em todo o período do projeto. O entrevistado comentou como esta era uma maneira de controlar as viagens dos voluntários, também por motivos de segurança.

O entrevistado soube da organização quando estava à procura de emprego na Bulgária e viu uns anúncios sobre o programa. Depois começou a trabalhar no Chipre como animador e aí conheceu uma rapariga que fez o mesmo programa numa escola nos Estados Unidos. Disse-lhe que não levavam dinheiro para participar no projeto, que não enganavam as pessoas, mas o entrevistado depois de participar acha que isso não é bem verdade. A organização não abusava dos voluntários mas considera que as condições em que foi administrado o programa continua a ser uma exploração das pessoas. Na altura, o entrevistado gostou da ideia de poder viajar para a Índia com um projeto de voluntariado sem ter que pagar, diz que para a maioria das pessoas de Europa de Leste este tipo de viagens não estão facilmente acessíveis em termos financeiros, que a maioria das pessoas do resto da Europa podem mais facilmente juntar o dinheiro e fazê-lo independentemente. Mas acha que no final o programa torna-se ainda mais dispendioso pelo tempo e esforço que dedicam.

O entrevistado já tinha vontade de fazer trabalho voluntário antes de saber deste programa e o programa veio materializar esse desejo.

As expectativas do entrevistado não foram completamente satisfeitas, uma vez que achou que a organização tirou partido das pessoas. O entrevistado pensou que ia trabalhar 8 horas por dia, 5 dias por semana, mas não foi assim que aconteceu, trabalhava mais de 8 horas por dia, 6 dias por semana. Diz que havia dias que chegava a trabalhar 16 horas por dia. Compreende que a organização teria que angariar o dinheiro para os mandar para a Índia, mas as horas que o entrevistado dedicou, se estivesse a ser pago um ordenado daria para viajar pela Índia, África, China por talvez dois anos.

A parte de estudos do projeto deu-lhe direito a um certificado, mas não tem qualquer credibilidade, o entrevistado acha que agora existem outros projetos que fornecem um diploma credível, talvez de bacharel.

O entrevistado diz que na parte da angariação de fundos fazia parte do trabalho deles encontrar mais pessoas para participar no programa e que existem várias organizações que estão

ligadas e que a organização principal tem base na Dinamarca. Disse que no início do programa o grupo dele era de 16 pessoas e que depois só 7 é que ficaram o que dificultava ainda mais o processo porque depois tinham que cobrir a angariação de fundos dos outros que tinham desistido.

O entrevistado comentou como durante alguns dos cursos havia voluntários de outras escolas que vinham ter formação com eles e que cerca de 200 pessoas estavam a frequentar aquele programa na altura do entrevistado e que algumas pessoas estavam a gostar do programa.

Mas considerando isso e depois o projeto em que trabalhou na Índia tem sentimentos mistos porque por um lado sentiu-se explorado no início, mas depois gostou de se ter voluntariado na Índia, diz que foi o que o satisfaz mais. Acha que se for um jovem que tenha tempo, se calhar poderá fazê-lo e tirar mais proveito, pois tudo é experiência.

O entrevistado acha que fez a sua contribuição na Índia, quando compara com os outros projetos, acha que o projeto em que trabalhou era bastante ativo e isso o satisfaz. Diz que infelizmente o tempo não é muito para tudo o que se gostaria de fazer, mas acha que deu o seu melhor e que algo permanecerá.

Não tem como hábito voluntariar-se na própria comunidade.

O entrevistado tem uma memória longínqua do que era o serviço de voluntariado durante o regime comunista. De acordo com aquilo que se lembra, na altura as pessoas tinham de trabalhar um dia a mais num mês na fábrica onde trabalhavam sem ser pagos. Mas que costumava ver os pais a ajudar seja quem fosse, com o que pudessem. Diz que as gerações mais novas já não sabem o que isso é e não associam uma conotação negativa ao voluntariado. O entrevistado considera também que apesar disso acha que os jovens na região não têm como hábito ajudar os outros, considera-os ‘estragados’, por ainda viverem na euforia do sentido de liberdade falsa que vem do Oeste. Diz que os voluntários da Europa de Leste que participam neste programa estão lá porque querem viajar, não tanto porque querem ajudar.

O entrevistado na altura da entrevista estava a preparar-se para viajar para a Rússia, espera encontrar um emprego, mas também tem planos de se voluntariar, se tudo correr como espera. Sentiu uma lacuna bastante grande quando esteve mais de um ano a trabalhar naquele programa e quando o terminou tinha gasto todas as suas poupanças. Então diz que desta vez quer ver se equilibra melhor um emprego que lhe dê um ordenado antes de se voluntariar outra vez para não se encontrar na mesma situação. Concluiu que seria irónico ir-se voluntariar tão longe e por

tanto tempo para voltar e ser ele próprio o recetor de voluntariado, não ter dinheiro para comer, nem onde dormir.

O entrevistado diz que existem Europeus de Leste que se voluntariam, mas não são muitos, que não é algo comum e que muitos desconhecem os programas de voluntariado.

O entrevistado voltaria a voluntariar-se mas teria muito cuidado e uma vez que já o fez e sabe como as coisas são, acha que o faria por si só, não se agregava a nenhuma organização, apenas no local ou até criar o próprio projeto de voluntariado. Conhece algumas pessoas que colocam os projetos em certos *sites* para angariar fundos e que faria o mesmo. Disse que conhece uma pessoa que angariava fundos nas ruas de Oslo, introduzia o projeto às pessoas e pedia dinheiro. O entrevistado diz que conseguiu angariar o dinheiro para o projeto e que agora está em África a executá-lo. O entrevistado se fizer um projeto próprio ainda não tem ideia onde seria, diz que em todo o lado há pessoas com necessidades e até lhe perguntaram porque é que não ficou na Bulgária e ajudou alguém na terra natal onde também há sem-abrigo e ele disse que quer ajudar mas também quer viajar, que existem outras pessoas que virão de outros sítios ajudar na Bulgária, então o entrevistado prefere juntar o útil ao agradável. “E gostaria imenso de ir talvez ao Nepal, talvez outra vez à Índia, à China, a África, a todo o lado, claro que parece ser um pouco estúpido, em vez de ficares e ajudares o teu próprio país, porque quando é o teu próprio país fazes da maneira como queres, e supostamente irás pôr mais energia no projeto e o fazeres melhor, vais para outro lugar e esperas que alguém venha fazer o teu trabalho aqui” diz que nesta situação pensa-se em si próprio, quer-se ajudar mas também se quer viajar, não se é devotado apenas a ajudar, também se quer visitar aqui e ali.

Diz que as pessoas são preguiçosas em todo o lado e contou que quando estava a trabalhar com os sem-abrigo na Índia numa favela, estavam a limpar as poças de água para não ganhar mosquitos por causa da malária e da febre do dengue. Então, prometeram aos indianos que se os ajudassem iriam jogar uns jogos e os indianos ainda os ajudaram a fazer o trabalho por uns 10 minutos, mas depois sentaram-se debaixo das árvores e disseram que estava demasiado calor para continuar. O entrevistado perguntou-lhes se eles achavam que o calor também não o afetava a ele. O entrevistado teve que continuar o trabalho que eles próprios, para o seu próprio benefício não o fizeram. Escusado será dizer que não houve jogos depois de terminar. O entrevistado ficou bastante desanimado porque numa área de 100 metros quadrados se fossem bastantes podia ser terminado em muito menos tempo.



A sugestão que o entrevistado faz a futuros voluntários é que estes tentem entrar em contacto com várias pessoas (2 ou 3) que já se voluntariaram nessa organização, mas depois de terem terminado o serviço, não durante. Embora ache que seja difícil saber se a pessoa realmente já não está lá a voluntariar-se. Diz que muitas destas organizações se transformam em empresas e os empregados têm que ser leais à empresa mesmo que exista algo que não gostem sobre a empresa. O entrevistado concluiu que antes de se voluntariar com alguma organização se deve investigar bem a organização primeiro.

Em relação à organização com quem se voluntariou, o entrevistado enviou um *site* sobre diretor de uma organização afiliada à organização com a qual se voluntariou estar a ser procurado pela Interpol por fraude relacionada com extravio de dinheiros <sup>20</sup>.

### **Entrevistado 16 (37, Egito)**

O entrevistado voluntariou-se pela primeira vez numa plantação tipo *WWOOFing* em França em 2012 durante 10 dias e depois voluntariou-se para ajudar a pintar uma casa na Alemanha em 2013 durante 3 dias. O entrevistado encontrou as oportunidades através do *couchsurfing* e ambos foram projetos pessoais, na altura estava a viajar na Europa e aproveitou para fazê-lo como parte da sua viagem.

O entrevistado comentou como a seleção foi muito simples para ele porque diz que gosta de conhecer pessoas, aprender algo de novo e aproveitar o tempo, ter um sítio para dormir e alimentação. A parte mais difícil foi a viagem, geralmente estes projetos não estão numa cidade grande e torna-se complicado lá chegar.

As motivações que o levaram a tomar parte foi para conhecer pessoas novas, fazer coisas novas e aproveitar algum tempo fora da rotina.

---

<sup>20</sup> 'Wanted by Interpol – Amdi Petersen, founder of Humana People to People, Planet Aid and USAgain', *Tvindalert*, disponível em <http://tvindalert.com/>, consultado a 21 de Agosto de 2014.

Não é claro até que ponto é que as organizações estão envolvidas, mas tendo como base o relato do entrevistado, a organização tem uma posição menos correta perante os voluntários por omissão de tudo aquilo que esperam dos voluntários.

De acordo com o que pudemos apurar esta organização e as suas filiais têm programas de estudo e de voluntariado. Os preços são bastante elevados para quem paga, por outro lado recrutam elementos de países que não têm possibilidades económicas para estes fazerem a angariação de fundos e tentarem encontrar elementos que paguem as taxas elevadas. Existem vários nomes de organizações que estão interligadas: *Humana*, *DRH Movement*, *One World Institute*, *One World Center*, entre outras.

As expectativas do entrevistado eram baixas, apenas esperava ter um sítio para dormir e alimentação, mas ambas tornaram-se experiências muito melhores do que esperava, havia muitas coisas que podiam fazer para se divertirem.

O entrevistado acha que as motivações das pessoas eram diferentes, que “cada pessoa tinha a sua história”, alguns gostavam do trabalho, outros gostam de ajudar, outros tinham tempo disponível e queriam fazer bom uso dele.

Na comunidade onde reside é membro da diretoria de uma organização sem fins lucrativos – *El-Sadat*<sup>21</sup> – que desenvolve projetos em várias áreas da comunidade, tais como o empoderamento das mulheres, educam mulheres, dão-lhes assistência na procura de emprego, assistem com as crianças, assistência à procura do primeiro emprego a jovens, projetos de educação para crianças, e muitos mais. O entrevistado diz que já está com a organização durante 10 anos. Também recebem voluntários nacionais e internacionais na organização.

O entrevistado encontra-se em Berlim e está a planear ajudar uma pessoa que necessita de assistência numa investigação que está a fazer, em que o entrevistado o ajudará a traduzir uns documentos de árabe para o Inglês durante 10 dias, diz que sempre que tem a oportunidade voluntaria-se internacionalmente como parte da sua viagem.

O entrevistado considera que quanto mais educadas são as pessoas mais têm a curiosidade de serem educadas sobre a vida e outras culturas e mais se vêm pessoas a quererem voluntariar-se. Acha que o aumento do nível de educação das pessoas aumenta também o nível de pessoas que se voluntariam. Outra coisa que acha que faz com que haja um aumento de pessoas a voluntariar-se é o facto de haver o aumento do nível de responsabilidade social, o sentido de se ser responsável pela comunidade e pelos outros. “Nós partilhamos o planeta juntos, partilhamos muitas coisas juntos, partilhamos o meio ambiente juntos, então este tipo de responsabilidade das coisas que partilhamos trás mais responsabilidade e querer bem uns aos outros, então partilhamos essa intenção de querer bem uns aos outros, e quando queremos bem uns aos outros, damos apoio uns aos outros e esse apoio pode ser dado ao nos voluntariarmos.”

Desconhece as críticas ao volunturismo e acha que o voluntariado é como utopia, alguém vir ajudar. Mas ele comentou que existe uma teoria de conspiração no Egito sobre pessoas que vêm de fora ajudar talvez sejam espiões que vêm procurar informação, mas isso não afeta o processo de voluntariado.

---

<sup>21</sup> *El-Sadat Association for Social Development & Welfare*, disponível em <http://www.el-sadat.org/>, consultado a 21 de Agosto de 2014.

O entrevistado diz que o que aprendeu de mais precioso foi que diferentes culturas expressam os sentimentos da mesma maneira. Diz que estava com um amigo Grego a contar piadas e chegou à conclusão que no seu país têm as mesmas piadas, piadas que o entrevistado pensava que eram piadas locais Egípcias. Isso foi o que aprendeu com as diferentes culturas, que existem muitas coisas em comum.

O entrevistado sugere que mais organizações deveriam abrir as portas a voluntários para que mais voluntários se envolvam nas organizações. Sugere aos voluntários para ter seriedade no serviço que oferecem, não é pelo facto de serem voluntários que devem deixar de ter as suas responsabilidades no serviço, que se deve cumprir o voluntariado como se cumpriria um emprego. Para que as organizações mantenham as portas abertas aos voluntários, acha que os voluntários devem apoiar e preservar esse direito.

#### **Entrevistada 17 (52, Itália)**

A entrevistada está a trabalhar desde novembro de 2012 em Jipijapa, no Equador a impulsionar o turismo comunitário e também a apoiar a organização *Proturisco* com tudo o que necessita, como assessoria, elaboração de projetos, melhorar a administração da organização e no apoio à implementação do turismo comunitário. Apesar de só estar a trabalhar com o turismo desde 2012 tem acompanhado a organização desde 2001. Em 2000 estava no Equador a trabalhar noutra organização, mas quando teve problemas com essa organização deixou de colaborar com eles e foi quando ao procurar outra organização encontrou uma organização nacional em Quito que apoiava várias organizações regionais. Propuseram-lhe que trabalhasse com as diferentes organizações ao que respondeu que não lhe interessava trabalhar com a capital a apoiar várias organizações, mas apenas queria trabalhar com uma organização. Foi assim que começou a trabalhar em Jipijapa que no início tinha um programa de saúde comunitária e um programa de elaboração de um plano de desenvolvimento local e esse plano de desenvolvimento local é o que ainda usam para desenvolver as linhas de ação e de trabalho da organização.

Na Bélgica, a entrevistada tinha uma organização de desenvolvimento e cooperação internacional que apoiava vários países, vários projetos e a entrevistada queria viver no país que estavam a apoiar, para melhor compreenderem a realidade local das necessidades e para melhor procurar o apoio da Bélgica, o que o fez entre 1998 a 2001. Voltou à Bélgica, mas cansou-se de lá estar e também considerando o apoio da Bélgica que era muito débil, preferiu

trabalhar diretamente no Equador. Além disso tinha conseguido um fundo para apoiar o turismo comunitário e era necessário que a entrevistada estivesse a executar o projeto porque a parte financeira era muito complicada. Do que pediram só receberam 25% e não lhes pagavam se não executassem o projeto. Por também não existir muita perícia em turismo comunitário, chegaram ao local e tiveram que inventar um pouca a metodologia e como a inserir na comunidade local. Dizem que estão a avançar com apenas “duas penas” mas estão a avançar. Há ano e meio que o estão a fazer e já mudaram a visão do turismo perante as autoridades locais, conseguiram mudar algumas leis locais para que se apoie e respeite mais o turismo comunitário.

A organização também recebe voluntários, de momento têm um voluntário que iniciou a sua atividade em abril e termina no final do mês de agosto. Costumam receber cerca de 3 a 4 voluntário por ano, geralmente da Bélgica, da França e da Alemanha, que ficam entre 2 semanas a 5 meses. Analisam as competências dos voluntários e avaliam onde as podem usar, diz que quando os voluntários têm muita experiência não se importam de os receber por apenas 2 semanas pois sabem que nesse tempo os vão apoiar muito, no entanto, quando isso não acontece pedem aos voluntários para ficar mais tempo para poderem conseguir retirar uma contribuição benéfica do voluntário. Os voluntários geralmente encontram a organização através da página de *facebook*, da página *web*, do *couchsurfing* e das organizações na Bélgica.

A entrevistada não tinha grandes expectativas, queria viver e compreender a realidade local, talvez tivesse a expectativa que as coisas fossem mais fáceis, mas a realidade atual no Equador é diferente do que quando foi para o Equador a primeira vez. Parece-lhe que anteriormente era mais fácil e que agora com o governo atual os processos administrativos são mais complicados e isso complica muito as coisas. Diz que antes se podia receber apoio de fundações, agora não é permitido, o governo diz que apoia, mas na realidade nunca se viu qualquer apoio financeiro do governo. No plano estratégico do governo mencionam apoio ao turismo comunitário, mas quando se vai às instituições, não há nada. O país está a iniciar uma altura de crise pelo governo não ter fundos, então a entrevistada não compreende como vão executar o seu plano estratégico, para as comunidades cada vez há menos e menos e o controlo do estado limita o apoio das fundações e das organizações. O que as organizações estão a considerar é tornar-se empresas para poder receber fundos de apoio e serem mais lucrativas para atingir os fins a que se propõem. É o câmbio que estão a pensar fazer, mas é complicado porque as organizações sempre trabalharam a parte social, nunca se dedicaram à parte comercial, então isso dificulta o processo por não terem as competências para esse câmbio de

organização social para organização comercial. As leis atuais do Equador estão a obrigá-los a fazê-lo porque não permitem às organizações sem fins lucrativos ter qualquer tipo de atividade comercial para angariar fundos, pelo que os obrigam a converter-se em empresa companhia ou empresa solidária.

A parte financeira e administrativa é gerida pela entrevistada e os outros membros da sua equipa, mas apoiam o empoderamento das comunidades para que controlem a gestão do turismo da sua comunidade. O que fazem é facilitar o processo, fazem todos os contactos internacionais e nacionais de promoção do turismo, contactos com agências de viagens. A entrevistada queria ver como se podia capacitar mais as pessoas da comunidade para que assumam a sua própria comercialização, estão a ver quem os apoia em termos de capacitação e estão a fazer uma rede de turismo comunitário da zona.

A entrevistada não tem planos de fazer voluntariado noutros países nem noutras organizações, acha que ainda há muito a fazer onde está.

Apesar da entrevistada não estar a par do termo volunturismo o que estão a propor na região é um turismo de imersão comunitária e organizam o *tour* para que os turistas vivam com as famílias no campo e aí compartilhem as atividades quotidianas da família. Começam a verificar que isso tem tido muito interesse porque as pessoas querem conhecer outra cultura, que se pode integrar nesse conceito de volunturismo, pois ficam com a família, vão ajudar a apanhar o café e o milho, a construir as suas casas, mas aí é turismo porque quem o faz indemniza a família, paga o alojamento e a comida. A entrevistada considera que as pessoas se interessam por este tipo de relação que não é tão comercial nem tão organizado.

As comunidades gostam de receber este tipo de turistas e diz que há uma comunidade que já recebeu dois turistas desta maneira e mostraram interesse pela relação com os turistas e isso permite-lhes também praticar outro idioma, o que também lhes interessa. Adicionou que quando recebem um turista mais jovem tentam acomodar o turista onde exista outros jovens na mesma faixa etária.

Para poder ter este tipo de turismo comunitário têm que conseguir uma licença de funcionamento e para isso cada membro da comunidade tem que ter recebido 40 horas de capacitação em turismo, que tiveram que organizar com a universidade. Mas o ministério de turismo não reconhece essas capacitações porque dizem que tem que ser o governo a dar as capacitações, no entanto quando há dois anos lhes pediram as capacitações o governo respondeu que não tem dinheiro para isso. O governo não facilita e quando se tenta encontrar apoio fora

do país o governo controla esses processos, pelo que as organizações não podem ter relações diretas com um financiador por causa do controlo do estado.

### **Entrevistada 18 (23, França)**

A entrevistada teve até ao momento 3 experiências de voluntariado internacional. A primeira experiência foi em 2012 quando se voluntariou na Zâmbia, em África por 3 meses. Na altura a entrevistada estava a viver na Inglaterra e foi aí que se candidatou ao programa com uma organização chamada *International Citizen Service* que tinha programas de voluntariado gratuito para jovens num país em desenvolvimento. A entrevistada queria ir para um país diferente e ter uma experiência diferente, então acha que a sua maior motivação seria pessoal, queria uma mudança, ir para um país bem longe. Através deste serviço, inscreveu-se numa organização chamada *Restless Development*, que após uma entrevista, foi aceite. A entrevistada comentou como a organização é que decide para onde os voluntários vão, apesar dos voluntários poderem dar a sua preferência. A entrevistada expressou o seu interesse em ir para África e então foi-lhe atribuído a Zâmbia. Eram um grupo de 20 voluntários e quando chegaram havia também 20 voluntários locais o que totalizava 40 voluntários. Durante os primeiros 10 dias tiveram formação sobre o país, o que esperavam dos voluntário e como seria, depois foram divididos em 10 grupos de 4 voluntários e no fim dos 10 dias de formação cada grupo ia para uma aldeia e ficava lá durante 3 meses a fazer trabalho voluntário. A entrevistada foi para uma vila com uma rapariga inglesa e duas voluntárias locais. Tiveram vários problemas de comunicação pois na aldeia falava-se um dialeto diferente e tanto as voluntárias de fora como as voluntárias locais não conseguiam comunicar com as pessoas da aldeia, só através de uma enfermeira que às vezes fazia a tradução. A entrevistada acha que a formação não foi suficiente para o que lhes pediram para fazer e apesar dos organizadores do projeto terem pensado em haver pessoas para as orientarem, não consideraram as barreiras de comunicação. Elas costumavam trabalhar aos pares, a rapariga britânica com uma rapariga local foram trabalhar na escola para dar aulas sobre sexualidade, VIH, puberdade a diferentes idades, e naturalmente que a maneira como o faziam era através de jogos e atividades de grupo. A entrevistada e a outra rapariga local estavam numa clínica para falar sobre planeamento familiar e a transmissão do VIH de mãe para filho. A entrevistada acha que não fazia sentido porque quando explicavam ninguém compreendia o que diziam então tinham que ter uma enfermeira lá para traduzir, mas achava que a enfermeira era muito mais qualificada do que as voluntárias para falar desses

assuntos, pelo que a entrevistada não compreende para que precisavam das voluntárias para o fazer. A entrevistada achava que isso era bastante estranho, achava que elas eram completamente inúteis comparadas com a enfermeira. Depois era suposto formarem um grupo de jovens e ensinar-lhes sobre o empreendedorismo e educação sexual, mas era difícil coordenar os jovens, não falavam a língua e se não estão na escola é porque têm uma criança e têm que tomar conta dela ou estão no campo a trabalhar e não tinham tempo para gastar em ir às palestras que preparavam. A entrevistada tomou a liberdade de entrar em contacto com uma escola que a aldeia tinha onde havia pessoas a dar aulas diferentes e começou a ajudá-los a montar um laboratório de imprensa e um jornal. Dava também algumas aulas de empreendedorismo mas era algo que não estava muito à vontade em fazê-lo porque não tinha muito conhecimento. A entrevistada achou que este programa não fazia qualquer sentido, acha que eles queriam era participantes, quaisquer participantes, por essa razão não se preocupavam sobre que tipo de educação tinham. Se tivessem pedido ao grupo de voluntários para ensinar Inglês era algo que todos seriam capazes de fazer, mas não o fizeram. Achou que estava a ser inútil e que os estava a enganar, porque o dinheiro que tinha custado enviar os voluntários à Zâmbia, esse tipo de dinheiro poderia ter ajudado mais a aldeia se tivessem empregado um especialista em desenvolvimento durante dois anos e além disso criava um emprego em vez de irem as voluntárias para lá fazer atividades que não funcionam. Era suposto continuarem o trabalho dos outros voluntários, mas não sabiam o que os outros voluntários tinham feito, não conheciam a cultura e havia muitas barreiras culturais e comunicacionais. Diz que demorou cerca de 3 meses para compreenderem melhor a cultura e como as coisas funcionavam, mas nessa altura já estavam prontos para ir embora. A entrevistada acha que a intenção do programa era bom, mas a maneira como estava projetado não era realista, portanto a entrevistada acha que o governo britânico não devia continuar a financiar este programa se continuar desta maneira. A entrevistada enquanto estava na Zâmbia esteve em contacto com alguns voluntários *Peace Corps* e considera que eles estão muito melhor preparados, todos têm educação, a seleção é feita durante mais tempo e têm formação de três meses, inclusive formação da língua e não os deixam ir para uma aldeia remota se não tiverem as mínimas apetências linguísticas. Além disso, quando são colocados têm uma família a orientá-los. Acha que eles não eram tão ativos porque tinham mais tempo para poder fazer tudo a que se propunham fazer, mas a maneira em como estavam integrados na comunidade fazia mais sentido. Acha que o programa do serviço *Peace Corps* era melhor do que aquele que ela própria estava a fazer.

A entrevistada ajudou o grupo de jovens a criar o jornal, mas quando o primeiro número saiu já estava de volta à Europa, mas sabe que pelo menos durante 1 ano eles imprimiram o jornal, o que acha que foi a única coisa positiva saiu deste projeto.

Acha que as coisas são mais complicadas do que as pessoas pensam, como na mentalidade europeia em que pensam que se querem que as pessoas usem o preservativo basta lhes dar o preservativo, mas é mais complicado do que isso. Por exemplo, uma mulher casada não pode pedir ao marido para usar o preservativo ou ele vai pensar que a mulher o anda a trair e diz que esta mentalidade é muito forte. É muito difícil explicar isto às pessoas e não se pode esperar uma mudança do dia para a noite. Talvez alguém com maior conhecimento da cultura e do país poderia ter mais impacto nas comunidades, a entrevistada acha que o grupo de voluntários eram demasiado novos e não conheciam as implicações culturais para o fazer.

A entrevistada acha que para ela foi muito bom ter esta experiência para o seu próprio desenvolvimento pessoal porque aprendeu sobre muitas coisas e sobre os seus próprios limites. Acha que esta experiência a fez aceitar que existem algumas coisas que não podem ser mudadas “e que muitas coisas são culturais e que as pessoas foram educadas nisto e isso, de certa maneira, faz-te questionar os teus próprios valores, talvez aquilo que te foi ensinado em criança pode não ser necessariamente verdade, então tornas-te mais flexível e mais aberta e ficas mais disposta a mudar e a experimentar coisas novas porque nesse momento apercebes-te que talvez não é aquilo que pensas que é”.

Quando a entrevistada voltou para Inglaterra achou que havia uma grande lacuna entre ela e os seus amigos, de repente achou que era uma coisa incrível ter um frigorífico, tinha vivido numa casa sem eletricidade, nem águas durante três meses, não havia quase nenhuma mobília. Tinham que fazer uma fogueira e fazer tudo à mão, então quando voltou para a Inglaterra achou que tinham tantas coisas e também teve a sensação que tudo era tão rápido à sua volta. Acha que alguns dos seus amigos não compreendiam isso, mas depois também não ficou muito mais tempo na Inglaterra e voltou para França.

Acha que foi muito interessante viver numa cultura diferente mas acha que os voluntários não ofereceram tanto quanto deveriam, espera que não tenham prejudicado com a sua presença, pois afinal, também tiveram a oportunidade de conhecer os voluntários e aprender sobre uma outra cultura, mas considera que a comunidade local não recebeu muito da presença dos voluntários, porque acha que aquilo que eles tinham para dar não era aquilo que eles precisavam.



Em 2013, a entrevistada voluntariou-se em Israel e nesse programa aquilo que foi explicado no papel sobre o programa era exatamente aquilo que os esperava em Israel, adiciona que neste programa não estavam a tentar aparentar nada. A entrevistada teve que pagar a viagem até ao país, depois foi tudo gratuito. A entrevistada soube sobre o programa através de um voluntário, em que basicamente os voluntários poderiam voluntariar-se num *kibutz* entre 3 a 9 meses, dependendo de quantas vezes queriam renovar o visto. A entrevistada ficou 3 meses, trabalhava entre 6 a 8 horas por dia e em troca recebia comida e estadia gratuita. Vivia com outros voluntários de todas as partes do mundo e pôde descobrir o país, diz que é como umas férias de voluntariado.

A entrevistada acha que é um programa honesto, pois existe uma troca justa. Os voluntários têm grandes vantagens em ir porque é barato viver e os locais gostam de receber os voluntários. As atividades em que cada voluntário participa depende da escolha do *kibutz*. O processo passa pela inscrição, enviar o pedido de visto e assim que o visto é aceite o entrevistado pode marcar o voo. Quando chega a Israel, o voluntário apresenta-se no escritório do programa que se chama *Kibbutz Program Center* e aí eles veem onde têm espaço e para quais *kibutz* podem ir. O voluntário pode escolher entre ir para o Norte ou para o Sul, para uma localidade grande ou pequena. A entrevistada foi para o Norte de Israel, perto do Líbano e o *kibutz* onde a entrevistada se voluntariou era bastante grande, tinha várias áreas em que podia trabalhar.

Durante a primeira semana a entrevistada trabalhou em vários sítios e depois escolheu trabalhar na cozinha. Trabalhava entre as 6h da manhã e às 2-3h da tarde, com intervalos. Havia cerca de 5 voluntários na cozinha a ajudar o cozinheiro. Via-se que no *kibutz* tinham muita experiência a receber voluntários. Quando a voluntária chegou ao *kibutz* o voluntário com que ela iria partilhar o quarto estava à sua espera. No dia seguinte foi ao escritório onde lhe foram explicadas todas as regras, quantas folgas tinha, as viagens que iam ser feitas, era tudo muito claro. No dia seguinte esteve de folga e depois começou a trabalhar. Acha que o sistema funcionava muito bem. No *kibutz* onde a entrevistada ficou era suposto receberem entre 30 a 50 voluntários, dependendo da altura do ano e as nacionalidades mais presentes eram dos países escandinavos, Coreia, África do Sul e América do Sul.

A entrevistada diz que teve a oportunidade de ir à Palestina, mas que teve que dizer que queria ir ver os sítios cristãos para não lhe fazerem muitas perguntas. Conta que quando atravessou a fronteira lhe revistaram a mala e encontraram um *pin* que tinha uma bandeira da palestina e questionaram-na sobre isso. Diz também que é comum os guardas na fronteira

abrirem os computadores aos turistas e inspecionar os ficheiros e os *emails*, por isso decidiu não levar o seu computador pessoal.

Depois da entrevista a entrevistada enviou um ficheiro sobre breves detalhes estatísticos do projeto do *kibutz* que declarava ter recebido 1035 voluntários de 45 países em 36 *kibutzes* diferentes durante 2013. O mesmo documento mostrava que as cinco nacionalidades com o maior número de voluntários, por ordem decrescente, eram: a Coreia do Sul (com cerca de 150), Alemanha, África do Sul, Estados Unidos da América e Índia (com cerca de 70 voluntários).

A entrevistada gostaria de ter ficado em Israel mais tempo mas foi aceite para o programa de *EVS – European Voluntary Service* e teve que voltar à Europa para poder juntar-se ao programa uma semana mais tarde.

A entrevistada começou o projeto de *EVS* em agosto de 2013 durante 10 meses. O procedimento de candidatura é bastante longo e o programa é bastante específico. O voluntário tem que passar pela organização que envia o voluntário e a organização que recebe o voluntário, depois tiveram uma reunião onde a entrevistada teve a oportunidade de ver uma lista de todos os projetos disponíveis com os contactos e as descrições dos projetos. A entrevistada estava interessada em ir para os países da Escandinávia então recolheu informação de projetos e enviou *emails*. Tentou procurar projetos relacionados com a sua educação audiovisual, estava interessada em fazer algo criativo. Entre os projetos para onde enviou a candidatura um projeto na Dinamarca respondeu a dizer que tinha sido selecionada, isso aconteceu mesmo antes da entrevistada ir para Israel. O voluntariado era num liceu e na informação de projeto a descrição dizia que o voluntário faria atividades com estudantes, documentando a vida da escola, mas que era livre para poder criar algo novo. Na sua mente pensou que iria poder fazer um *workshop* audiovisual, mas quando chegou descobriu que a descrição do programa já tinha 3 anos e aquilo que necessitavam dela era algo diferente, não era para trabalhar com os estudantes, mas tirar fotografias e vídeos para promover a escola. A entrevistada ficou muito desanimada porque não era isso que queria fazer, especialmente depois da experiência que teve em Israel. Não sentiu uma boa ligação com o mentor do projeto, o que tornou o primeiro mês bastante difícil de suportar, só queria ir embora. Com a entrevistada havia apenas mais uma voluntária de Espanha no mesmo projeto, mas nas formações que teve conheceu todos os 18 voluntários *EVS* que estavam na região. Explicou que durante o programa *EVS* há 2 formações no país de acolhimento sobre diferenças culturais, sobre a Dinamarca, como lidar com os Dinamarqueses e como lidar com os problemas dos próprios voluntários e com o choque cultural. Foi na

formação, que chegou à conclusão que talvez o problema de integração tivesse a ver com ela própria e não com o projeto e descobriu que estava a passar por um choque cultural devido à experiência que tinha tido anteriormente e de repente estar noutro país. A entrevistada pensou que talvez pudesse ainda ter um impacto e fazer o seu melhor para que funcionasse e foi assim que decidiu ficar. A entrevistada acha que o que tornou a sua integração inicial tão difícil foi o facto de não conseguir fazer ligações mais próximas com os Dinamarqueses e só ter uma voluntária Espanhola com ela, em contraste com a experiência que tinha tido em Israel em que era tão fácil fazer amizades com os voluntários e com os locais. Na Dinamarca precisou de 3 meses até se poder integrar e sentir que tinha criado amizades. Diz que também foi complicado ajustar-se ao modo de fazer as coisas. Tinham liberdade para fazer certas coisas, mas era constrangedor estar sempre a perguntar “posso fazer isto ou aquilo” e no início foi complicado ajustarem-se à situação. Decidiram fazer um blog para a escola e acha que depois do Natal, tudo se tornou mais fácil, já se tinham adaptado a uma rotina e o pessoal da escola também já sabia o que elas estavam a fazer e já confiavam mais nelas para o fazer.

A entrevistada já terminou o programa há dois meses e decidiu ficar na Dinamarca mais algum tempo, esteve a trabalhar num trabalho de verão e agora voltou à escola onde se voluntariou e talvez continue a trabalhar com a escola, fora do programa.

Na primeira experiência de voluntariado a entrevistada tinha razões pessoais para o fazer, na segunda experiência a entrevistada não queria ficar na França durante muito tempo e como tinha disponibilidade achou que era a altura certa para fazer a experiência Israelita, queria conhecer pessoas e visitar o país. Na experiência *EVS* tinha mais razões profissionais e achou que poderia contribuir com algo, achou que poderia retirar algo das suas próprias competências, queria passar algum tempo noutro país e talvez ficar nesse país por mais tempo.

Quando a entrevistada se candidatou ao programa *EVS* podia escolher entre os países Europeus, Europa de Leste e os países Mediterrânicos no norte de África, mas agora o programa mudou para integrar no programa *Erasmus+* e abriram o programa a outros continentes, mas a entrevistada não sabe ao certo a abrangência do programa em termos geográficos.

A entrevistada tem algumas sugestões sobre como melhorar a experiência *EVS* mas considera que é complicado ter um programa que se adapte a todos. Levando isso em consideração acha que seria útil ter a formação sobre diferenças culturais antes do voluntário chegar ao país de acolhimento e talvez também iniciar a formação na língua antes. A entrevistada acha que também seria benéfico para a organização de acolhimento ter formação

sobre o tipo de problemas e dificuldades que os voluntários possam ter durante a adaptação ao país de acolhimento.

A entrevistada acha que os outros voluntários tinham motivações diferentes das suas, em África a rapariga que se estava a voluntariar com ela tinha estudado política e acha que ela pensou que isso fosse lógico fazer para a sua carreira profissional. Os voluntários que estavam com ela em Israel tinham outras motivações, em geral acha que as pessoas têm um momento nas suas vidas em que precisam de uma mudança, de um intervalo daquilo que estão a fazer, quer seja estudar, trabalhar ou o fim de um relacionamento e querem sair do seu ambiente por algum tempo e estar em algum lado novo para começar de novo e talvez encontrar uma nova solução. A rapariga Espanhola com quem a entrevistada se voluntariou na Dinamarca não estava a conseguir encontrar emprego durante o último ano e achou que ao ir para a Dinamarca conseguiria melhorar o Inglês e estaria a fazer algo que poderia depois ajudá-la a encontrar emprego quando voltasse. A entrevistada reparou que existiam bastantes Espanhóis a fazer *EVS* porque não encontravam emprego.

Por enquanto, a entrevistada gostaria de se estabelecer algures e encontrar emprego e ganhar alguma estabilidade antes de poder viajar outra vez. Idealmente seria ótimo se conseguisse encontrar um emprego que lhe permitisse viajar. A entrevistada não se vê a ter um emprego estável num sítio e depois viajar durante o mês de férias e voluntariar-se porque gosta de viajar durante mais tempo.

A entrevistada não tinha como hábito voluntariar-se em França, e curiosamente quando disse à sua prima que se iria voluntariar em África a prima disse-lhe que nunca a tinha visto como alguém tão inclinada a algo desse género. Mas agora que se voluntariou internacionalmente vai tentar fazê-lo nas comunidades onde está integrada e até pensou em contactar a organização *EVS* para lhes dizer que ainda está na Dinamarca e que estaria disponível para falar com novos voluntários e partilhar a sua experiência. Acha que é algo importante, que depois de se voluntariar é algo que está sempre a surgir e diz que também tiver a oportunidade de poder ter voluntários internacionais quando estiver a trabalhar, faria questão de os receber.

A entrevistada diz que na Dinamarca o voluntariado internacional é muito popular que é normal depois de fazer 18 anos ir para África ajudar crianças, mas acha que é algo diferente, acha que a razão é o facto de ser 'fixe'. "É fixe ir a um sítio muito diferente e isso mostra que se é tão aberto, então eu acho que quando se é muito novo talvez seja essa a razão pela qual se

faz isso, (...) é como quando toda a gente andava a viajar com a mochila às costas nos anos 80, agora isso não é o suficiente, também tens que mostrar que és alguém tão humano e tão aberto e também isso dá-te tantas fotografias porreiras no *Facebook*, não é? Eu acho que existe muito ego nisto e eu acho que nós na Europa ainda acreditamos que as pessoas em África são indefesos e precisam que nós os vamos lá salvar, o que é completamente errado. Eu acho que nós devemos simplesmente pensar que eles têm uma cultura própria diferente e sim, são um povo em desenvolvimento, e sim podemos ajudar-nos uns aos outros, mas não podemos ir lá e dizer-lhes o que devem fazer. Devemos ir e perguntar, o que precisam? Como posso ajudar? E depois ver o que podemos fazer uns com os outros, mas não podemos ir lá mandar neles, é muito condescendente, mas também eu acho que também é a falta de informação, as pessoas não conhecem muito destes povos, acham-nos exóticos...”

A entrevistada acha que as pessoas são motivadas para se voluntariar porque não querem apenas ser turistas. A entrevistada também acha que talvez se os programas em África forem idênticos ao que participou não têm um grande impacto e talvez até sejam prejudiciais à comunidade. Acha que talvez os programas devessem ser mais semelhantes ao programa *Peace Corps*. Pode ser um programa bem intencionado mas não o sabem executar em condições. Existe a crença de “quero salvar o mundo, ajudar os pobres, sou uma boa pessoa”. Mas a entrevistada acredita que a base está sempre em motivos pessoais, não acredita que as pessoas vão apenas lideradas pelo altruísmo, esperam sempre receber algo em troca, por exemplo, a entrevistada admite que estava interessada em ver o que seria viver de uma maneira simples.

A entrevistada acha que algumas pessoas pensam que se forem turistas que irão sempre passar ao lado e talvez queiram passar o tempo num país mas não sabem como, então se calhar não podem trabalhar, mas podem voluntariar-se.

A entrevistada conhece algumas críticas ao volunturismo tais como: não provoca um grande impacto; não ajuda a população porque criam dependência; que é uma solução a curto tempo e não é sustentável; e que as pessoas que vão para lá não sabem nada. A entrevistada considera que algumas críticas são verdadeiras e outras não são. A entrevistada acha que é sempre bom ir a um país estrangeiro e fazer algo com eles. Concorde que provavelmente o que se faz não é sustentável, também concorda que as pessoas que vão são muito jovens, acabam de sair do secundário, não terão grande utilidade. Acha que se deve encontrar o programa certo, a altura ou a idade certa e a comunidade certa. Acha que por exemplo, enviar um grupo de jovens do Reino Unido para dar aulas de Inglês ou abrir um centro de apoio para depois das

aulas faria mais sentido pois podem assistir os jovens, sem ter que resolver os seus problemas, tais como o VIH e a educação sexual, porque é muito mais complicado e é necessário alguém com mais experiência. Talvez seja muito simples para alguém de fora pensar que é tão fácil resolver certos assuntos, mas isso é porque não se está dentro do problema. E também as populações não podem estar à espera dos voluntários para fazer tudo ou não se tornarão auto-suficientes.

A entrevistada partilhou que o momento mais incrível para ela foi quando um dia decidiu ir sozinha até à próxima cidade para ir ao mercado. Andavam sempre em grupo, foi a primeira vez que ia algures sozinha. Teve que ir a pé até à paragem de autocarro durante 30 minutos e depois apanhar o autocarro para chegar à cidade. Quando lá chegou teve uma sensação tão estranha de completa liberdade porque estava num sítio onde normalmente nunca teria ido sozinha e estava completamente fora da zona de conforto. Conta que foi uma sensação incrível, que as pessoas vinham ter com ela para falar porque não veem pessoas brancas todos os dias e que estavam curiosos. A entrevistada gostou desse tipo de inocência e acha que isso mostra que tudo pode ser tão simples e que no ocidente as pessoas tornam as coisas mais complicadas uns com os outros.

### **Entrevistado 19 (50, Austrália)**

Em 2013 o entrevistado viajou pela Tailândia durante 1 ano onde fez o curso *CELTA*. Após o curso soube de um projeto chamado *Hilltop Volunteers* no Norte da Tailândia que um indivíduo Tailandês, que tinha vivido vários anos na Austrália tinha desenvolvido para voltar a dar de volta às pessoas desprivilegiadas do seu país natal. No projeto, o entrevistado teve a oportunidade de ensinar Inglês e fazer várias atividades e jogos com as crianças durante o dia. No final do dia e durante a manhã, onde estavam hospedados havia outras crianças que não iam à escola, então desenvolveram algumas atividades e aulas para essas crianças. Teve também a oportunidade de cultivar uma pequena horta na escola para poder oferecer mais nutrição à alimentação das crianças. Esteve no projeto cerca de dois meses e diz que não era uma organização bem gerida, mas manteve-se em contacto com as pessoas da escola e visitou várias vezes a escola após o projeto ter terminado. A segunda experiência foi no Este da Tailândia durante um mês com umas pessoas que tinham muita experiência e que queriam começar a sua própria organização. Pediram ao entrevistado que trabalhasse com eles, mas apesar do entrevistado estar lá apenas de visita teve a oportunidade de dar aulas na escola local. Tinham

também outros projetos, um centro para tomar conta de crianças, tinham voluntários a ajudar nos hospitais em diversas atividades, um povoado de elefantes onde os voluntários recolhiam comida para alimentar os elefantes.

O entrevistado comentou que os voluntários que estavam a trabalhar no hospital eram estudantes de medicina e achava que eles tomavam parte em atividades que se estivessem na terra natal não lhes seria permitido fazer por ainda não estarem formados. Mas o entrevistado considera que a população geral da Tailândia não tem noção do que se deve fazer para cuidar de alguém que está a passar mal, coisas básicas como pôr uma compressa numa ferida. Conhecimento que nós, no mundo ocidental achamos que é supostamente um conhecimento geral, lá as pessoas não têm esse conhecimento básico e não sabem o que fazer perante uma situação de emergência. Por essa razão acha que qualquer pessoa com algum conhecimento de primeiros socorros poderá ajudar e fazer a diferença entre vida e morte em certas partes da Tailândia.

O entrevistado soube do primeiro projeto através do indivíduo local e depois encontrou a segunda organização internacional durante a viagem. Diz que, antes de sair da Austrália ainda não sabia que iria voluntariar-se, mas imaginou que o ia fazer.

O facto de ambas as organizações onde o entrevistado se voluntariou serem escolas tem a ver com o interesse do entrevistado em praticar a dar aulas após ter tirado o curso *CELTA* e gostou também de trabalhar a horta. Comenta que o que mais o impressionou foi ver as crianças sempre a ansiar a atenção dos voluntários. Acha que a parte da nutrição foi uma mais-valia para as crianças, mas a interação com as pessoas foi o que de mais valioso aquelas crianças receberam.

Após passar alguns meses na Tailândia apercebeu-se do nível baixo da língua inglesa que os próprios professores de inglês possuíam, em que ensinavam as crianças muitas coisas erradas e isso foi um pouco frustrante.

Na primeira experiência de voluntariado eram cerca de 10 a 12 voluntários, na segunda havia grupos de cerca de 20 voluntários que chegavam cada 3 semanas.

O entrevistado teve a oportunidade de interagir com muitos dos voluntários e comenta como a maior parte deles eram jovens estudantes ou jovens que terminaram os estudos. Acha que as suas motivações para viajar eram ver uma parte do mundo. O entrevistado acha também que ao irem com uma organização lhes dava alguma segurança, o facto de talvez poderem viajar com alguns amigos ou terem tido outros amigos que já teriam experimentado e recomendaram-

lhes o mesmo também poderá ter muito a ver, o entrevistado costumava ouvi-los comentar: “o meu amigo veio para aqui e gostou muito”.

O entrevistado considera que as comunidades receberam parte daquilo que necessitavam, acha que os pontos positivos são muito superiores a quaisquer pontos negativos que possam haver.

O entrevistado costumava voluntariar-se na sua comunidade local há uns anos atrás, ultimamente não o tem feito.

O entrevistado considera que a popularidade do volunturismo deve-se a “um desejo humano inato em querer algum tipo de reconhecimento e fazer algo para ajudar pessoas, então exploram um requisito humano de base (...) então se puderem encontrar uma entidade que lhes pode fornecer tudo isso de uma só vez e ainda possam divertir-se ao mesmo tempo, é simplesmente ideal”.

O entrevistado acha que uma fonte de crítica ao volunturismo poderá advir da própria instituição do turismo que desafia a sua posição de domínio na indústria. Considera que alguns comércios locais poderão sofrer com o fluxo de mão de obra qualificada, pressionando as pessoas locais para fora dos seus empregos. O entrevistado não presenciou nenhum destes fenómenos enquanto esteve na Tailândia, porque diz que era difícil receber uma reação autêntica, mas achava que havia alguns locais que se sentiam fora do lugar com ocidentais a entrar no seu país e de certa forma a desafiá-los, assim como acontecia com os professores de Inglês quando às vezes o entrevistado os corrigia.

O entrevistado pretende voluntariar-se internacionalmente outra vez, começou um projeto seu na Tailândia e irá voltar para continuá-lo, mas estaria aberto a ir voluntariar-se noutros países também.

O entrevistado aconselha os voluntários a terem mente aberta e para não se ficarem por apenas uma organização, acha que para os voluntário terem uma experiência mais satisfatória será melhor chegar e visitar um pouco se tiverem tempo porque alguns voluntários ficam desanimados com o montante de voluntariado que fazem. Quando veem a informação na internet aumentam de tal forma as expectativas que quando lá chegam a perceção que tinham antes não condiz com aquilo que é na realidade. O que serve como sugestão para as organizações também, acha que estas não se devem representar como algo que não são, que devem descrever uma imagem realista daquilo que o voluntário poderá esperar do projeto.



O momento mais especial da sua viagem foi quando visitou umas tribos nas montanhas em Laos e ia parando nas aldeias aqui e ali, onde fazia uma aula de Inglês improvisada quando as crianças o rodeavam e isso era incrível. Acha que muitas daquelas crianças provavelmente nunca teriam visto um estrangeiro. Comenta como a sua experiência mais preciosa foi algo que criou ele próprio sem planejar, surgiu assim no momento.

## **Anexo VII – Transcrição da Entrevista com o Entrevistado 5 (28, Argentina) (em Português)**

1. Por favor, descreva as atividades de voluntariado internacional em que já participou.

Em verdade foram dois, quando eu estava lá em Oaxaca (México), eu participei numa primeira organização, que foi um voluntariado numa organização que faz micro-finanças e turismo social, o meu interesse principal era nas micro-finanças, e o que eu fiz lá foi participar como um instrutor ou professor de negócios para as mulheres beneficiárias dos micro-empréstimos da organização. Na segunda organização que eu participei, eu pedi especialmente para ser aceite como um participante voluntário, que pode também ser considerado como um, não sei a palavra exata, um passante, porque em verdade é uma organização que no México atua como a Grameen, empresa de micro-empréstimo. Esta segunda organização não costuma aceitar voluntários porque trabalham com empregados fixos, é uma organização bastante grande, mas eu tinha muito interesse em aprender o sistema Grameen, na verdade é mais ou menos homogêneo no mundo inteiro. Então, eles aceitaram que eu fosse um passante e o que pediram como compromisso foi que eu me compromettesse a umas horas semanais, que foram umas doze horas semanais, três dias por semana, umas quatro horas, para eu acompanhar eles nas diferentes etapas do processo do método Grameen e no final dos meus três meses de participação eles pediram que eu fizesse um relatório e, também aproveitando a aprendizagem que fiz do procedimento completo, o diretor do projeto do México pediu para eu fazer um manual de procedimentos de funções. Isso foi realmente muito bom porque foi a minha aprendizagem. Então foi bem diferente uma participação na primeira organização com essa outra, porque na primeira organização eu participei como instrutor ou professor e na segunda participei como um observador, pode-se dizer, eu não fiz parte do procedimento. Então na primeira organização é o exemplo mais claro de participação voluntária

2. A participação nas duas organizações foi feita ao mesmo tempo?

Fez pouca diferença, mas iniciei primeiro na primeira organização.

3. Como descobriu a primeira organização?

Foi bem de casualidade, eu cheguei em Oaxaca com dois amigos, com a intenção só de conhecer o lugar. Quando eu cheguei no hostel, no albergue tinha aí hospedada uma menina que estava fazendo o voluntariado, ela estava ensinando o Inglês e computação e conversando, ela me explicou, falou da organização e uma vez que ela falou, eu lembrei que eu tinha lido na Lonely Planet, então soube pelas duas vias, por essa pessoa e pelo guia, porque a organização está na Lonely Planet. Então, depois disso, eu fui pessoalmente falar com a diretora do projeto e bom, aí fiquei sabendo de realmente como é que a organização trabalha e foi por causa disso que eu decidi ficar na cidade de Oaxaca.

4. E a Grameen, como nasceu o interesse de se juntar à organização?

Bom, isso foi uma boa história porque uns anos atrás eu tinha lido livros do fundador da Grameen, Dr. Yunus, e quando eu fui para Oaxaca, antes de chegar na cidade eu fui para a Serra Norte de Oaxaca, nos Pueblos Mancomunados. Lá conheci uma pessoa dos Estados Unidos que falou duma pessoa que tem uma fundação em Oaxaca e quando eu fui visitar essa pessoa da fundação, ela falou do Dr. Yunus, que nessa hora estava dando uma conferência em Oaxaca, então, imediatamente, eu fui para presenciar essa conferência, na Universidade, não lembro o nome, numa Universidade em Oaxaca. E aí, eu soube que a Grameen trabalha no México, então também aproveitei essa conferência para falar com o pessoal de Grameen e foi aí que comecei o contacto.

5. Então ambas as organizações encontrou por acaso, mas ambas trabalham com o microcrédito, já tinha esse interesse?

Sim, o ponto em comum é o microcrédito. Sim, eu tinha o interesse no microcrédito.

6. Se considerarmos os critério que o levaram a escolher estas organizações, apesar de ter relatado que a escolha por estas organizações terem acontecido por acaso e haver esse seu interesse no microcrédito, pensou noutras associações?

Como você bem disse, foi por acaso, mas é sabido que Oaxaca tem muitas organizações que fazem voluntariado, aceitam estrangeiros e têm uma variedade de ações sociais que você pode participar e eu escolhi; é assim eu podia também ter procurado uma outra coisa, por exemplo, um orfanato, mas eu me interessei muito, nesse tipo de atividades como o microcrédito, porque o meu interesse é o desenvolvimento econômico. Essa era a minha motivação e a redução de pobreza também pode ser.

7. Já tinha intenções de se voluntariar no México?

Não no México, mas em algum lugar, não tinha decidido o lugar, mas quando eu comecei a viagem, fazer um voluntariado era assim uma ideia, uma proposta que eu tinha e também continuo com a ideia de fazer um outro voluntariado mais numa granja orgânica que seria no âmbito da ecologia.

8. Quando tinha a intenção de se voluntariar quais eram as suas motivações?

Eu acho que a maior é a aprendizagem, porque se bem que a participação ajuda a comunidade e dá-se uma contribuição, eu acho que a maior motivação é a própria: a aprendizagem no trabalho, participando, é isso.

9. Tinha alguma instituição em mente quando começou a viajar?

Não. Bom, provavelmente sim, essa organização das granjas orgânicas, a WWOOF, essa já conhecia, só que esse tipo de voluntariado ainda não cheguei a concretar.

10. Quando começou o voluntariado com as duas organizações, quais eram as suas expectativas iniciais?

Bem, eu acho que principalmente lograr uma maior perspectiva ou conhecimento do tema e bom, realmente logrei com muito mais do que esperava. Foi o que eu esperava e mais.

11. O que foi que o surpreendeu mais nessas experiências?

O que mais me surpreendeu, aí é difícil. Talvez o que mais surpreendente é comprovar que esses projetos funcionam na realidade, porque eu tinha lido sobre eles, mas uma coisa é quando você lê sobre um projeto social ou uma ideia de ajuda social e outra é quando você interatua com os participantes do programa, os beneficiários e verifica que funciona e que é uma realidade, mas é só vivendo ela que você pode verificar isso.

12. Na Grameen, não havia outros voluntários, mas na primeira organização havia, acha que as motivações das outras pessoas eram semelhantes às suas?

Eu acho que alguns outros tinham uma motivação talvez não tanto de aprendizagem mas de, por exemplo, ter umas férias diferentes. Algumas pessoas estavam lá por bem menos tempo, talvez duas semanas ou um mês e eles queriam fazer uma coisa diferente com o seu tempo de férias, outros realmente queriam fazer uma contribuição, então tinham interesses diferentes. No meu caso, como disse foi principalmente aprendizagem.

13. Na sua opinião, acha que o contributo dos voluntários faz uma diferença para com as comunidades locais?

Eu acho que faz muita diferença, porque todo o trabalho da primeira organização é feita por voluntários, portanto sem os voluntários o trabalho vira impossível praticamente e para as comunidades, eu acho que o maior impacto talvez seja simplesmente receber esse tempo que os voluntários dão de graça para a outra pessoa, eu acho que isso tem um impacto muito alto.

14. Esteve em contacto com as comunidades locais, com as senhoras beneficiárias dos microcréditos, via-se satisfação delas pelo trabalho feito pelos voluntários?

Eu vi, e isso foi o melhor, como eu disse, verificar que esse trabalho funciona e que eles recebem com muito agradecimento e eu fiquei muito próximo dos participantes porque eu dava aulas para elas toda a semana, então eu consegui ficar muito próximo e elas agradeciam muito, elas estavam muito contentes, muito felizes com essa ajuda.

15. Tem como hábito fazer voluntariado na comunidade onde reside?

Não posso dizer que é um hábito, eu tinha feito, antes de começar a viagem, onde eu morava aqui em São Paulo, tinha uma participação voluntária também numa organização também de desenvolvimento social, que se chama 'Pecho', que está presente na América Latina, antes se chamava 'Un Pecho Para Mi País'

16. Disse que voltaria a voluntariar-se internacionalmente, desta vez com a ecologia em mente, mas já tem uma associação em vista?

Bom, eu gostaria fazer, como eu falei, a granja orgânica, mas especialmente o que eu gostaria era um outro projeto de redução de pobreza em outro país.

17. Se fosse a escolher a associação em que critérios é que pensava?

Eu acho que para mim o mais importante é o impacto, não o nome, não o lugar, mas o que mais me interessa é participar num projeto que tem um verdadeiro impacto na sociedade.

18. Na sua opinião, porque é que acha que há cada vez mais pessoas a fazer voluntariado internacional ou volunturismo?

Eu acho que há uma crescente consciência nos jovens, porque eu acho que isso ocorre principalmente com os jovens, uma crescente consciência dos conflitos sociais, da injustiça social e o voluntariado ou o volunturismo é uma das maneiras de tratar de achar uma solução porque talvez o que acontece é que a pessoa faz isso quando viaja porque é quando tem tempo também, eu imagino.

19. Já ouviu alguma crítica sobre o volunturismo?

Eu ouvi, o que acontece é que se estamos falando das críticas do volunturismo que é pago, eu ouvi sim, porque o que maiormente se fala é que você já está dando uma contribuição muito grande com o tempo e então se além disso você tem de pagar só para poder participar então isso

é muito duvidoso porque é pouca a explicação que você pode dar para isso. Qual seria o motivo pelo que você tem que pagar? Eu, pessoalmente, não paguei nunca até agora e duvido muito que eu pagaria, porque eu concordo que por exemplo a WWOOF, ela tem um custo de participação na comunidade porque a organização tem custos para suportar, mas não é uma pessoa pagando a participação, você só está contribuindo para o custo da organização, é diferente. Então a crítica é essa, você já está dando uma contribuição muito grande com o seu trabalho e o seu tempo e então não tem uma justificativa que você tenha que pagar para participar

20. Se tivesse que dar uma sugestão às organizações com quem trabalhou ou àquelas que já investigou para uma futura contribuição, qual seria a sugestão que faria? Ou alguma iniciativa que acha que seria útil?

Eu acho que talvez as organizações deveriam fazer um maior esforço para ter uma maior presença entre os jovens principalmente entre os jovens que estão na universidade ou ainda na escola secundária, porque assim talvez muitos mais jovens participariam se tivessem um maior conhecimento de tantas alternativas que se tem para fazer uma participação, nem sempre precisa ser uma coisa em outro país, pode ser no mesmo país, pode ser talvez em outra cidade. Eu acho que os jovens têm a disposição, mas muitas vezes eles não conhecem as alternativas, as possibilidades.

21. Quer partilhar alguma experiência ou algo em especial que tenha aprendido nestas duas atividades que teve.

Bom, eu acho que em geral, eu digo que as duas participações que eu tive lá no México são o antes e o depois da minha vida, porque uma coisa é quando você tem uma ideia de como seria ajudar e outra coisa quando você vive essa conexão com as outras pessoas, porque quando você percebe essa conexão com a sociedade, como elas agradecem, você disfruta dessa relação, desse relacionamento, você fica realmente muito, muito, muito motivado para fazer uma outra coisa. Então eu acho que, uma vez que você fez pela primeira vez, você não vai deixar de fazer, vai sempre querer fazer mais uma coisa e a tua consciência social muda, então mesmo que você não faça uma outra participação como voluntário, você que adquire uma outra visão sobre a

sociedade, sobre o teu comportamento. Então eu fiquei muito feliz de ter feito isso e como muitos dizem o que você dá é muito menos do que você ganha, você recebe muito mais daquele tempo que você deu ou o dinheiro que gastou, o que você ganha é muito mais.



## **Anexo VIII – Transcrição da Entrevista com a Entrevistada 6 (31, E.U.A.) (em Inglês)**

1. I'd like to ask you to describe your international volunteer experience.

Well, I've actually had a couple. What happen was, back in 2012 I left the United States with the goal of travelling and volunteering in different countries around the world. I had been working really hard in a job that was very much focused on making money and career advancement and it gotten really burnt out and so I wanted to go and do something simply because I loved it and I was passionate about it. So I've actually had quite a few experiences over the past two years since I left the united states, because I left in September of 2012. The first experience that I had was in Iceland and that volunteer experience was an interesting one, it was done through the website called Help Exchange – it's HelpX.net - and Help Exchange is like WWOOFing in the sense that as a volunteer you provide your time and your labor and then, in return, they provide you with accommodation and/or food, so my first volunteer experience was actually working in a youth hostel on the south coast of Iceland and I did that for about a month and a half and I was volunteering in the hostel, so helping, like prepare breakfast and take care of the guests, do housekeeping and that sort of stuff and that was kind of, to me, that wasn't volunteering like any other projects that I did but it was kind of an opportunity for me to unplug from how intense my job gotten back in the United States and just kind of just do a job that didn't require a lot of skills from me but still helps me reduce my travel expenses because I wasn't having to pay to stay somewhere but I wasn't in a job that was requiring a lot from me that would cause me stress and everything, so that volunteer experience to me, that one was just kind of a way of like, spending some of my time and feeling productive but also taking a break from real life back home, what I had left. The next country I went to was Vietnam, and I was there for three months and it was about a month and a half of that that I was volunteering. I was in the northern part of the country, in Hanoi, the capital city. When I first got to the country I did not have a project set up, I had a friend who lived there and she had been there for quite a few months at that point and she was able to introduce me to a couple of people and just stuff started to kind of pan out so that was interesting, kind of going there and looking, looking, and looking, I spent quite a few weeks just trying to find a project I could be involved in and I ended up volunteering with, the organization was called Action for Vietnam Heritages and the project itself was called Action for Ha Long Bay and when I applied to

volunteer on the project it was just to be a volunteer in a 10-day, what was described as an eco-work-camp and so there were going to be a lot of like presentations and like cultural exchange things going on but also doing kind of some light activism, doing big, what do they call it, Flash mob kind of thing do draw attention to the marine pollution that's going on in Ha Long Bay, which is a Unesco World Heritage Site. I'm really interested in marine conservation, I'm a scuba diver, so that was really important to me. So, when I applied to volunteer, one of the option on the application asked if you would be willing to take on leadership roles within the camp and I said absolutely because I'm naturally a leader, I just have the personality for it and I'm comfortable leading groups and talking in front of people and so I had an interview with them and they took me on as a volunteer and then a couple of days later they asked me to be the camp leader to actually lead the 120 volunteers that we had from all over Southeast Asia, so I went from going into the experience thinking that I was just thinking I would be one of many and then within a weeks time of being accepted on to the project suddenly I was going to be in charge of leading the experience, which was really interesting, the cultural differences between what I was used to organizationally in the United States compared to what I experienced in Vietnam was probably one of the big things that I was challenged with during my time working with them, a lot of it was quite unorganized until like the final hours leading up to the beginning of the 10-day camp, but we had, like I said 120 volunteers primarily from Southeast Asia but we had people from the Philippines, and Japan, Thailand, Indonesia, Malaysia, Cambodia, and then as far as western cultures, there were less than 10 people, like we had a couple of Australians, a couple of people from Ireland, I was the only American, so it was primarily Asian culture involved in the group. It was interesting because to me I had gone into the project thinking that I was going to be learning a lot about marine conservation and about what was going on in Vietnam as far as the action that was taken to preserve their environment. Essentially what I learned is one to none, there's not very much happening there to take care of the environment. But anyways, I gone in expecting one thing, I was expecting to learn about the environment and instead I ended up learning about the culture and granted I had the opportunity because as the leader for the camp I ended up sharing a lot of the knowledge I already had just from having grown up in the United States and having experienced a lot of what I consider as common knowledge that was just presented in school or presented by my parents, my family, I shared a lot of the basic knowledge that I had with the other volunteers who, to them it's just a different culture there and they're just catching on with the "green

movement”, you know, recycling and reducing your waste and using products that are more gentle on the environment, so I think that’s probably, that was the big startling thing about that project, was that I went in to it expecting that I was going to be learning a lot about marine conservation, instead I was learning a lot about the culture and then I was also sharing and teaching just the knowledge that I had from the resources that had always been available to me throughout my life. And I think that that’s probably, that’s a very valuable lesson I learned as a volunteer to go in, you know, don’t go in with expectations, because chances are like it’s never going to be what you’ve expected to be and then as a volunteer to really be open minded, being flexible, to fill the position and fill the role that the organization needs you to fill, even if it doesn’t fit in what you were expecting to do, because obviously when you get there and they’re asking you: ‘We need your help with this’, like as a volunteer, unless it’s a task that is not appropriate or something or you know, or illegal, of course you shouldn’t do it, but in most cases it’s like, just everyone has to do what needs to be done to get the project to work. So, anyway, we had this 10-day work camp, you know, we lead workshops, we had speakers, we did a couple of big talks in the public, we went to a couple of schools and spoke with them, having our Vietnamese volunteers doing translations for our western volunteers, so that we could speak to everybody, just trying to get a lot of attention from the media to draw some focus on the issue at hand. However, the continuity of the project, cause I remained friends with a lot of people who were involved in it, following my departure from Hanoi and like leaving the organization behind, I don’t believe that they continued to do work on those efforts and to me, I guess I feel a little sad about it because there’s, you know, we put so much work into that 10-day camp and in really increasing everyone’s awareness and teaching so many people about it, but then a bunch of us who weren’t Vietnamese, like the people who left and moved on, you know, whether they were travelers, a lot of students that came to that work camp and that was it but to know that they didn’t continue with the project it seems like all the work that we did may have just, sort of, just kind of fell into oblivion. It’s like it didn’t... It makes you wander like what we did, did it even matter? And maybe not necessarily locally for action for Ha Long Bay and for the area, but I know that through the other volunteers that I worked with and the friendships that I made and the people that I continued to work with and speak to now, primarily through facebook and be in touch with, I know that I impacted their lives and I taught them and I shared with them, something about my life and that they did the same for me and so, even if, you know, we didn’t change and save Ha Long Bay from the marine pollution that they’re

facing, I know that I was able to change the lives of some other people who continue to hopefully pay that forward and share that message with others in their communities, so... So, that was Vietnam, then I went to Cambodia. In Cambodia I was living on an island called Koh Rong Sanloem and the project that I was working on is called Marine Conservation Cambodia and when I went into that project initially I just knew that there was going to be marine research and surveys being done and I had initially committed to be in on the project for a month time and essentially they collected a small fee from volunteers to pay for the maintenance of the diving equipment and the purchase of the dive equipment and also their food and accommodation but we were living in really basic housing, they were bungalows out on this island. Within the first week and a half I fell in love with the work that we were doing. We were doing what is called reef check methodology for coral reefs and so we were collecting data and doing surveys just to monitor the coral reefs in this area and then we were also doing deeper water seahorse research in the seahorse habitat that was near the island. I really enjoy scuba diving and the location that we were in was just this little village on this island and it was just really beautiful and it was welcoming and I loved it and so after just being there a couple of weeks I started saying – I want to stay longer. And it turned out that the volunteer coordinator was actually going to be finishing there and she was going to be going home to Denmark and so I told them that I would be interested in committing for a longer term, to work with them on a longer term and so I stepped into the role as their volunteer coordinator and when I did that, I no longer had to pay to volunteer, which was great, so my accommodation and my food was covered and I received a small stipend from them to help cover my costs, like when I had to go back to mainland to pick up the new volunteers and things like that. So that was a really enjoyable experience, just being away in a tiny little island and away from city life, and away from cars and traffic and you know it wasn't overcrowded and we had volunteers that we literally from all over the world, primarily though a lot of Europeans and Australians and North Americans. We didn't have very many people who wasn't from there, we only had one girl who was from South Africa, we had one girl who was from South America and we only had probably three Asian volunteers during that time. When we had approximately like 25 to 30 volunteers on the project at any given time and they were coming and volunteering with us for, it was a required minimum of two weeks because of the time it took to train them to do the marine surveys before they could actually start helping us do the surveys themselves, but the volunteers would come from anywhere between two weeks up to several months, I ended up staying there

for a total of 7 months so it was just funny because it was those things where I went in expecting – oh you know, maybe I will stay a month or two and then I really liked the work and I really enjoyed it. But the work that we did, we also did beach clean-ups around our village and going to different beaches and picking up rubbish off the beaches and collecting it in little landfill that we had on our project site. We also taught English to the kids in the village and a lot of the volunteers, so yeah it wasn't just a marine conservation project, they also kind of integrate the village as well. For the most part we were welcomed by the people who were there and I think that primarily the volunteers were a source of income for them, you know, we would go to their little, they had tables in front of their houses selling food and fruit and things and we would go and buy snacks from them and on the weekends and in the evenings we would go and have like beers in the village and you know like drink it in like the bar that was also someone's house. So, it was like, I think they received us well because we were income to them, but additionally the kids really enjoyed hanging out with us and learning English with us and so even if we only had like one hour of English teaching a day, they would still stop us in the village and talk to us and we could go and like, you know, just hang out with them and play with them and at the same time it was kind of known that there were families in the village that weren't happy we were there because they, primarily so the focus of the marine conservation project was to not only protect the coral reefs that were around there through basically having them turn into what are called marine protected areas, so we were working with the Cambodian government to get these areas sanctioned as marine protected areas but also trying to work to get laws passed about how the locals could fish on and around the reefs because some of the fishing methodology that they would use was damaging to the reef or was fishing in areas where they were considered nurseries so was where all the small fish were and so instead of taking the larger fish that have already reproduced out of the water they're taking young fish that had in so it just wasn't sustainable fishing and so we were trying, we did a really good job there, from what I understand during the first three years of the project being there, there had been a significant change in like teaching the locals about that and that the catch that the fisherman were bringing in was much bigger, the families were healthier, the children were healthier. At that point, I was there from March 2013 until October 2013 and during that time the project had been there for just over five years and so it was pretty well established. The village knew who we were, what we were doing but still there were a couple of families who didn't, who felt we were intruders who were coming in and trying to change their ways and you know, their traditional ways of fishing.

Anyway, when they used the traditional way of fishing with the wooden traps and things, that would be sustainable fishing but the guys who would use what are called trawling nets would damage coral and plant life and the habitat on the bottom of the ocean and just that wasn't good, the way the way that they were doing it wasn't good. Anyways, that was the only pushback that we received but that was nothing that the volunteers day to day really experienced, I think I was more aware of it because I was there longer and I was working closely with the founder of the organization and a couple of other staff members who had been there for quite some time and they were able to tell me stories about the kind of things that they'd encountered over the years, so I don't think the average volunteers were very well aware of that and we decided not to, well not me, I didn't make the decision personally, I think it was just an unspoken thing between the staff members to not share those negative aspects of the project with the volunteers that were there for a shorter time. So, anyway, that project was really interesting, engaging and I met and worked with so many people from around the world and I think that in itself was a really awesome experience because having the opportunity to work alongside people from other cultures, with different beliefs and different values and literally work with them and eat all your meals with them and live with them day in and day out, day in and day out for weeks if not months, you kind of, you have this opportunity to really get a good understanding about other people's cultures, like I made friends with a couple of Danish girls, I'm still very close with, like we skype all the time, I worked with quite a few Dutch people who I have such a respect for Dutch people now, because of like the work ethic that, you know, experience with them and a few people from France and it was great working with them because as an American I had these like ideas and stereotypes of what French people were like and it was really great to have a chance to work with them and learn from them and just kind of do away with all the stereotypes that I had formerly had. So the project was about marine conservation but for me again it was about like learning about other cultures and getting a better global understanding of people who come from different countries and different parts of the world.

2. How did you find the second institution?

The second one I had actually found them on an internet search before I had even left the United States and I had made initial contact towards them and then had actually forgotten completely all about them until I was getting ready to leave Vietnam and I was going through

my emails and I came back across this email and I didn't find them from whatever call I was just doing basic like google searches like marine conservation and then using different country names or marine conservation in south east Asia to see like what projects were available out there but it wasn't through anything but they are connected with a program called Project Abroad and Projects Abroad is actually based in the UK and they are a sending organization that young people can go to Projects Abroad and say I want to work on a conservation project and this is the part of the world I want to go to and Projects Abroad helps them get setup and it can be, well the fees that the volunteers pay cover to pay for all the administration costs and the people, the people who are on the ground, the staff, you know, pick these volunteers from the airport and get them transported to their accommodation and then transport them to the project site and all of that and Project Abroad does a really wide variety of different projects of everything from like care and teaching and political and journalism sort of stuff and they have a whole conservation branch that they do so volunteers can come to the project either through Project Abroad, which is a sending organization or they can connect directly with Marine Conservation by contacting them directly and just saying I want to come in and work with you guys and they can just work with the organization direct and that what I had done initially, I wasn't even aware of the Projects Abroad aspect of it until I had arrived there and that caused an interesting dynamic between volunteers, because volunteers who came through Projects Abroad they came through with a lot of support and they were also paying a higher fee to be there than the people who set up directly through Marine Conservation Cambodia.

3. What was the age range of the volunteers in both organizations?

So for Action for Ha Long Bay the age range was primarily, they were primarily university students, the youngest volunteer we had there was aged 17 but mostly they were between the ages of like 18 and their early 20's. The oldest volunteer though that we had on the project was, I think he was 41 or 42 and he was one of the men from Ireland, but primarily I would say like 80 to 90% were in their late teens / early twenties. At Marine Conservation Cambodia it was a lot different, it really ranged in age from 16 year olds all the way up to people who were on career breaks and people who were coming there with their families like in their 40's and 50's. The average range though was again like gap year students, you know, between high school and university or between university and work but the project in Cambodia saw a

lot of people who were taking time off from their career to do a bit of travelling and do volunteer work to be there.

I think with a lot of the younger people that I saw in Cambodia, a lot of them did it because it was a chance for them to travel and be away from home and be in a different country but also be supervised. Specially with the students who were you know 17, 18, 19 years old, like a lot of them, their parents were paying for the trip and so their parents were like, well, you're going to do it this way and then that way they know that their child is going to be picked up from the airport and transported from place to place and that they would be like supervised and that they would have that support staff on the ground in case they got sick or anything happened to them and that was all, you know, through the Projects Abroad process whereas straight through Marine Conservation Cambodia we were seeing people who were more independent travelers like myself who found the organization on their own and contacted them directly and with Marine Conservation Cambodia we would get a lot of volunteers who were making their way travelling through Asia and they would just stop by and just stay for like, you know, maybe 3 or 4 weeks max before they move on, which was the route that I was going down but then I ended up staying a lot longer because I enjoyed it so much.

4. Do you usually volunteer back home or in the community you're residing?

Yeah, I had, I grew up, like, I started with Girl Scouts when I was little and volunteering was part of Girl Scouts, so that's where it kind of begins for me and then when I got into high school I joined several clubs but I ended up sticking with interact club and interact club is a Junior Rotary International and so we were working a lot with Rotary Clubs locally and my work with them actually really helped me when I went to University I ended up getting some scholarships and stuff because I've done a lot of community work and so I was able to pay for a lot of my University through the scholarships and the tuition that I received because I had been active in my community and then again when I was in University, that was actually the peak of my volunteering, I was like working on the student orientation team, I was working on our Hall Council, I was writing for my student paper, just doing a lot of different things, at the American Cancer Society, I did a benefit concert for them and did fundraising for them every year, so just doing a lot of things there and the thing was though when I left University and graduated, I didn't have like an outlet for that, the pre-existing clubs and organizations around



me, I didn't have that when I first began my professional career, you know, it wasn't as easily accessible to find groups to be a part of to volunteer with and so I kind of lost touch with it for a few years and started to get back involved in my community a couple of years before I left so, for about two years, from 2010 to 2012 I was volunteering with a local organization, just doing a couple of hours per week, which I guess is probably more than the average American but anyways when I left home though I was considering going into Peace Corps and actually committing the two years to Peace Corps. So I was considering volunteering for them but when I was looking into doing my application I had had a conference call with a representative and then an ex-volunteer from the Peace Corps and I was telling them about how I was having a lot of interest in sustainable living and marine conservation and that sort of stuff and that I would like to work in a community where I could help, you know, share that with people and teach people about it and essentially what they told me was because my educational background isn't in that, you know I don't have a teaching degree, I don't have a marine biology degree, but I studied communication, I studied Public Relations and Advertising, so I know how to speak to people, I know how to get a message across but I didn't have the particular skills in what I wanted to do and so at the Peace Corps at that point, I'm a willing volunteer, I'm willing to commit two years to you if I can work on a project like this and the Peace Corps told me before I would be considered as a competitive candidate for the program that I would need to have at least six months of work or volunteer experience in that direction, in that field where I wanted to go into with them, which was really funny to me, wait a minute, I've got to volunteer for someone else before I can volunteer for you? That doesn't make any sense at all.

5. Are you aware that Peace Corps are changing the application?

Yeah, I actually just saw that on the BBC probably within the last week or two that they are changing the process and making it a lot easier to do and it can be done online now, they're trying to attract a broader background of people with broader skills and interests, I'm actually considering that for something I might do to finish this world tour that I'm on right now.

6. Also they're giving the possibility of shorter volunteering service instead of two years, there are programs for 1 year and they are even considering 6 and 3 months projects.

Oh wow, I need to check into that. One of the girls that I had worked with at Marine Conservation Cambodia, she had just finished two years on Peace Corps and she was taking a few months to just travel in Asia and live abroad for a little while before she went back home to start Grad School. But speaking to her about her experiences, she kind of had that feeling that two years was just a little too long to be on the one project, she also believed how important it was to have a longer term volunteer and I witnessed that at Marine Conservation Cambodia because the volunteers who only came for a short period of time they were almost a hindrance to us because we didn't vest a lot of time into training them and getting them oriented in the project, which could take up to a week and a half to two weeks time and for those who were only staying two weeks or three weeks, then they'd be trained up and then they would be leaving and moving on, so we found that the volunteers that could stay like for a minimum of two or three months were the ones that were much more precious to us, we loved them a lot, because not only could they be trained fully but then we could also have them, we could teach them everything they needed to do to actually train other volunteers and pass that knowledge along. So, having volunteers who can commit the time versus people who are like "Oh, I'm going to go on holiday, and I'm going to spend a week volunteering and a week travelling", like, those types of volunteers aren't good for these organizations at all because generally, unless doing something like physical labor that doesn't require a lot of training, a lot of technical training and that's great and any organization can use an extra set of hands but when it comes to stuff like, even working with kids like you've got to build that relationship with them and if you drop in and your like "Oh, I'm going to teach English in an orphanage for a week" for those kids you're like one of the hundred volunteers that they've probably seen in the last year and children don't need that, they need someone that will like hold them accountable to be there in class, someone who's going to work with them and who will remember their name and be there for when they're happy, and be there for when they're sad, and be there for when they have their successes and they're learning their language, so it was just something that, when you talk about Peace Corps, you know scaling it back to allowing people to do Peace Corps volunteering for just three months I don't know if I'd necessarily agree, like cutting a project or the commitment to be in a project for two years down to three months, because I've first hand seen what a volunteer can do when they commit to being with a project, and spending a good chunk of time versus you know just like appearing and scrambling to get as much done as they can and then leaving again.

7. Speaking of the people that volunteered with you, you spoke about their motivations, basically going abroad for the younger students and having some experience and the older volunteers to escape from their normal life or in between careers, would you have something else to add to that?

I think that I definitely saw a couple of people who seemed to maybe have joined the project and this is relating to Marine Conservation Cambodia, I don't know about in Vietnam, but in Marine Conservation Cambodia I've seen people who joined the project because their friends and their family thought that they were going out to do something very altruistic and very helpful to Cambodia and helpful to the marine eco-system and our environment, but then on the other side, you know we would have volunteers who would show up for the first week they would really work hard and then they would shift and it was pretty much turn into pretty much a vacation for them and because they were paying to be there they were like, "well I don't really have to work that hard" or they'd go out and party and wouldn't take the volunteering work very seriously for very long and that's something that we'd generally saw happen with the younger people, specially the ones who had not been away anytime before, like the ones that were a little less mature and so, you know, but they'd still be taking photos of like "Look this is me out on a beach clean" and putting those types of photos on Facebook and everything but then in all reality they did one beach clean or two beach cleans and the entire two months they were there because we couldn't get them out of bed because they were too hung over from drinking the night before.

8. I've read about some volunteering experiences in which the local youth would try to imitate the foreigners, and the communities thought that was a bad influence on their youth, have you witness anything like that?

We've had a few of the younger men in the village that would drink and instigate like partying with some of the younger men and the younger volunteers that we had on the project but it would be difficult for me to say who was influencing who but granted like I think that when you are taking teenagers and twenty-somethings out of big cities in Europe and you're putting them on a tiny little village in Cambodia, chances are, those kind of guys are going to

have more of an influence on the locals than vice versa, but I know that there's a drinking culture within Cambodia, specially between the men, it's part of it, so I wouldn't feel comfortable saying one way or the other but I mean we are definitely interacting with the locals and I know that they would take queues from our style, like our style of dress and they'd be learning language from us and learning like slang words from us and that sort of stuff, so I know that we were influencing them but it would be a stretch to say that it was all a negative influence.

9. Since you mentioned you'd like to volunteer internationally again, if you had to pick the organization now, what would you take into consideration?

Well, I actually did a third volunteer project when I came down here to Australia, which I haven't talked about and it was actually working for a museum taking kids out on beach walks and picking things off the beach and I was teaching them about the different animals and plants that we were finding but also about human pollution, like the trash going out into the ocean, but I only did that for about three months' time and it was only two or three hours twice a week, so it wasn't, I was actually working at that point, like I had to get a job to start paying for living because you can't volunteer permanently.

As far as what I would look for in future projects, for me, I believe that, when you're volunteering somewhere, specially if you're working, you know, what would be considered full time, like somewhere between 30 and 40 hours a week that you're dedicated to this voluntary organization, I think that it's important for those organizations to provide accommodation and food, if you are going to dedicate your time to them and that's what I'd be looking for if I decided to go back to be a full time volunteer, because that's how I sustain that lifestyle. My savings can pay for a lot of little things outside of accommodation and my regular meals but when it comes down to it, it's like, you know, having the ability to stay in Cambodia for seven months and work on that project, I wouldn't have been able to do it if I was having to pay to volunteer the whole time, so that would be my number one factor, the second thing that I'd be looking for would be the cause that I was working on, what I was doing, I want all of my volunteer experiences to be able to relate to the direction in which I am guiding my career so I want to use my time to better myself and to better my experiences so that when it does come time to get a full time job that the work that I've done with my volunteering is something that I can put on my CV and that was actually very much the case when I came to Australia because

I am now working full time here for a youth development organization that does sailing with young people, like we take them out and we teach them sailing but we also do like leadership and teamwork building and communication building and I know for a fact that if I didn't have the volunteering experiences that I've had for the past two years, if I didn't have those on my CV, there's no chance that I would have gotten the job that I have now and you know the overall reason why I've been pursuing the projects that I've been working on is because when I left the United States and I left my job behind I had no desire to return to the industry that I was working in, I want to work in environment communication, I want to teach young people the importance of taking care of our oceans and you know, taking care of the planet in general but in particular I'm just very passionate about the marine environment and so through my volunteer work everything that I do I wanted to continue to lead my life in that direction and to like, eventually turn this, even though I'll always be a volunteer, I'll always be doing projects like this on the side throughout my life and eventually, like, I'm going to need to have a good paying job but still it would be something that is rewarding and beneficial to the planet and you know taking care of our natural spaces and taking care of the environment and so, every experience that I pursue it's all about kind of guiding my life in that direction, you know, I'm not going to go and work in an orphanage and, you know, feed babies in orphanages but some people who are carers and who want to work in you know, work as a teacher in a classroom like, that's a really good opportunity for them to work with children in that context but like everything that I am going for is with that goal in mind of moving my career in a new direction. So, those would be the two big factors that I would look for in any future projects that I take on.

10. In your opinion why do you think that voluntourism is getting so much attention and pursuit?

Well, I think that with the invent of voluntourism, the combination of travelling to a far away country and you know getting a chance to meet and work with the locals through volunteer projects but then also spending time being a tourist and getting to see like, you know the sights and experience the country I think that that's a really good balance for people to experience, at the same time I feel like people who do it on a short term like, you know, "oh I have a two week vacation and I'm going to go spend a few days volunteering and then the rest of the time I'm going to travel, like I was saying before, I don't feel that's very beneficial to the projects and

so I wonder sometimes if a lot of it is driven by trying to make, through the use of social media or whatever may be, trying to make oneself look more well rounded and make it look like you're a better person, so instead of, you know, just taking a two week holiday off to travel, "oh well you know, she's so great because she didn't take all that time for herself, she's giving back and working on such and such a project" and I think it looks good in the light of the eyes of your friends and your family, I think that's part of it with the shorter term voluntourism type of project and the other, for the longer term, for the people who are able to really go and invest their time, I think people of my generation, like people who are in their twenties and thirties right now, I think with where globalization is going we're all just so much more aware of what's happening in the world and the role that we play and I feel like our generation feels like they have the power to make a difference and so, you know, whether it's the people who, you know, maybe they don't want to go and travel and be abroad, and be international for a long period of time but they find something that they can work on in their own community, I think that people are starting to understand that yeah it's a giant world we live in but every action that we make counts and so, I think that that's probably a driving factor for volunteering and specially if you have the ability to take the time to do it, you know, I think that you have to come from a certain type of background to have, you know, the financial stability or even the support of your family to go and volunteer long term in a different country, you know, you don't see people who are living in poverty, they're not leaving home to go and travel abroad and volunteer if they're scraping it together to feed their families and so I think it's very much a trend of like the middle, upper-middle class, because you've got to have money to be a volunteer, it's generally how it works.

11. Are you aware of the criticism of the growing trend – voluntourism, specially in the media?

No, I'm not sure what you're talking about.

12. For instance, related to what you've mentioned earlier, there is a newspaper article called "Getting in touch with your inner Angelina" where they criticize young women that go volunteer abroad in orphanages and take pictures of themselves with disadvantaged

children and paste them on their Facebook profiles and they question how those people might not be doing something so altruistic after all. So, you're not aware of the criticism?

No, no I haven't heard of that, but I mean, it makes absolute sense to me and that's just through my personal just observations that I saw some of the people that I've worked with in Cambodia like "look at me, I'm so popular, look at all my beautiful friends that I'm surrounded by" or like "look at me, pay attention to me, look at what I'm doing, I'm so great", yeah, it's part of it and I mean, at the same time too I mean I'll be the first one to admit like that I have a blog, I write about my experiences on my blog, I share photos on Facebook, I tell people about it and part of that is to inspire people to travel and part of that is to also show people that volunteering abroad is not, you don't have to be incredibly wealthy to like leave your job behind and go do it, you just have to do it smart, you know you have to find those projects that, you know, if you're able to commit the time to them that they can help you sustain your livelihood so that you're not, you know spending hundreds if not thousands of dollars to support yourself while you are working for them, you know? And I do share a lot of my stuff with people to help them understand that and to see that. And, yeah, it feels great when people comment on my photos and give me the little thumbs up, that little like and I know that they're involved and part of that is because I'm making a difference and part of that is because it feels good to have the attention, you know, but yeah, it's a part of it on every single level and I think social media is like just really changed the social landscape for us as human beings. Even if they don't particularly ever plan on, for instance, support Marine Conservation Cambodia just because they're so detached from the work there and the place and everything like that, I know that my actions can help them be like, well I bet you there's an organization closer to home that I can get involved with, you know, if she can leave her life behind and go travel halfway around the world and go work full time for a non-profit organization and doing this sort of stuff then maybe I can commit an hour a month or an hour a week to a project that is here closer to home, so just trying to inspire people a little bit at least.

13. Would you like to share an experience or something in particular you learnt?

Yeah, actually there is, there was an instance that happened on my project in Vietnam that stood out for me in particular and like I said I gone into the project thinking like this is

going to be about Marine Conservation and you know it ended up being a big cultural learning experience but I was working with a young man who is in his early twenties, he's about 10 years younger than I am and he and his family are Vietnamese, he's grown up in northern Vietnam and he was telling me about how in the American-Vietnamese war his grandfather's house was bombed by Americans and when that happened his grandfather lost his leg but he also lost quite a few of his family members including his uncle, his grandmother, quite a few and obviously the uncle was a child at that time but nearly the entire family wiped out when this bombing happened but his grandfather is still alive, getting around on just one leg and he was just a civilian, he was not involved in the war at all and he was telling me how even though he was not alive during the war that he knows a lot about it and he still feels it in his family because there is so much loss there, is so much family lost and from my side of things, my stepfather was involved in the American-Vietnamese war but he was on the American side of things in the navy and I've heard stories about the service that he did, you know, when he was working as part as a military in that war and it was a very traumatizing war, I think for both sides, my stepfather lost many friends in it, he was very fortunate that he was never hurt but that war left for him lifelong memories and damage that he experienced, so anyway, it was really interesting hearing my friend Nghia his perspective on it, with his family and I shared mine as well and I told him from my father to your grandfather we send our apologies and I'm so sorry that your family was hurt so bad, I was very struck by what he said to me, he was like: 'No, no, no, you do not need to apologize because it was not your father, it was not my grandfather, it was none of us that were fighting, it was our governments and you don't have to apologize and I love you as a sister and that war that our countries went through it doesn't mean anything to us because we are here and we are doing good things together' and to me that was, just having that moment with him, I don't know if he'll always remember that conversation but that's a conversation that I will always remember because it was just such a striking exchange of culture and of experiences and of memories from two very, very different perspectives and neither one of us was there for the war and granted it is still very fresh in the memories of the people who were alive for it, so that's just another one of those things, going into a volunteer experience, I wasn't thinking I was going to have anything like that happen to me, you know that cultural exchange and it's just like it helps you have such a better understanding of the human experience from a different perspective, it's so important. It was just like mutual forgiveness.



When I had initially told my stepfather that I was going to go to Vietnam he wasn't very happy with that choice because of all the negative feelings, the negative emotions that he has towards that country just because of the war, not currently with anything they're doing in modern times, but because of the war and he wasn't very happy with me but he said, 'If that's where you want to go you can go there, I'm not going to try to stop you, I'm not going to try to talk you out of it, like, if that's where you need to go then do it, but it's very hard for me that my daughter is going to a place that I have such bad feelings about, then it was a couple months later he and my mom were actually taking me to the airport and we were having lunch before they were taking me and saying good bye to me and my stepdad said to me 'I feel different about you going now and I wanted to let you know that I changed my perspective because I feel that you can go as an ambassador for not only America but for me, and you can go and you can represent and you can show people that we're not the war and we're not the bombs, and the blood, and the agent orange like, you know, we are people too' so it was really great, I kind of felt like I had his blessing at that point and then of course when I had that conversation with Nghia about his grandfather and his family, it's all just like it came full circle, so, and that's not something, like, you know, prior to this trip I hadn't dreamt of, you know, someday I'm going to go to Vietnam, it was just like it kind of, I had a friend living there and things like just fallen in place to go there and it ended up being such a huge learning experience for me, because it was the first Asian country that I'd gone to but considering how the recent history of the American and the Vietnamese countries are very intertwined, it was something that I experienced throughout my trip there with a lot of interaction, and when people found out that I was American but when I was volunteering with Nghia, having that experience with him, working alongside him and everything and then having that exchange was really, really special.

So world peace through volunteering!